UNE ✦ SACRA

Esoterismo

A Chave Pictórica do Tarô̂

✦ ✦ ✦

Arthur Edward Waite (cartas de Pamela Colman Smith)

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	Arthur Edward Waite (cartas de Pamela Colman Smith)
Data	1910 (edição ilustrada de 1911)
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir do original inglês
Fonte	Wikisource — The Pictorial Key to the Tarot (A. E. Waite, 1911)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Chave Pictórica do Tarô (The Pictorial Key to the Tarot), de Arthur Edward Waite, saiu em Londres em 1910, ilustrada no ano seguinte com as 78 cartas desenhadas por Pamela Colman Smith sob a orientação dele — o baralho que ficou conhecido como Rider-Waite (ou Rider-Waite-Smith), lançado pela editora Rider em 1909 e até hoje o mais usado e copiado do mundo.

Waite, estudioso do ocultismo e membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada, escreve como místico: na primeira parte trata da história das cartas e desfaz a lenda de que o Tarô viria do antigo Egito; na segunda explica o simbolismo dos 22 Arcanos Maiores; na terceira dá os significados divinatórios das 78 cartas, normais e invertidas, e métodos de leitura, entre eles a tiragem da "cruz celta".

Nesta edição, cada carta é um capítulo, com a imagem dela: nos Arcanos Maiores, a descrição da Parte II vem junto dos significados da Parte III; nos Menores (Paus, Copas, Espadas e Ouros), a descrição e os significados vêm junto dos "significados adicionais" do livro.

A introdução de Waite fica no começo e os métodos de leitura, no fim. As notas de rodapé foram omitidas. Texto e cartas estão em domínio público.

Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/The_Pictorial_Key_to_the_Tarot

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Prefácio

Parte I, § 1 — Introdução geral

Parte I, § 2 — Os Trunfos Maiores

Parte I, § 3 — Os quatro naipes

Parte I, § 4 — O Tarô na história

Parte II, § 1 — O Tarô e a Tradição Secreta

O Louco (0)

O Mago (I)

A Sacerdotisa (II)

A Imperatriz (III)

O Imperador (IV)

O Hierofante (V)

Os Enamorados (VI)

O Carro (VII)

A Força (VIII)

O Eremita (IX)

A Roda da Fortuna (X)

A Justiça (XI)

O Enforcado (XII)

A Morte (XIII)

A Temperança (XIV)

O Diabo (XV)

A Torre (XVI)

A Estrela (XVII)

A Lua (XVIII)

O Sol (XIX)

O Julgamento (XX)

O Mundo (XXI)

Ás de Paus

Dois de Paus

Três de Paus

Quatro de Paus

Cinco de Paus

Seis de Paus

Sete de Paus

Oito de Paus

Nove de Paus

Dez de Paus

Valete de Paus

Cavaleiro de Paus

Rainha de Paus

Rei de Paus

Ás de Copas

Dois de Copas

Três de Copas

Quatro de Copas

Cinco de Copas

Seis de Copas

Sete de Copas

Oito de Copas

Nove de Copas

Dez de Copas

Valete de Copas

Cavaleiro de Copas

Rainha de Copas

Rei de Copas

Ás de Espadas

Dois de Espadas

Três de Espadas

Quatro de Espadas

Cinco de Espadas

Seis de Espadas

Sete de Espadas

Oito de Espadas

Nove de Espadas

Dez de Espadas

Valete de Espadas

Cavaleiro de Espadas

Rainha de Espadas

Rei de Espadas

Ás de Ouros

Dois de Ouros

Três de Ouros

Quatro de Ouros

Cinco de Ouros

Seis de Ouros

Sete de Ouros

Oito de Ouros

Nove de Ouros

Dez de Ouros

Valete de Ouros

Cavaleiro de Ouros

Rainha de Ouros

Rei de Ouros

Parte II, § 3 — Conclusão sobre as Chaves Maiores

Parte III, § 1 — Arcanos Maiores e Menores

Parte III, §§ 2–4 — Sobre os significados

Parte III, § 5 — Cartas repetidas na tiragem

Parte III, § 6 — A arte da adivinhação pelo Tarô

Parte III, § 7 — Um antigo método celta

Parte III, § 8 — Um método alternativo

Parte III, § 9 — O método das 35 cartas

PREFÁCIO

✦

1 Parece ser mais por necessidade do que por predileção pela apologia que devo registrar, em primeiro lugar, uma declaração clara de minha posição pessoal, como alguém que, durante muitos anos de vida literária, tem sido, dentro de suas limitações espirituais e de outra natureza, um expositor das escolas místicas superiores.

1.2 Poderão achar estranho que eu me ocupe, nos dias de hoje, com o que, à primeira vista, parece ser simplesmente um conhecido método de prever a sorte. Ora, as opiniões do Sr.

1.3 Smith, mesmo nas revistas literárias, não têm importância alguma, a menos que por acaso concordem com as nossas; mas, para santificar essa doutrina, devemos cuidar para que nossas opiniões, e os assuntos dos quais elas surgem, digam respeito apenas ao que há de mais elevado. Contudo, é justamente isso que pode parecer duvidoso, neste caso, não apenas ao Sr.

1.4 Smith, a quem respeito dentro dos devidos limites do distanciamento, mas a algumas pessoas de maior importância real, visto que suas dedicações são também as minhas.

1.5 A essas pessoas, e a quaisquer outras, eu diria que, depois de o iluminadíssimo Frater Christian Rosa-Cruz ter contemplado as Bodas Químicas no Palácio Secreto da Transmutação, sua história se interrompe abruptamente, com uma indicação de que ele esperava ser porteiro na manhã seguinte.

1.6 Da mesma maneira, acontece com mais frequência do que se poderia supor que aqueles que viram o Rei do Céu através dos mais transparentes véus dos sacramentos sejam os que depois assumem os ofícios mais humildes de todos na Casa de Deus.

1.7 É também por meios tão simples que os Adeptos e Grandes Mestres das ordens secretas se distinguem da multidão dos Neófitos como servi servorum mysterii. Assim também, ou de uma maneira que não é inteiramente diferente, encontramos as cartas do Tarô nas portas mais externas — entre as frivolidades e os detritos das chamadas artes ocultas, a respeito das quais ninguém em seu juízo perfeito se deixou enganar minimamente; e, no entanto, essas cartas pertencem, em si mesmas, a outra região, pois contêm um simbolismo muito elevado, que se interpreta segundo as Leis da Graça, e não pelos pretextos e intuições daquilo que passa por adivinhação.

1.8 O fato de a sabedoria de Deus ser loucura para os homens não autoriza a presunção de que a loucura deste mundo contribua, em qualquer sentido, para a Sabedoria Divina; por isso, nem os estudiosos das classes comuns nem os pedagogos que ocupam os assentos dos poderosos perceberão prontamente a probabilidade ou sequer a possibilidade dessa proposição.

1.9 O assunto tem estado nas mãos dos cartomantes como parte dos instrumentos de seu ofício; não procuro convencer ninguém fora de meus próprios círculos de que isso tenha muita importância ou importância alguma; mas, nos aspectos histórico e interpretativo, sua sorte não tem sido melhor; nesses campos, esteve nas mãos de expositores que o tornaram completamente desprezível aos olhos das pessoas que possuem discernimento filosófico ou capacidade de avaliar evidências.

1.10 É hora de resgatá-lo, e é isso que me proponho a fazer de uma vez por todas, para encerrar as questões secundárias que desviam a atenção do objetivo. Assim como a poesia é a mais bela expressão das coisas que são as mais belas de todas, o simbolismo é a expressão mais universal, sob o véu do ocultamento, das coisas mais profundas do Santuário, que fora dele não foram declaradas com a mesma plenitude por meio da palavra falada.

1.11 A justificação da regra do silêncio não faz parte de meu propósito atual, mas já registrei em outro lugar, e bem recentemente, o que é possível dizer sobre esse assunto.

2 O pequeno tratado que se segue está dividido em três partes, na primeira das quais tratei das origens antigas do assunto e de algumas questões que dele surgem e com ele se relacionam.

2.2 Deve ficar entendido que ele não é apresentado como uma contribuição à história das cartas de jogar, da qual nada sei e com a qual não me importo; trata-se de uma reflexão dedicada e dirigida a certa escola de ocultismo, principalmente na França, como fonte e centro de toda a fantasmagoria que se manifestou durante os últimos cinquenta anos sob o pretexto de examinar historicamente as cartas do Tarô.

2.3 Na segunda parte, tratei do simbolismo segundo alguns de seus aspectos mais elevados, e isso também serve para apresentar o Tarô completo e retificado, disponível separadamente na forma de cartas coloridas, cujos desenhos foram acrescentados ao presente texto em preto e branco.

2.4 Elas foram preparadas sob minha supervisão — quanto às atribuições e aos significados — por uma senhora de grande mérito como artista. Quanto à parte divinatória, com a qual encerro minha tese, considero-a pessoalmente um fato da história do Tarô; como tal, reuni, a partir de todas

as fontes publicadas, uma síntese harmonizada dos significados que foram atribuídos às diversas cartas, e dei destaque a um método de trabalho que não havia sido publicado anteriormente; por ter o mérito da simplicidade e ser também de aplicação universal, pode ser considerado um substituto dos sistemas trabalhosos e complicados dos manuais mais extensos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, § 1 — INTRODUÇÃO GERAL

✦

1 A patologia do poeta diz que "o astrônomo sem devoção é louco"; a patologia do homem muito simples diz que o gênio é louco; e, entre esses extremos, que representam dez mil excessos semelhantes, a razão soberana assume o papel de moderadora e faz o que pode.

1.2 Não creio que exista uma patologia das dedicações ao ocultismo, mas ninguém pode questionar suas extravagâncias, e agir como moderador a respeito delas é uma tarefa tão difícil quanto ingrata. Além disso, essa patologia, se existisse, provavelmente seria um empirismo, e não um diagnóstico, e não ofereceria nenhum critério.

1.3 Ora, o ocultismo não é como a faculdade mística, e muito raramente atua em harmonia seja com a aptidão para os negócios nas coisas da vida comum, seja com o conhecimento dos critérios de prova em sua própria esfera.

1.4 Sei que, para a elevada arte da zombaria, poucas coisas são mais enfadonhas do que a crítica que sustenta que uma tese é falsa e não consegue compreender que ela é decorativa.

1.5 Sei também que, depois de lidar por muito tempo com doutrinas duvidosas ou pesquisas difíceis, é sempre revigorante, no domínio dessa arte, deparar com algo que seja obviamente uma fraude ou, ao menos, uma completa falta de razão.

1.6 Mas os aspectos da história, vistos pela lente do ocultismo, em geral não são decorativos e pouco têm de revigorante para curar os ferimentos que infligem ao entendimento lógico.

1.7 Quase seria preciso um Frater Sapiens dominabitur astris na Fraternidade da Rosa-Cruz para conservar a paciência em meio a nuvens de tolice quando se empreende o estudo do Tarô segundo a lei superior do simbolismo. O verdadeiro Tarô é simbolismo; não fala outra língua nem oferece outros sinais.

1.8 Dado o sentido interior de seus emblemas, eles de fato se tornam uma espécie de alfabeto capaz de combinações indefinidas, todas com verdadeiro sentido. No plano mais elevado, ele oferece uma chave para os Mistérios, de uma maneira que não é arbitrária nem foi imposta por interpretação.

1.9 Mas foram contadas histórias simbólicas erradas a seu respeito, e uma história errada foi apresentada em todas as obras publicadas que até agora trataram do assunto.

1.10 Dois ou três autores deram a entender que, ao menos no que diz respeito aos significados, isso é inevitável, porque poucos os conhecem, e esses poucos os receberam por transmissão, sob juramento, e não podem trair a confiança neles depositada.

1.11 A sugestão parece fantástica à primeira vista, pois há certo anticlímax na afirmação de que uma interpretação particular da adivinhação — a arte de tirar as cartas — possa ser reservada aos Filhos da Doutrina.

1.12 Ainda assim, permanece o fato de que existe uma Tradição Secreta a respeito do Tarô e, como há sempre a possibilidade de que alguns arcanos menores dos Mistérios sejam tornados públicos ao som de trombetas, con-

vém antecipar o acontecimento e advertir os curiosos nessas matérias de que qualquer revelação conterá apenas uma terça parte da terra e do mar e uma terça parte das estrelas do céu no que diz respeito ao simbolismo.

1.13 Isso pela simples razão de que, tanto na matéria fundamental quanto em seu desenvolvimento, nada além disso foi posto por escrito, de modo que muito restará a dizer depois de qualquer pretensa revelação. Os guardiões de certos templos de iniciação que velam pelos mistérios dessa ordem não têm, portanto, motivo para alarme.

2 Em meu prefácio a O Tarô dos Boêmios, que, mais por um acaso das circunstâncias, veio recentemente a ser reeditado depois de um longo período, eu disse o que então era possível ou parecia mais necessário.

2.2 A presente obra se destina mais especialmente — como já dei a entender — a apresentar um conjunto corrigido das próprias cartas e a dizer a verdade sem adornos a respeito delas, até onde isso é possível nos círculos externos. Quanto à sequência dos símbolos maiores, seu sentido último e mais elevado está além da linguagem comum das imagens ou dos hieróglifos.

2.3 Isso será compreendido por aqueles que receberam alguma parte da Tradição Secreta. Quanto aos significados expressos em palavras aqui atribuídos às cartas de trunfo mais importantes, eles se destinam a afastar as tolices e imposturas das atribuições anteriores, a colocar no caminho certo aqueles que possuem o dom da percepção e a cuidar, dentro dos limites de minhas possibilidades, para que sejam verdadeiros até onde alcançam.

3 É lamentável, sob vários aspectos, que eu deva confessar certas reservas, mas há uma questão de honra em jogo. Ademais, entre as tolices, de um lado, daqueles que nada sabem da tradição, mas se consideram os exposito-

res de algo chamado ciência e filosofia ocultas, e, de outro, o fingimento de alguns autores que receberam parte da tradição e pensam que isso lhes dá um título legal para lançar poeira nos olhos do mundo exterior, sinto que chegou o momento de dizer o que é possível dizer, para que o efeito do charlatanismo e da falta de inteligência atuais seja reduzido ao mínimo.

4 Veremos, no devido tempo, que a história das cartas de Tarô é, em grande parte, de natureza negativa e que, quando as questões são esclarecidas pela dissipação de devaneios e especulações gratuitas apresentados como certezas, não existe, de fato, história anterior ao século XIV.

4.2 O engano e o autoengano acerca de sua origem no Egito, na Índia ou na China puseram um espírito mentiroso na boca dos primeiros expositores, e os autores ocultistas posteriores pouco mais fizeram do que reproduzir o primeiro falso testemunho, com a boa-fé de uma inteligência ainda não desperta para as questões da pesquisa.

4.3 Acontece que todas as exposições se moveram dentro de um campo muito estreito e devem, comparativamente, pouco à capacidade inventiva. Ao menos uma oportunidade brilhante foi perdida, pois até agora não ocorreu a ninguém que o Tarô talvez tenha servido, e até mesmo se originado, como uma linguagem simbólica secreta das seitas albigenses.

4.4 Recomendo essa sugestão aos descendentes diretos, em espírito, de Gabriele Rossetti e Eugène Aroux, ao Sr. Harold Bayley como mais uma Nova Luz sobre o Renascimento e como ao menos uma pequena vela na escuridão que, com todo o respeito, poderia ser útil à mente zelosa e investigadora da Sra. Cooper-Oakley.

4.5 Pensem apenas no que o suposto testemunho das marcas-d'água no papel poderia ganhar com a carta de Tarô do Papa ou Hierofante, em conexão com a noção de um patriarca albigense secreto, para a qual o Sr. Bayley encontrou nessas mesmas marcas-d'água tanto material favorável a seu propósito.

4.6 Pensem apenas por um momento na carta da Sacerdotisa como representação da própria igreja albigense; e pensem na Torre atingida pelo Raio como símbolo da desejada destruição da Roma papal, a cidade das sete colinas, com o pontífice e seu poder temporal lançados abaixo do edifício espiritual quando este é fendido pela ira de Deus.

4.7 As possibilidades são tão numerosas e persuasivas que, ao serem expressas, quase enganam um dos eleitos que as inventou. Mas há ainda mais do que isso, embora eu mal ouse citá-lo.

4.8 Quando chegou o momento de as cartas de Tarô receberem sua primeira explicação formal, o arqueólogo Court de Gebelin reproduziu alguns de seus emblemas mais importantes, e — se posso chamá-lo assim — o códice que ele usou serviu — por meio de suas gravuras — de referência para muitos conjuntos publicados posteriormente.

4.9 As figuras são muito primitivas e, como tais, diferem das cartas de Etteilla, do Tarô de Marselha e de outras ainda em circulação na França. Não sou bom juiz nessas matérias, mas o fato de que cada um dos Arcanos Maiores poderia ter servido como marca-d'água é demonstrado pelos casos que citei e por um exemplo muito notável do Ás de Copas.

5 Eu o chamaria de emblema eucarístico à maneira de um cibório, mas isso não importa no momento. A questão é que o Sr. Harold Bayley apresenta seis figuras semelhantes em sua Nova Luz sobre o Renascimento, que são

marcas-d'água em papel do século XVII, que ele afirma serem de origem albigense e representarem emblemas sacramentais e do Graal.

5.2 Se ao menos ele tivesse ouvido falar do Tarô, se soubesse que essas cartas de adivinhação, cartas da sorte, cartas de todas as artes errantes, talvez circulassem naquela época no sul da França, penso que sua hipótese encantadora, mas fantástica em excesso, poderia ter se expandido ainda mais na atmosfera de seu sonho.

5.3 Teríamos, sem dúvida, uma visão do ticismo cristão, do maniqueísmo e de tudo o que ele entende por Evangelho primitivo puro, brilhando por trás das imagens.

6 Não vejo através de tais lentes e só posso recomendar o assunto à sua atenção em uma ocasião posterior; ele é mencionado aqui para que eu possa apresentar, com um espanto sem precedentes, as maravilhas da especulação arbitrária sobre a história das cartas.

7 Quanto à sua forma e ao seu número, mal deveria ser necessário enumerá-las, pois devem ser quase universalmente conhecidas; mas, como é arriscado presumir qualquer coisa, e como há também outras razões, vou apresentá-las brevemente em uma lista, como segue: —

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, § 2 — OS TRUNFOS MAIORES

✦

1 1. O Mago, Prestidigitador ou Malabarista, o lançador de dados e charlatão, no mundo da trapaça vulgar. Essa é a interpretação dos folhetos populares, e ela tem a mesma correspondência com o verdadeiro significado simbólico que o uso do Tarô na adivinhação tem com sua construção mística segundo a ciência secreta do simbolismo.

1.2 Devo acrescentar que muitos estudiosos independentes do assunto, seguindo suas próprias luzes, produziram sequências individuais de significados para os Arcanos Maiores, e suas luzes às vezes são sugestivas, mas não são as verdadeiras luzes.

1.3 Por exemplo, Éliphas Lévi diz que o Mago significa aquela unidade que é a mãe dos números; outros dizem que é a Unidade Divina; e um dos mais recentes comentadores franceses considera que, em seu sentido geral, ele é a vontade.

2 2. A Suma Sacerdotisa, a Papisa Joana ou Pontífice Feminina; os primeiros intérpretes procuraram chamar essa carta de Mãe ou Esposa do Papa, o que contraria o simbolismo. Às vezes se considera que ela representa a Lei Divina e a Gnose, caso em que a Sacerdotisa corresponde à ideia da Shekinah. Ela é a Tradição Secreta e o sentido mais elevado dos Mistérios instituídos.

3 3. A Imperatriz, que às vezes é representada de frente, enquanto seu correspondente, o Imperador, aparece de perfil. Como houve certa tendência a atribuir um significado simbólico a essa distinção, parece conveniente di-

zer que ela não contém nenhum sentido interior. A Imperatriz tem sido associada às ideias de fecundidade universal e, em sentido geral, à atividade.

4 4. O Imperador, considerado esposo da figura anterior. Ocasionalmente é representado usando, além de suas insígnias pessoais, as estrelas ou fitas de alguma ordem de cavalaria. Menciono isso para mostrar que as cartas são uma mistura de emblemas antigos e novos. Aqueles que insistem nas provas fornecidas por uns podem lidar, se conseguirem, com os outros.

4.2 Nenhum argumento eficaz em favor da antiguidade de um desenho específico pode ser extraído do fato de ele incorporar material antigo; mas também não há nenhum que possa se basear em novidades esporádicas, cuja intervenção pode significar apenas a mão pouco inteligente de um editor ou de um desenhista posterior.

5 5. O Sumo Sacerdote ou Hierofante, chamado também de Pai Espiritual e, mais comum e obviamente, de Papa. Parece até ter recebido o nome de Abade, e então sua correspondente, a Suma Sacerdotisa, era a Abadessa ou Mãe do Convento. Ambos são nomes arbitrários. As insígnias das figuras são papais, e nesse caso a Suma Sacerdotisa é e só pode ser a Igreja, com a qual o Papa e os sacerdotes se casam pelo rito espiritual da ordenação. Penso, porém, que em sua forma primitiva essa carta não representava o Pontífice Romano.

6 6. Os Enamorados ou o Casamento. Esse símbolo passou por muitas variações, como se poderia esperar de seu tema. Na forma do século XVIII, pela qual se tornou conhecido pela primeira vez no mundo da pesquisa arqueológica, ele é realmente uma carta da vida conjugal, mostrando pai e mãe com seu filho entre eles; e o Cupido pagão acima, prestes a disparar sua flecha, é, naturalmente, um emblema mal aplicado.

6.2 O Cupido pertence ao amor que começa, mais do que ao amor em sua plenitude, guardando seu fruto. Diz-se que a carta recebeu o título de Simulacrum fidei, o símbolo da fidelidade conjugal, para o qual o arco-íris, como sinal da aliança, teria sido um acompanhamento mais apropriado.

6.3 Também se considera que as figuras significavam Verdade, Honra e Amor, mas suspeito que isso tenha sido, por assim dizer, a glosa de um comentador moralizante. Ela tem esses aspectos, mas tem outros mais elevados.

7 7. O Carro. Em alguns códices existentes, ele é representado como sendo puxado por duas esfinges, e a composição está em harmonia com o simbolismo, mas não se deve supor que essa fosse sua forma original; a variação foi inventada para apoiar uma hipótese histórica específica. No século XVIII, cavalos brancos eram atrelados ao carro.

7.2 Quanto ao seu nome habitual, a parte menor representa o todo maior; trata-se realmente do Rei em seu triunfo, simbolizando, porém, a vitória que cria a realeza como sua consequência natural, e não o poder real já investido da quarta carta. O Sr. Court de Gebelin disse que era Osíris Triunfante, o sol conquistador da primavera, tendo vencido os obstáculos do inverno.

7.3 Sabemos agora que Osíris ressurgindo dos mortos não é representado por um simbolismo tão óbvio. Outros animais além de cavalos também foram usados para puxar o currus triumphalis, como, por exemplo, um leão e um leopardo.

8 8. A Fortaleza. Essa é uma das virtudes cardeais, das quais falarei mais adiante. A figura feminina costuma ser representada fechando a boca de um leão. Na forma anterior reproduzida por Court de Gebelin, ela clara-

mente a está abrindo. A primeira alternativa é melhor simbolicamente, mas ambas são exemplos da força em seu entendimento convencional e transmitem a ideia de domínio. Tem-se dito que a figura representa a força orgânica, a força moral e o princípio de toda força.

9 9. O Eremita, como é chamado na linguagem comum, vem em seguida na lista; ele é também o Capuchinho e, em linguagem mais filosófica, o Sábio. Diz-se que está em busca daquela Verdade que se encontra bem adiante na sequência e da Justiça que o precedeu no caminho. Mas essa é uma carta de realização, como veremos mais adiante, mais do que uma carta de busca.

9.2 Diz-se também que sua lanterna contém a Luz da Ciência Oculta e que seu bastão é uma Varinha Mágica. Essas interpretações são comparáveis em todos os aspectos aos significados divinatórios e de previsão da sorte dos quais terei de tratar no devido momento.

9.3 O caráter diabólico de ambos está em serem verdadeiros à sua maneira, mas deixarem escapar todas as coisas elevadas às quais os Arcanos Maiores deveriam ser associados.

9.4 É como se um homem que sabe em seu coração que todos os caminhos levam às alturas, e que Deus está na maior de todas as alturas, escolhesse o caminho da perdição ou o caminho da insensatez como a via de sua própria realização.

9.5 Éliphas Lévi associou essa carta à Prudência, mas, ao fazê-lo, foi movido pelo desejo de preencher uma lacuna que, de outro modo, existiria no simbolismo. As quatro virtudes cardeais são necessárias a uma sequência

de ideias como os Arcanos Maiores, mas não devem ser tomadas apenas naquele primeiro sentido que existe para uso e consolo daquele que, nestes dias de jornalismo de meio penny, é chamado de homem comum.

9.6 Em seu entendimento adequado, elas são os correlatos dos conselhos de perfeição quando estes foram reformulados de maneira semelhante, e são as seguintes: (a) Justiça Transcendental, o contrapeso dos pratos da balança, quando receberam peso excessivo, de modo a penderem fortemente para o lado de Deus.

9.7 O conselho correspondente é usar dados viciados quando se joga por grandes apostas com Diabolus. O axioma é Aut Deus, aut nihil. (b) Êxtase Divino, como contrapeso a algo chamado Temperança, cujo sinal é, creio eu, o apagar das luzes na taverna. O conselho correspondente é beber apenas do vinho novo no Reino do Pai, porque Deus é tudo em todos.

9.8 O axioma é que o homem, sendo um ser racional, deve se embriagar de Deus; o exemplo apontado é Espinosa. (c) O estado de Fortaleza Real, que é o estado de uma Torre de Marfim e de uma Casa de Ouro, mas é Deus, e não o homem, que se tornou Turris fortitudinis a facie inimici, e dessa Casa o inimigo foi expulso.

9.9 O conselho correspondente é que um homem não deve se poupar nem mesmo diante da morte, mas deve ter certeza de que seu sacrifício será, entre todos os caminhos disponíveis, o melhor para assegurar seu objetivo. O axioma é que a força elevada a tal grau que um homem ouse perder a si mesmo lhe mostrará como Deus é encontrado; e, quanto a esse refúgio, ouse, portanto, e aprenda.

9.10 (d) A Prudência é a economia que segue a linha de menor resistência, para que a alma possa voltar de onde veio. É uma doutrina de parcimônia divina e conservação de energia, por causa da tensão, do terror e das evi-

dentes impertinências desta vida.

9.11 O conselho correspondente é que a verdadeira prudência se ocupa da única coisa necessária, e o axioma é: Não desperdice e não terá falta. A conclusão de toda a questão é uma proposição comercial fundada na lei da troca: você não pode deixar de obter aquilo que busca no que diz respeito às coisas Divinas; é a lei da oferta e da procura.

9.12 Mencionei essas poucas questões neste ponto por duas razões simples: (a) porque, na proporção da imparcialidade da mente, às vezes parece mais difícil determinar se é o vício ou a vulgaridade que devasta mais lastimavelmente o mundo atual; (b) porque, para remediar as imperfeições das antigas noções, é muito necessário, em certas ocasiões, esvaziar termos e expressões de seu significado aceito, para que possam receber um sentido novo e mais adequado.

10 10. A Roda da Fortuna. Há um Manual de Cartomancia em circulação que alcançou considerável popularidade na Inglaterra e, em meio a uma grande miscelânea de coisas curiosas sem propósito, entremeou alguns assuntos sérios.

10.2 Em sua última e maior edição, trata do Tarô em uma seção; e, se interpreto corretamente o autor, considera-o do começo ao fim como a Roda da Fortuna, entendendo essa expressão no sentido que eu mesmo lhe dou.

10.3 Não tenho objeção a uma descrição tão abrangente, embora convencional; ela se aplica em todos os mundos, e me surpreende que não tenha sido adotada antes como o nome mais apropriado no âmbito da adivinhação comum. É também o título de um dos Arcanos Maiores, justamente aquele de que tratamos neste momento, como mostra meu subtítulo.

10.4 Nos últimos anos, ele recebeu muitas representações fantásticas e uma reconstrução hipotética sugestiva em seu simbolismo. A roda tem sete raios; no século XVIII, os animais que subiam e desciam eram realmente de caráter indefinido, tendo um deles cabeça humana. No alto havia outro monstro, com o corpo de uma fera indeterminada, asas nos ombros e uma coroa na cabeça.

10.5 Ele carregava duas varinhas nas garras. Na reconstrução, essas figuras são substituídas por um Hermanúbis que sobe com a roda, uma Esfinge deitada no alto e um Tífon no lado descendente. Eis outro exemplo de uma invenção em apoio a uma hipótese; mas, se esta for deixada de lado, o agrupamento é simbolicamente correto e pode ser aceito como tal.

11 11. A Justiça. Esta carta mostra que o Tarô, embora tenha toda a antiguidade que se possa razoavelmente admitir, não vem de tempos imemoriais, pois ela poderia ter sido apresentada de maneira muito mais arcaica.

11.2 Aqueles, porém, que têm discernimento em questões desse tipo não precisarão que lhes digam que a idade não é, de modo algum, essencial à consideração; o Rito de Encerramento da Loja no Terceiro Grau Simbólico da Maçonaria pode pertencer ao final do século XVIII, mas esse fato nada significa; ele continua sendo a síntese de todos os Mistérios instituídos e oficiais.

11.3 Diz-se que a figura feminina da décima primeira carta é Astreia, que personificava a mesma virtude e é representada pelos mesmos símbolos. Apesar dessa deusa, e apesar do Cupido vulgar, o Tarô não pertence à mitologia romana, nem à grega.

11.4 Sua representação da Justiça é considerada uma das quatro virtudes cardeais incluídas na sequência dos Arcanos Maiores; mas ocorre que falta o quarto emblema, e tornou-se necessário aos comentadores descobri-lo a qualquer custo.

11.5 Eles fizeram o que era possível fazer, e, no entanto, as leis da pesquisa jamais conseguiram desenterrar a Perséfone desaparecida sob a forma da Prudência. Court de Gebelin tentou resolver a dificuldade por uma proeza e acreditou ter extraído o que desejava do símbolo do Enforcado, no que se enganou.

11.6 O Tarô tem, por conseguinte, sua Justiça, também sua Temperança e sua Fortaleza, mas, devido a uma curiosa omissão, não nos oferece nenhuma figura da Prudência, embora se possa admitir que, em alguns aspectos, o isolamento do Eremita, seguindo um caminho solitário à luz de sua própria lâmpada, oferece, àqueles capazes de recebê-lo, certo conselho elevado a respeito da via prudentiæ.

12 12. O Enforcado. Esse é o símbolo que supostamente representa a Prudência, e Éliphas Lévi diz, de sua maneira mais superficial e plausível, que ele é o adepto preso por seus compromissos. A figura de um homem está suspensa de cabeça para baixo numa forca, à qual está presa por uma corda em torno de um dos tornozelos.

12.2 Os braços estão amarrados atrás das costas, e uma perna está cruzada sobre a outra. Segundo outra interpretação, que é de fato a predominante, ele significa sacrifício, mas todos os significados correntes atribuídos a essa carta são intuições de cartomantes, sem nenhum valor real no plano simbólico.

12.3 Os adivinhos do século XVIII que faziam circular Tarôs retratam um jovem de aparência um tanto feminina, vestindo um gibão, equilibrado de pé sobre um dos pés e preso frouxamente a uma estaca curta fincada no chão.

13 13. A Morte. O modo de representação é quase invariável e incorpora uma forma burguesa de simbolismo. A cena é o campo da vida e, em meio a uma vegetação comum e exuberante, braços e cabeças vivos surgem do chão. Uma das cabeças está coroada, e um esqueleto com uma grande foice está prestes a ceifá-la.

13.2 O significado transparente e inescapável é a morte, mas as alternativas atribuídas ao símbolo são mudança e transformação. Outras cabeças já foram varridas de seus lugares, mas, em seu significado corrente e evidente, ela é mais especialmente uma carta da morte dos Reis.

13.3 No sentido exótico, tem-se dito que significa a ascensão do espírito nas esferas divinas, criação e destruição, movimento perpétuo e assim por diante.

14 14. A Temperança. A figura alada de uma mulher, que, contrariando toda a doutrina sobre a hierarquia dos anjos, costuma ser incluída nessa ordem de espíritos servidores, está vertendo líquido de um jarro para outro. Em sua última obra sobre o Tarô, o Dr. Papus abandona a forma tradicional e retrata uma mulher usando um adorno de cabeça egípcio.

14.2 A primeira coisa que parece clara à primeira vista é que o símbolo inteiro não tem nenhuma ligação especial com a Temperança, e o fato de essa designação sempre ter prevalecido para a carta oferece um exemplo muito óbvio de um significado por trás do significado, que é o principal motivo para considerar o Tarô como um todo.

15 15. O Diabo. No século XVIII, essa carta parece ter sido mais um símbolo de indecência meramente animal. Exceto por um adorno de cabeça fantástico, a figura principal está completamente nua; tem asas semelhantes às de um morcego, e as mãos e os pés são representados por garras de ave. Na mão direita há um cetro que termina em um sinal que se supõe representar o fogo.

15.2 A figura como um todo não é particularmente maligna; não tem cauda, e os comentadores que disseram que as garras são de uma harpia falaram ao acaso. Não há fundamento melhor para a sugestão alternativa de que sejam garras de águia.

15.3 Presos ao pedestal sobre o qual a figura está montada, por uma corda que pende de suas coleiras, há dois pequenos demônios, presumivelmente macho e fêmea. Estes têm cauda, mas não asas.

15.4 Desde 1856, a influência de Éliphas Lévi e de sua doutrina do ocultismo mudou a aparência dessa carta, que agora surge como uma figura pseudobafomética, com cabeça de bode e uma grande tocha entre os chifres; está sentada em vez de em pé, e no lugar dos órgãos genitais há o caduceu hermético.

15.5 Em Le Tarot Divinatoire, de Papus, os pequenos demônios são substituídos por seres humanos nus, homem e mulher, que estão atrelados apenas um ao outro. O autor pode ser felicitado por esse simbolismo aperfeiçoado.

16 16. A Torre atingida pelo Raio. Seus títulos alternativos são: Castelo de Pluto, Casa de Deus e Torre de Babel. No último caso, considera-se que as figuras que dela caem são Ninrode e seu ministro.

16.2 É certamente uma carta de confusão, e o desenho corresponde, em linhas gerais, a qualquer uma das designações, exceto Maison Dieu, a menos que devamos entender que a Casa de Deus foi abandonada e o véu do templo rasgado.

16.3 É um pouco surpreendente que a composição ainda não tenha sido associada à destruição do Templo de Salomão, caso em que o raio simbolizaria o fogo e a espada com que aquele edifício foi atingido pelo Rei dos Caldeus.

17 17. A Estrela, Estrela do Cão ou Sírio, também chamada, de maneira fantasiosa, de Estrela dos Magos. Agrupados ao seu redor estão sete astros menores, e abaixo dela há uma figura feminina nua, com o joelho esquerdo sobre a terra e o pé direito sobre a água. Ela está vertendo líquidos de dois recipientes.

17.2 Um pássaro está pousado numa árvore perto dela; em algumas cartas posteriores, ele foi substituído por uma borboleta sobre uma rosa. Da mesma forma, a Estrela também foi chamada de Estrela da Esperança. Essa é uma das cartas que Court de Gebelin descreve como completamente egípcias, isto é, em seu próprio devaneio.

18 18. A Lua. Algumas cartas do século XVIII mostram o astro em sua fase minguante; na edição degradada de Etteilla, é a lua noturna em sua plenitude, situada num céu de estrelas; nos últimos anos, a lua é mostrada em sua fase crescente. Em quase todas as representações, ela brilha intensamente e derrama a umidade do orvalho fecundante em grandes gotas.

18.2 Abaixo há duas torres, entre as quais um caminho serpenteia até o limite do horizonte. Dois cães, ou alternativamente um lobo e um cão, uivam para a lua, e em primeiro plano há água, pela qual um lagostim se

move em direção à terra.

19 19. O Sol. Nas cartas mais antigas, o astro se distingue por raios principais alternadamente ondulados e retos e por raios secundários retos. Ele parece derramar sua influência sobre a terra não apenas por meio da luz e do calor, mas, como a lua, por gotas de orvalho.

19.2 Court de Gebelin chamou-as de lágrimas de ouro e de pérola, assim como identificou o orvalho lunar com as lágrimas de Ísis. Abaixo da estrela do cão há um muro que sugere um recinto, como poderia ser um jardim murado, no qual estão duas crianças, nuas ou com pouca roupa, voltadas para uma extensão de água e brincando, ou correndo de mãos dadas.

19.3 Éliphas Lévi diz que elas às vezes são substituídas por uma fiandeira que desenrola destinos e, em outros casos, por um símbolo muito melhor: uma criança nua montada num cavalo branco e exibindo um estandarte escarlate.

20 20. O Juízo Final. Já falei deste símbolo, cuja forma é essencialmente invariável, mesmo no conjunto de Etteilla. Um anjo toca sua trombeta per sepulchra regionum, e os mortos se levantam. Pouco importa que Etteilla omita o anjo ou que o Dr.

20.2 Papus o substitua por uma figura ridícula, que, no entanto, está em harmonia com o tema geral daquele conjunto de Tarô que acompanha sua obra mais recente. Antes de rejeitar a interpretação transparente do simbolismo transmitida pelo nome da carta e pela imagem que ela apresenta aos olhos, devemos estar muito seguros de nossos fundamentos.

20.3 Na superfície, ao menos, ela é e só pode ser a ressurreição daquela tríade — pai, mãe, filho — que já encontramos na oitava carta. O Sr. Bourgeat arrisca a sugestão de que, esotericamente, ela é o símbolo da evolução,

da qual não apresenta nenhum sinal.

20.4 Outros dizem que significa renovação, o que é bastante óbvio; que é a tríade da vida humana; que é a "força geradora da terra . . . e a vida eterna". Court de Gebelin se torna insustentável, como de costume, e observa que, se as lápides fossem removidas, ela poderia ser aceita como um símbolo da criação.

21 21 — que, contudo, na maioria das disposições é a carta zero, de número nenhum — O Louco, Insensato ou Homem sem Juízo. Court de Gebelin o coloca à frente de toda a série, como o zero ou negativo pressuposto pela numeração, e, por ser uma disposição mais simples, ela também é melhor.

21.2 Foi abandonada porque, em épocas posteriores, as cartas foram atribuídas às letras do alfabeto hebraico, e aparentemente houve certa dificuldade em situar de maneira satisfatória o símbolo do zero numa sequência de letras que todas significam números. Na atual associação da carta à letra Shin, que corresponde a 200, a dificuldade ou a falta de razão permanece.

21.3 A verdade é que a verdadeira disposição das cartas jamais veio a público. O Louco carrega uma sacola; olha por cima do ombro e não sabe que está à beira de um precipício; mas um cão ou outro animal — alguns o chamam de tigre — o ataca por trás, e ele é impelido à sua destruição sem perceber.

21.4 Etteilla apresentou uma variação justificável dessa carta, tal como em geral entendida, na forma de um bobo da corte, com gorro, guizos e roupa multicolorida. As outras descrições dizem que a sacola contém as loucuras e os vícios de quem a carrega, o que parece burguês e arbitrário.

22 22. O Mundo, o Universo ou o Tempo. Os quatro seres viventes do Apocalipse e da visão de Ezequiel, atribuídos aos evangelistas no simbolismo cristão, estão agrupados em torno de uma grinalda elíptica, como se ela fosse uma corrente de flores destinada a simbolizar todas as coisas sensíveis; dentro dessa grinalda está a figura de uma mulher, a quem o vento cingiu os quadris com um lenço leve, e essa é toda a sua vestimenta.

22.2 Ela está dançando e tem uma varinha em cada mão. É eloquente como imagem do turbilhão da vida sensível, da alegria alcançada no corpo, da embriaguez da alma no paraíso terrestre, mas ainda guardada pelos Vigilantes Divinos, como se pelos poderes e pelas graças do Santo Nome, Tetragammaton, יהוה — aquelas quatro letras inefáveis que às vezes são atribuídas aos animais místicos.

22.3 Éliphas Lévi chama a grinalda de coroa e afirma que a figura representa a Verdade. O Dr. Papus a relaciona ao Absoluto e à realização da Grande Obra; para outros ainda, ela é um símbolo da humanidade e da recompensa eterna de uma vida bem vivida. Deve-se observar que, nos quatro quadrantes da grinalda, há quatro flores distintamente marcadas. Segundo P.

22.4 Christian, a grinalda deveria ser formada de rosas, e esse é o tipo de corrente que Éliphas Lévi diz ser menos fácil de romper do que uma corrente de ferro. Talvez por antítese, mas pela mesma razão, a coroa de ferro de Pedro possa pesar menos sobre a cabeça dos soberanos pontífices do que a coroa de ouro sobre a dos reis.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, § 3 — OS QUATRO NAIPES

✦

1 Os recursos de interpretação têm sido prodigamente empregados, se não esgotados, nos vinte e dois Trunfos Maiores, cujo simbolismo é inquestionável. Restam os quatro naipes: Bastões ou Cetros — por hipótese, na arqueologia do assunto, os antecessores de Ouros nas cartas modernas; Copas, correspondentes a Corações; Espadas, que correspondem a Paus, assim como a arma da cavalaria se relaciona com o bastão do camponês ou o porrete alsaciano; e, por fim, Pentáculos — também chamados Denários e Moedas —, que são os protótipos de Espadas.

1.2 Tanto nos naipes antigos como nos novos, há dez cartas numeradas, mas no Tarô há quatro Cartas da Corte em cada naipe, ou seja, um Cavaleiro além do Rei, da Rainha e do Valete.

1.3 O Valete é um pajem, criado ou jovem fidalgo; mais precisamente, é um escudeiro, presumivelmente a serviço do Cavaleiro; mas há certos baralhos raros em que o pajem se torna uma dama de honra, formando assim pares de ambos os sexos no conjunto das quatro cartas da corte.

1.4 Naturalmente, há características distintivas nas diversas figuras, e com isso quero dizer que o Rei de Bastões não é exatamente o mesmo personagem que o Rei de Copas, mesmo levando em conta os diferentes emblemas que carregam; mas o simbolismo reside em sua posição e no naipe ao qual pertencem.

1.5 Da mesma forma, as cartas menores, que — até agora — nunca foram publicadas com ilustrações nestes nossos tempos modernos, dependem do significado específico atribuído a seus números em relação ao res-

pectivo naipe. Reservo, portanto, os detalhes dos Arcanos Menores para quando eu falar, na segunda parte, do Tarô retificado e aperfeiçoado que acompanha esta obra.

1.6 O consenso sobre os significados divinatórios atribuídos tanto aos símbolos maiores quanto aos menores pertence à terceira parte.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, § 4 — O TARÔ NA HISTÓRIA

✦

1 Nossa próxima preocupação imediata é falar das cartas em sua história, para que as especulações e os devaneios perpetuados e multiplicados nas escolas de pesquisa ocultista possam ser descartados de uma vez por todas, como indicado no prefácio desta obra.

2 Fique entendido, desde o início deste ponto, que existem vários conjuntos ou sequências de cartas antigas que nos interessam apenas em parte. O Tarô dos Boêmios, de Papus, cuja publicação acompanhei recentemente, revisando a tradução imperfeita, contém algumas informações úteis a esse respeito e, exceto pela omissão de datas e de outros indícios de critério arqueológico, atenderá às necessidades do leitor em geral.

2.2 Não pretendo ampliá-las aqui de maneira que se possa chamar de considerável, mas certos acréscimos são desejáveis, assim como uma forma distinta de apresentação.

3 Entre as cartas antigas mencionadas em relação ao Tarô, estão primeiramente as de Baldini, o célebre conjunto atribuído pela tradição a Andrea Mantegna, embora essa opinião seja hoje em geral rejeitada. Supõe-se que datem de cerca de 1470, e acredita-se que não existam mais de quatro coleções na Europa. Uma cópia ou reprodução datada de 1485 talvez seja igualmente rara.

3.2 Um conjunto completo contém cinquenta números, divididos em cinco dezenas ou sequências de dez cartas cada. Não parece haver registro de que tenham sido usadas para algum jogo, fosse de azar ou de habilidade; dificilmente teriam se prestado à adivinhação ou a qualquer forma de previsão da sorte; e seria mais que inútil atribuir um profundo significado simbólico a seus evidentes desenhos emblemáticos.

3.3 A primeira dezena apresenta as Condições de Vida, como segue: (1) o Mendigo, (2) o Valete, (3) o Artesão, (4) o Mercador, (5) o Nobre, (6) o Cavaleiro, (7) o Doge, (8) o Rei, (9) o Imperador, (10) o Papa.

3.4 A segunda contém as Musas e seu Guia Divino: (11) Calíope, (12) Urânia, (13) Terpsícore, (14) Érato, (15) Polímnia, (16) Tália, (17) Melpômene, (18) Euterpe, (19) Clio, (20) Apolo.

3.5 A terceira combina parte das Artes e Ciências Liberais com outros ramos do saber humano, como segue: (21) Gramática, (22) Lógica, (23) Retórica, (24) Geometria, (25) Aritmética, (26) Música, (27) Poesia, (28) Filosofia, (29) Astrologia, (30) Teologia.

3.6 A quarta dezena completa as Artes Liberais e enumera as Virtudes: (31) Astronomia, (32) Cronologia, (33) Cosmologia, (34) Temperança, (35) Prudência, (36) Força, (37) Justiça, (38) Caridade, (39) Esperança, (40) Fé.

3.7 A quinta e última dezena apresenta o Sistema dos Céus: (41) Lua, (42) Mercúrio, (43) Vênus, (44) Sol, (45) Marte, (46) Júpiter, (47) Saturno, (48) Oitava Esfera, (49) Primeiro Motor, (50) Causa Primeira.

4 Devemos deixar de lado as tentativas fantasiosas de extrair sequências completas de Tarô dessas dezenas; devemos evitar dizer, por exemplo, que as Condições de Vida correspondem aos Trunfos Maiores, as Musas aos

Ouros, as Artes e Ciências às Copas, as Virtudes etc. aos Bastões, e as condições de vida às Espadas.

4.2 Esse tipo de coisa pode ser feito por um processo de contorção mental, mas não tem lugar na realidade. Ao mesmo tempo, é quase impossível que cartas individuais não apresentem certas analogias, até mesmo marcantes. O Rei, o Cavaleiro e o Valete de Baldini sugerem as cartas da corte correspondentes dos Arcanos Menores.

4.3 O Imperador, o Papa, a Temperança, a Força, a Justiça, a Lua e o Sol são comuns ao conjunto de Mantegna e aos Trunfos Maiores de qualquer baralho de Tarô. A predisposição também associou o Mendigo ao Louco, Vênus à Estrela, Marte ao Carro, Saturno ao Eremita, e até Júpiter, ou, alternativamente, a Causa Primeira, à carta do Mundo no Tarô.

4.4 Mas os traços mais marcantes dos Trunfos Maiores estão ausentes do conjunto de Mantegna, e não acredito que a sequência ordenada deste último tenha dado origem às outras, como já se sugeriu. Romain Merlin sustentou essa opinião e atribuiu categoricamente as cartas de Baldini ao final do século XIV.

5 Se concordarmos que, exceto de modo acidental e esporádico, as imagens emblemáticas ou alegóricas de Baldini têm apenas uma ligação vaga e ocasional com as cartas de Tarô e que, seja qual for sua data mais provável, não podem ter fornecido nenhum impulso de origem, segue-se que ainda buscamos não apenas uma origem no espaço e no tempo para os símbolos de que tratamos, mas também um caso específico de sua manifestação no continente europeu que sirva como ponto de partida, seja para trás ou para a frente.

5.2 Ora, é bem sabido que, no ano de 1393, o pintor Charles Gringonneur — que, por nenhum motivo que eu consiga descobrir, foi chamado de ocultista e cabalista por um escritor inglês medíocre — desenhou e iluminou algum tipo de cartas para divertir Carlos VI da França quando ele sofria de doença mental, e surge a questão de saber se algo pode ser determinado sobre a natureza delas.

5.3 A única resposta disponível é que, em Paris, na Biblioteca do Rei, existem dezessete cartas desenhadas e iluminadas em papel. São muito belas, antigas e de valor inestimável; as figuras têm fundo de ouro e são emolduradas por uma borda de prata; mas não trazem nenhuma inscrição nem número.

6 É certo, porém, que incluem Trunfos Maiores do Tarô, cuja lista é a seguinte: Louco, Imperador, Papa, Enamorados, Roda da Fortuna, Temperança, Fortaleza, Justiça, Lua, Sol, Carro, Eremita, Enforcado, Morte, Torre e Juízo Final. Há também quatro cartas de Tarô no Museu Carrer, em Veneza, e outras cinco em outros lugares, somando nove ao todo.

6.2 Incluem dois pajens ou Valetes, três Reis e duas Rainhas, ilustrando assim os Arcanos Menores. Todas essas coleções foram identificadas com o conjunto produzido por Gringonneur, mas essa atribuição já era contestada no ano de 1848 e, aparentemente, não é defendida hoje, nem mesmo por aqueles que desejam demonstrar a antiguidade do Tarô.

6.3 Considera-se que todas sejam de origem italiana e que ao menos algumas sejam certamente venezianas. Temos, dessa maneira, o necessário ponto de partida, pelo menos quanto ao lugar.

6.4 Também se afirmou, com autoridade, que os Tarôs venezianos são a forma antiga e verdadeira, da qual todas as outras descendem; mas deduzo que os conjuntos completos dos Arcanos Maiores e Menores pertencem a períodos muito posteriores. Acredita-se que o baralho tenha consistido em setenta e oito cartas.

7 Apesar, porém, da preferência demonstrada pelo Tarô veneziano, reconhece-se que algumas partes de um conjunto Minchiate ou florentino devem ser atribuídas ao período entre 1413 e 1418. Elas pertenceram à condessa Gonzaga, em Milão.

7.2 Um baralho Minchiate completo continha noventa e sete cartas e, apesar desses vestígios, é considerado, de modo geral, um desenvolvimento posterior. Havia quarenta e um Trunfos Maiores, sendo os números adicionais tomados ou derivados do conjunto emblemático de Baldini.

7.3 Nas cartas da corte dos Arcanos Menores, os Cavaleiros eram monstros do tipo centauro, enquanto os Valetes eram ora guerreiros, ora criados. Outra distinção destacada é a predominância de ideias cristãs medievais e a completa ausência de qualquer sugestão oriental. Resta, contudo, a questão de saber se há vestígios orientais em alguma carta de Tarô.

8 Chegamos, por fim, ao Tarô bolonhês, às vezes chamado de Tarô de Veneza, que possui os Trunfos Maiores completos, mas com os números 20 e 21 trocados. Nos Arcanos Menores, omitem-se o 2, o 3, o 4 e o 5 das cartas menores, resultando em sessenta e duas cartas ao todo.

8.2 O encerramento dos Trunfos Maiores com a representação do Juízo Final é curioso e chama um pouco a atenção como questão de simbolismo; mas isso é tudo o que parece necessário observar sobre o baralho de Bolo-

nha, exceto que se diz ter sido inventado — ou, como Tarô, mais corretamente, modificado — por volta do início do século XV por um príncipe exilado de Pisa que residia na cidade.

8.3 O propósito para o qual eram usadas fica razoavelmente evidente pelo fato de que, em 1423, São Bernardino de Sena pregou contra as cartas de jogar e outras formas de jogo de azar. Quarenta anos depois, a importação de cartas para a Inglaterra foi proibida, no reinado de Eduardo IV. Esse é o primeiro registro seguro do assunto em nosso país.

9 É difícil consultar exemplares perfeitos dos conjuntos enumerados acima, mas não é difícil encontrar descrições detalhadas e ilustradas — devo acrescentar, desde que o autor não seja ocultista, pois os relatos provenientes dessa fonte costumam ser imperfeitos, vagos e dominados por considerações que obscurecem as questões críticas.

9.2 Um exemplo disso são certas opiniões expressas sobre o códice de Mantegna — se me permitem continuar a dignificar sequências de cartas com um título desse tipo.

9.3 Determinou-se, como vimos, no devaneio ocultista, que Apolo e as Nove Musas correspondem aos Ouros, mas a analogia não se sustenta numa pesquisa efetiva; e o devaneio precisa beirar o pesadelo para que possamos identificar a Astronomia, a Cronologia e a Cosmologia com o naipe de Copas.

9.4 As figuras de Baldini que representam esses assuntos são emblemas de sua época, e não símbolos, como os do Tarô.

10 Para concluir esta parte, observo que tem havido entre os especialistas uma tendência a pensar que os Trunfos Maiores não estavam originalmente ligados aos naipes numerados. Não desejo apresentar uma opinião

pessoal; não sou especialista na história dos jogos de azar e detesto o profanum vulgus dos instrumentos divinatórios; mas arrisco-me, com todas as ressalvas, a sugerir que, se pesquisas posteriores justificarem essa tendência, então — exceto para a boa e velha arte de prever a sorte e suas interferências no chamado destino — tanto melhor será para os Arcanos Maiores.

11 Isso é o que diz respeito ao indispensável como introdução aos aspectos históricos das cartas de Tarô; passarei agora ao lado especulativo do assunto e apresentarei os critérios para avaliar seu valor.

11.2 Em meu prefácio a O Tarô dos Boêmios, mencionei que o primeiro escritor a tornar conhecida a existência das cartas foi o arqueólogo Court de Gebelin, que, pouco antes da Revolução Francesa, dedicou vários anos à publicação de seu Mundo Primitivo, que chegou a nove volumes em quarto.

11.3 Era um homem erudito de sua época, maçom de alto grau, membro da histórica Loja dos Filaletas e um conhecedor com um interesse profundo e duradouro no debate sobre as antiguidades de todo o mundo, antes que existisse uma ciência do assunto. Mesmo hoje, suas memórias e dissertações, reunidas sob o título que citei, merecem ser possuídas.

11.4 Por um acaso, tomou conhecimento do Tarô quando este era bastante desconhecido em Paris e imediatamente concebeu a ideia de que se tratava dos restos de um livro egípcio. Fez investigações a respeito e constatou que circulava por uma parte considerável da Europa — Espanha, Itália, Alemanha e sul da França.

11.5 Era usado como jogo de azar ou de habilidade, à maneira comum das cartas de jogar; e ele também descobriu como se jogava. Mas era usado ainda para o propósito mais elevado da adivinhação ou da previsão da

sorte, e, com a ajuda de um amigo erudito, descobriu o significado atribuído às cartas, juntamente com o método de disposição adotado para esse fim.

11.6 Em suma, fez uma contribuição clara ao nosso conhecimento e ainda é uma fonte de referência — mas apenas quanto aos fatos, e não quanto à estimada hipótese de que o Tarô contém pura doutrina egípcia.

11.7 Porém, estabeleceu a opinião que prevalece até hoje em todas as escolas ocultistas: a de que a origem das cartas se perdia no mistério e no assombro, na estranha noite dos deuses, na língua desconhecida e nos hieróglifos indecifrados que simbolizavam o Egito no final do século XVIII.

11.8 Assim sonhou um dos literatos característicos da França, e quase se pode compreender e simpatizar, pois o país em torno do Delta e do Nilo começava a ocupar grande espaço nas preocupações do pensamento erudito, e omne ignotum pro Ægyptiaco era o caminho da ilusão para o qual muitas mentes tendiam.

11.9 Isso era bastante desculpável então, mas que essa loucura tenha continuado e, dentro do círculo encantado das ciências ocultas, ainda passe de boca em boca — para isso não há desculpa. Vejamos, portanto, as provas apresentadas pelo sr. Court de Gebelin em apoio à sua tese e, para que eu seja justo, elas serão resumidas tanto quanto possível em suas próprias palavras.

12 (1) As figuras e a disposição do jogo são manifestamente alegóricas; (2) as alegorias estão de acordo com a doutrina civil, filosófica e religiosa do antigo Egito; (3) se as cartas fossem modernas, nenhuma Suma Sacerdotisa estaria incluída entre os Arcanos Maiores; (4) a figura em questão traz os chifres de Ísis; (5) a carta chamada Imperador tem um cetro que termina em

uma cruz tripla; (6) a carta intitulada Lua, que é Ísis, mostra gotas de chuva ou orvalho sendo derramadas pelo astro, e estas — como vimos — são as lágrimas de Ísis, que engrossavam as águas do Nilo e fertilizavam os campos do Egito; (7) a décima sétima carta, ou Estrela, é a estrela do Cão, Sírius, que era consagrada a Ísis e simbolizava o início do ano; (8) o jogo praticado com o Tarô se baseia no número sagrado sete, que era de grande importância no Egito; (9) a palavra Tarô é puramente egípcia, língua em que Tar=caminho ou estrada, e Ro=rei ou real — significa, portanto, o Caminho Real da Vida; (10) alternativamente, deriva de A=doutrina; Rosh=Mercúrio=Thoth, e do artigo T; em suma, Tarosh; e, por conseguinte, o Tarô é o Livro de Thoth, ou a Tábua da Doutrina de Mercúrio.

13 Esse é o testemunho, ficando entendido que deixei de lado várias afirmações ocasionais para as quais não se apresenta nenhum tipo de justificativa. Esses são, portanto, os dez pilares que sustentam o edifício da tese, e são pilares de areia.

13.2 O Tarô é, naturalmente, alegórico, isto é, é simbolismo — mas a alegoria e o símbolo são universais — de todos os países, nações e épocas; não são mais egípcios do que mexicanos; pertencem à Europa e ao Catai, ao Tibete além do Himalaia e às sarjetas de Londres.

13.3 Como alegoria e símbolo, as cartas correspondem a muitos tipos de ideias e coisas; são universais, e não particulares; e o fato de não corresponderem de maneira especial e peculiar à doutrina egípcia — religiosa, filosófica ou civil — fica claro pela incapacidade de Court de Gebelin de ir além da afirmação.

13.4 A presença de uma Suma Sacerdotisa entre os Trunfos Maiores se explica mais facilmente como vestígio de alguma superstição popular — o culto a Diana, por exemplo, cuja persistência na Itália moderna foi rastreada por Leland com resultados tão marcantes. Também precisamos lembrar a universalidade dos chifres em todos os cultos, sem excluir o do Tibete.

13.5 A cruz tripla é absurda como exemplo de simbolismo egípcio; é a cruz da sé patriarcal, tanto grega quanto latina — de Veneza, de Jerusalém, por exemplo —, e é a forma de se persignar usada até hoje pelos sacerdotes e leigos do rito ortodoxo.

13.6 Deixo de lado a alusão inútil às lágrimas de Ísis, porque outros escritores ocultistas nos disseram que são letras hebraicas Yod; quanto à décima sétima carta, ela é a estrela Sírius ou outra, conforme agradar à predisposição; o número sete era certamente importante no Egito, e qualquer tratado sobre misticismo numérico mostrará que a mesma afirmação se aplica em toda parte, mesmo que decidamos ignorar os sete Sacramentos cristãos e os Dons do Espírito Divino.

13.7 Por fim, quanto à etimologia da palavra Tarô, basta observar que foi proposta antes da descoberta da Pedra de Roseta e quando não havia conhecimento da língua egípcia.

14 Não se permitiu que a tese de Court de Gebelin repousasse imperturbada na mente da época, dirigindo-se exclusivamente aos eruditos por meio de um volume em quarto. Ela abriu espaço para as cartas de Tarô em Paris, como centro da França e de tudo o que era francês no universo.

14.2 A sugestão de que a adivinhação pelas cartas tinha por trás de si as inesperadas garantias de uma antiga ciência oculta, e de que a raiz de todo o assunto estava no assombro e no mistério do Egito, conferiu-lhe uma dignidade quase divina; dos redutos das práticas ocultas, a cartomancia entrou na moda e assumiu, por um momento, vestes quase pontificais.

14.3 O primeiro a assumir o papel de saltimbanco, mago e malabarista foi o aventureiro iletrado, mas zeloso, Alliette; a segunda, como uma espécie de Suma Sacerdotisa, cheia de intuições e revelações, foi a srta.

14.4 Lenormand — mas ela pertence a um período posterior; por fim veio Julia Orsini, que pode ser comparada a uma Rainha de Copas um tanto envolta nos farrapos da clarividência.

14.5 Não me ocupo dessas pessoas como leitoras da sorte, quando o próprio destino embaralhava e cortava as cartas para o jogo da revolução universal, ou para cortes e cortesãos como os de Luís XVIII, Carlos IX e Luís Filipe.

14.6 Mas, sob a designação oculta de Etteilla, a transliteração de seu nome, Alliette, aquele fabricante de perucas levava a si mesmo muito a sério e se apresentava mais como sacerdote das ciências ocultas do que como um adepto comum da arte de ler as cartas. Mesmo hoje há pessoas, como o dr. Papus, que procuraram salvar do esquecimento alguma parte de seu estranho sistema.

15 A longa e heterogênea história de O Mundo Primitivo terminara de ser contada em 1782 e, em 1783, os tratados de Etteilla começaram a sair em grande quantidade da imprensa, atestando que ele já havia passado trinta, ou melhor, quase quarenta anos estudando a magia egípcia e que encontrara as chaves definitivas.

15.2 Eram, de fato, as Chaves do Tarô, que era um livro de filosofia e o Livro de Thoth, mas, ao mesmo tempo, fora realmente escrito por dezessete Magos em um Templo de Fogo, nas fronteiras do Levante, a cerca de três léguas de Mênfis.

15.3 Continha a ciência do universo, e o cartomante passou a aplicá-la à Astrologia, à Alquimia e à previsão da sorte, sem a menor timidez ou reserva quanto ao fato de que exercia um comércio. Tenho realmente pouca dúvida de que ele o considerava legítimo como ofício e de que foi a primeira pessoa a se convencer de seu sistema.

15.4 Mas o ponto que devemos observar é que foi dessa maneira que a antiguidade do Tarô foi amplamente alardeada. Os livrinhos de Etteilla são prova cabal de que ele não conhecia nem a própria língua; quando, com o passar do tempo, produziu um Tarô reformado, até aqueles que o veem com carinho admitem que ele estragou seu simbolismo; e, no que diz respeito às antiguidades, tinha apenas Court de Gebelin como autoridade universal.

16 Os cartomantes se sucederam da maneira que mencionei, e naturalmente havia adeptos rivais desses mistérios menores que os menores; mas o estudo erudito do assunto, se é que se pode dizer que chegou a existir, permaneceu, afinal, no volume em quarto de Court de Gebelin por pouco mais de sessenta anos.

16.2 Com base em sua autoridade, há pouquíssima dúvida de que todos os que tomaram conhecimento da questão das cartas de Tarô, pela teoria ou pela prática, por interesse ocasional ou especial, aceitaram seu caráter egípcio.

16.3 Diz-se que as pessoas costumam ser aceitas pelo valor que atribuem a si mesmas, e a mente comum despreocupada — seguindo, como segue, a linha de menor resistência — certamente aceita as pretensões arqueológicas nos termos da própria ousadia delas e daqueles que as apresentam.

16.4 O primeiro que pareceu reconsiderar o assunto com alguma credencial presumível para ser ouvido foi o escritor francês Duchesne, mas sou obrigado a passar por ele com uma simples referência, assim como por algumas pesquisas interessantes sobre o tema geral das cartas de jogar feitas por Singer na Inglaterra.

16.5 Este último acreditava que o antigo jogo veneziano chamado Trappola era a forma mais antiga de jogo de cartas na Europa, que tinha origem árabe e que as cinquenta e duas cartas usadas para esse fim provinham daquela região. Não me parece que alguma importância tenha sido atribuída a essa opinião.

17 Duchesne e Singer foram seguidos por outro escritor inglês, W. A. Chatto, que examinou os fatos disponíveis e a nuvem de especulações que já se formara sobre o assunto. Isso ocorreu em 1848, e sua obra ainda possui certa autoridade de referência, mas — mesmo dando todo o desconto a certa retidão atribuível à mente independente — continua sendo um trabalho medíocre e até pobre.

17.2 Era, contudo, à sua maneira, característico da noite profunda que se aproximava em meados do século XIX. Chatto rejeitou a hipótese egípcia, mas, como pouco se empenhou a respeito, dificilmente se poderia considerar que tivesse suplantado Court de Gebelin, caso este tivesse algum terreno firme sob sua hipótese.

17.3 Em 1854, outro escritor francês, Boiteau, retomou a questão geral, sustentando a origem oriental das cartas de Tarô, embora sem tentar prová-la. Não tenho certeza, mas penso que ele foi o primeiro escritor a identificá-las de modo definido com os ciganos; para ele, porém, a pátria original dos ciganos ficava na Índia, e o Egito, portanto, não entrava em seus cálculos.

18 Em 1860 surgiu Éliphas Lévi, um iluminado brilhante e profundo que é impossível aceitar e ainda mais impossível dispensar. Nunca houve uma boca que declarasse coisas tão grandiosas, entre todas as vozes ocidentais que proclamaram ou interpretaram a ciência chamada oculta e a doutrina chamada mágica.

18.2 Suponho que, fundamentalmente, ele se importasse tanto e tão pouco quanto eu com a parte dos fenômenos, mas os explicava com a segurança de alguém que considerava abertamente o charlatanismo um grande meio para atingir um fim, se usado por uma causa justa.

18.3 Veio para os seus, e os seus o receberam, também pelo valor que ele próprio se atribuía, como um homem de grande erudição — o que nunca foi — e como revelador de todos os mistérios, sem ter sido iniciado em nenhum. Não creio que tenha existido outro caso de um escritor com maiores dons, em seu gênero particular, que os tenha empregado de maneira tão medíocre.

18.4 Afinal, era apenas Etteilla encarnado pela segunda vez, dotado em sua transmutação de uma boca de ouro e de um conhecimento ocasional mais amplo. Apesar disso, escreveu a mais abrangente, brilhante e encantadora História da Magia que já foi posta por escrito em qualquer língua.

18.5 Acolheu o Tarô e a hipótese de de Gebelin no mais íntimo de seu coração, e toda a França ocultista e toda a Grã-Bretanha esotérica, martinistas, cabalistas de instrução incompleta, escolas de pretensa teosofia — lá, aqui e em toda parte — aceitaram seu julgamento a respeito com a mesma confiança que suas interpretações daqueles grandes clássicos da Cabala que ele havia mais folheado do que lido.

18.6 Para ele, o Tarô não era apenas o instrumento mais perfeito de adivinhação e a pedra angular da ciência oculta, mas também o livro primitivo, o único livro dos antigos Magos, o volume milagroso que inspirou todos os escritos sagrados da Antiguidade.

18.7 Em sua primeira obra, contudo, Lévi se contentou em aceitar a construção de Court de Gebelin e reproduzir o sétimo Trunfo Maior com algumas características egípcias. A questão da transmissão do Tarô pelos ciganos não o ocupou até que J. A. Vaillant, um escritor excêntrico com grande conhecimento do povo romani, a sugerisse em sua obra sobre essas tribos errantes.

18.8 Os dois autores foram quase contemporâneos e, daí em diante, refletiram um ao outro. Coube a Romain Merlin, em 1869, apontar o que deveria ser óbvio: que cartas de algum tipo eram conhecidas na Europa antes da chegada dos ciganos em 1417 ou por volta desse ano.

18.9 Mas, como essa foi a chegada deles a Lüneburg, e como sua presença pode ser rastreada anteriormente, a correção perde uma parte considerável de sua força; é mais seguro, portanto, dizer que a evidência do uso do Tarô pelas tribos romani só foi sugerida depois do ano de 1840; o fato de alguns ciganos terem sido encontrados usando cartas antes desse período é perfei-

tamente explicável pela hipótese de que eles não as trouxeram para a Europa, mas já as encontraram ali e as acrescentaram aos instrumentos de seu ofício.

19 Vimos agora que não há uma só parcela de evidência da origem egípcia das cartas de Tarô. Olhando em outras direções, certa vez se afirmou, com base em autoridade nativa, que cartas de algum tipo foram inventadas na China por volta do ano 1120 d.C.

19.2 Court de Gebelin acreditou, em seu zelo, que havia rastreado sua origem até uma inscrição chinesa de suposta grande antiguidade que, segundo se dizia, se referia ao recuo das águas do Dilúvio. Os caracteres dessa inscrição estavam contidos em setenta e sete compartimentos, e nisso consiste a analogia.

19.3 A Índia também tinha suas tabuletas, fossem cartas ou outra coisa, e estas sugeriram semelhanças igualmente frágeis. Mas a existência, por exemplo, de dez naipes ou tipos, de doze números cada, representando os avatares de Vishnu como peixe, tartaruga, javali, leão, macaco, machadinha, guarda-sol ou arco, como bode, um boodh e, por fim, como cavalo, não nos ajudará a chegar à origem de nossos próprios Trunfos Maiores, assim como coroas e harpas — nem mesmo a presença de possíveis moedas como sinônimo de denários e talvez como equivalente de pentáculos — pouco fazem para esclarecer os Arcanos Menores.

19.4 Se toda língua, povo, clima e época possuíssem suas cartas — se com elas também filosofassem, adivinhassem e jogassem —, o fato seria bastante interessante, mas, a menos que fossem cartas de Tarô, ilustrariam apenas a tendência universal do homem de buscar as mesmas coisas de maneira mais ou menos igual.

20 Encerro, portanto, a história deste assunto repetindo que ele não tem história anterior ao século XIV, quando se ouviram os primeiros rumores sobre cartas. Elas podem ter existido por séculos, mas esse período seria suficientemente antigo se fossem destinadas apenas a que as pessoas tentassem a sorte no jogo ou na visão do futuro; por outro lado, se contêm as profundas sugestões da Doutrina Secreta, então o século XIV também é suficientemente antigo, ou, pelo menos, nesse aspecto estamos obtendo o máximo que podemos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, § 1 — O TARÔ E A TRADIÇÃO SECRETA

✦

1 O Tarô incorpora representações simbólicas de ideias universais, por trás das quais se encontra tudo o que está implícito na mente humana, e é nesse sentido que elas contêm uma doutrina secreta, que consiste na percepção, por poucos, de verdades inseridas na consciência de todos, embora ainda não tenham sido expressamente reconhecidas pelos homens comuns.

1.2 A teoria é que essa doutrina sempre existiu — isto é, foi elaborada na consciência de uma minoria eleita; que foi perpetuada em segredo de uma pessoa para outra e registrada em literaturas secretas, como as da Alquimia e da Cabala; que também está contida naqueles Mistérios Instituídos dos quais o Rosacrucianismo oferece um exemplo próximo de nós no passado, e a Maçonaria de Ofício, um resumo vivo, ou memorial geral, para aqueles que conseguem interpretar seu verdadeiro significado.

1.3 Sustenta-se que, por trás da Doutrina Secreta, existe uma experiência ou prática pela qual a Doutrina se justifica. É evidente que, num manual como este, pouco posso fazer além de expor essas alegações, que, no entanto, foram discutidas extensamente em vários de meus outros escritos, estando ainda previsto tratar de duas de suas fases mais importantes em livros dedicados à Tradição Secreta na Maçonaria e na literatura Hermética.

1.4 Quanto às alegações relativas ao Tarô, deve-se lembrar que uma parte considerável da suposta Doutrina Secreta foi apresentada nos emblemas pictóricos da Alquimia, de modo que o suposto Livro de Thoth não é, em nenhum sentido, uma criação isolada desse gênero emblemático.

1.5 Ora, a Alquimia tinha dois ramos, como expliquei detalhadamente em outro lugar, e os emblemas pictóricos que mencionei são comuns a ambas as divisões. Seu lado material está representado no estranho simbolismo do Mutus Liber, impresso nos grandes volumes em fólio de Mangetus.

1.6 Ali, o processo de realização da grande obra de transmutação é retratado em catorze gravuras em cobre, que mostram os diferentes estágios da matéria nos vários recipientes químicos.

1.7 Acima desses recipientes há símbolos mitológicos, planetários, solares e lunares, como se os poderes e as virtudes que — segundo o ensinamento Hermético — presidem ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento do reino metálico interviessem ativamente para ajudar os dois operadores que trabalham abaixo. Os operadores — curiosamente — são um homem e uma mulher.

1.8 O lado espiritual da Alquimia é exposto nos emblemas muito mais estranhos do Livro de Lambspring, e disso já apresentei uma interpretação preliminar, à qual o leitor pode recorrer.

1.9 O tratado contém o mistério do que se chama elixir místico ou arquinatural, que consiste no casamento da alma e do espírito no corpo do filósofo adepto e na transmutação do corpo como resultado físico desse casamento. Nunca encontrei alusões mais curiosas do que nessa pequena obra.

1.10 Pode-se mencionar, como fato, que ambos os tratados são muito posteriores à data mais tardia que a forma mais rigorosa de crítica poderia atribuir à distribuição geral das cartas de Tarô na Europa. Eles pertencem, respectivamente, ao final dos séculos dezessete e dezesseis.

1.11 Como não estou aqui recorrendo à fonte da imaginação para renovar a dos fatos e da experiência, não sugiro que o Tarô tenha dado o exemplo de expressar a Doutrina Secreta em imagens e que os escritores Herméticos o tenham seguido; mas é digno de nota que ele seja talvez o exemplo mais antigo dessa arte.

1.12 É também o mais universal, porque não é, por atribuição ou de qualquer outra forma, derivado de uma única escola ou literatura de ocultismo; não pertence à Alquimia, à Cabala, à Astrologia ou à Magia Cerimonial; mas, como eu disse, é a apresentação de ideias universais por meio de tipos universais, e é na combinação desses tipos — se é que a apresenta em algum lugar — que ele apresenta a Doutrina Secreta.

2 Essa combinação pode, por hipótese, residir na sequência numerada de suas séries ou na reunião casual de suas cartas ao embaralhar, cortar e distribuir, como nos jogos de azar comuns praticados com cartas. Dois escritores adotaram a primeira perspectiva sem excluir a segunda, e talvez seja conveniente que eu examine de uma vez o que disseram. O Sr.

2.2 MacGregor Mathers, que certa vez publicou um folheto sobre o Tarô, dedicado sobretudo à leitura da sorte, sugeriu que os vinte e dois Trunfos Maiores poderiam ser organizados, seguindo sua ordem numérica, naquilo que ele chamou de uma "frase encadeada".

2.3 Tratava-se, na verdade, dos tópicos de uma tese moral sobre a vontade humana, sua iluminação pela ciência, representada pelo Mago, sua manifestação pela ação — significado atribuído à Sacerdotisa —, sua realização (a Imperatriz) em atos de misericórdia e beneficência, qualidades que foram atribuídas ao Imperador.

2.4 Ele também falou, da maneira convencional e conhecida, de prudência, fortaleza, sacrifício, esperança e felicidade final. Mas, se essa fosse a mensagem das cartas, certamente não haveria justificativa para publicá-las nos dias de hoje ou para se dar ao trabalho de elucidá-las com alguma extensão.

2.5 Em seu Tarô dos Boêmios, uma obra escrita com zelo e entusiasmo, sem poupar esforços de reflexão ou pesquisa dentro de suas linhas particulares — mas infelizmente sem verdadeira compreensão —, o Dr. Papus apresentou um esquema singularmente elaborado dos Trunfos Maiores. Ele depende, como o do Sr.

2.6 Mathers, de sua sequência numérica, mas mostra suas inter-relações no Mundo Divino, no Macrocosmo e no Microcosmo. Dessa maneira, temos, por assim dizer, uma história espiritual do homem, ou da alma que sai do Eterno, passa para a escuridão do corpo material e retorna às alturas.

2.7 Penso que o autor está aqui a uma distância mensurável do caminho certo, e suas ideias são esclarecedoras nessa medida, mas seu método — em alguns aspectos — confunde as questões e os modos e planos de existência.

3 Os Trunfos Maiores também foram tratados pelo método alternativo que mencionei, e Grand Orient, em seu Manual de Cartomancia, sob a aparência de uma modalidade de adivinhação transcendental, ofereceu, na realidade, o resultado de certas leituras ilustrativas das cartas quando dispostas segundo uma combinação casual obtida ao embaralhar e distribuir.

3.2 O uso de métodos divinatórios, qualquer que seja a intenção e qualquer que seja o propósito, traz consigo duas sugestões. Pode-se pensar que os significados mais profundos são atribuídos, em vez de reais, mas essa ideia é refutada pela existência de certas cartas, como o Mago, a Sacerdo-

tisa, a Roda da Fortuna, o Enforcado, a Torre ou Casa de Deus, e várias outras, que não correspondem a Condições de Vida, Artes, Ciências, Virtudes ou aos outros temas contidos nas dezenas das figuras emblemáticas de Baldini.

3.3 Elas também são prova conclusiva de que ensinamentos morais óbvios e naturais não podem explicar a sequência. Tais cartas dão testemunho de si mesmas de outra maneira; e, embora o estado em que deixei o Tarô quanto ao seu lado histórico seja tanto mais difícil quanto mais aberto permanece, elas indicam o verdadeiro assunto de que estamos tratando.

3.4 Os métodos também mostram que pelo menos os Trunfos Maiores foram adaptados à leitura da sorte, em vez de pertencerem a ela. Os significados divinatórios comuns que serão apresentados na terceira parte são, em grande medida, atribuições arbitrárias ou o produto de uma intuição secundária e sem instrução; ou, no máximo, pertencem ao assunto num plano inferior, à parte da intenção original.

3.5 Se o Tarô fosse, em sua essência, uma questão de leitura da sorte, teríamos de procurar em lugares muito estranhos o motivo que o concebeu — na Bruxaria e no Sabá Negro, em vez de em qualquer Doutrina Secreta.

4 As duas classes de significado que se vinculam ao Tarô nos mundos superior e inferior, e o fato de nenhum escritor de ocultismo ou de outra área ter tentado atribuir aos Arcanos Menores qualquer significado além do divinatório, justificam de mais uma maneira a hipótese de que as duas séries não pertencem uma à outra.

4.2 É possível que seu casamento tenha ocorrido pela primeira vez no Tarô de Bolonha, por obra daquele Príncipe de Pisa que mencionei na primeira parte. Diz-se que sua criação lhe valeu reconhecimento público e

uma recompensa da cidade que ele adotara, o que dificilmente teria sido possível, mesmo naqueles dias fantásticos, pela produção de um Tarô que apenas omitisse algumas das cartas menores; mas, como estamos tratando de uma questão de fato que precisa ser explicada de alguma forma, é concebível que a combinação das cartas menores e de jogo com a série filosófica, e a adaptação de ambas a um jogo de azar, pudesse ter causado sensação.

4.3 Depois, ele teria sido ainda adaptado àquele outro jogo de azar que se chama leitura da sorte. Deve-se entender aqui que não estou negando a possibilidade da adivinhação, mas, como místico, faço objeção às devoções que levam as pessoas a esses caminhos, como se eles tivessem alguma relação com a Busca Mística.

5 As cartas de Tarô que acompanham a edição pequena da presente obra, isto é, a Chave do Tarô, foram desenhadas e coloridas pela Srta. Pamela Colman Smith e serão, creio, consideradas muito impressionantes e belas, tanto na concepção quanto na execução. Elas são reproduzidas nesta edição ampliada da Chave como referência para o texto.

5.2 Diferem em muitos aspectos importantes dos arcaísmos convencionais do passado e dos produtos deploráveis de venda ambulante que agora nos chegam da Itália, e cabe a mim justificar suas variações no que diz respeito ao simbolismo.

5.3 O fato de, pela primeira vez nos tempos modernos, eu apresentar um baralho que é obra de uma artista não exige, suponho, desculpas, nem mesmo às pessoas — se ainda resta alguma entre nós — que costumavam ser descritas e se descrever como "muito ocultistas".

5.4 Quem olhar para o magnífico valete ou pajem do Tarô que figura em uma das pranchas de página inteira de Fatos e Especulações sobre a História das Cartas de Jogar, de Chatto, saberá que a Itália de antigamente produziu alguns baralhos esplêndidos.

5.5 Só posso desejar que tivesse sido possível publicar as cartas restauradas e corrigidas no mesmo estilo e tamanho; isso teria feito mais justiça aos desenhos, mas o resultado teria se mostrado pouco manejável para aqueles fins práticos ligados às cartas, que precisam ser levados em conta, sejam quais forem minhas opiniões a respeito.

5.6 Pelas variações no simbolismo que afetaram os desenhos, sou o único responsável. No que diz respeito aos Arcanos Maiores, elas certamente provocarão críticas entre os estudiosos, verdadeiros e supostos.

5.7 Desejo, por conseguinte, dizer, dentro dos limites da cortesia e do mais elevado decoro próprios da fraternidade da pesquisa, que não me importo absolutamente com qualquer opinião que venha a ser expressa.

5.8 Existe uma Tradição Secreta referente ao Tarô, assim como uma Doutrina Secreta nele contida; segui parte dela sem ultrapassar os limites que cercam assuntos dessa natureza e pertencem às leis da honra.

5.9 Essa tradição tem duas partes, e, como uma delas foi posta por escrito, parece decorrer daí que ela pode ser revelada a qualquer momento, o que não terá importância, porque a segunda, como indiquei, ainda não foi posta por escrito e é conhecida de pouquíssimos.

5.10 Os fornecedores de cópias espúrias e os traficantes de mercadorias roubadas podem tomar nota desse ponto, se quiserem. Peço, além disso, que me distingam de dois ou três escritores dos últimos tempos que julgaram conveniente insinuar que poderiam dizer muito mais se quisessem, pois não falamos a mesma língua; mas também de qualquer pessoa que,

agora ou no futuro, venha a dizer que contará tudo, pois essas pessoas possuem apenas os elementos acidentais, e não os essenciais necessários para tal revelação.

5.11 Se, de minha parte, segui o conselho de Robert Burns, guardando para mim algo que "quase não conto a ninguém", ainda assim disse tudo o que posso; é a verdade à sua maneira, e tanto quanto se pode esperar ou exigir naqueles círculos externos em que não se podem esperar as qualificações da pesquisa especializada.

6 Quanto aos Arcanos Menores, eles são os primeiros nos tempos modernos, mas não em todos os tempos, a vir acompanhados de imagens, além do que se chama de "marcas" — isto é, os sinais correspondentes aos números dos vários naipes. Essas imagens correspondem aos significados divinatórios, que foram extraídos de muitas fontes.

6.2 Em resumo, por conseguinte, a presente divisão desta chave é dedicada aos Trunfos Maiores; ela elucida seus símbolos no que diz respeito à intenção superior e com referência aos desenhos do baralho. A terceira divisão apresentará o significado divinatório das setenta e oito cartas do Tarô, com referência particular aos desenhos dos Arcanos Menores.

6.3 Apresentará, por fim, alguns modos de uso para aqueles que deles necessitam, e no sentido da razão que já expliquei no prefácio. O que se segue deve ser considerado, para fins de comparação, em conjunto com a descrição geral dos antigos Trunfos do Tarô na primeira parte.

6.4 Ali se verá que a carta zero do Louco é colocada, como sempre acontece, na posição que a torna equivalente ao número vinte e um. A disposição é ridícula à primeira vista, o que não tem muita importância, mas tam-

bém é errada quanto ao simbolismo, e este tampouco fica melhor quando ela passa a substituir o vigésimo segundo ponto da sequência.

6.5 Etteilla reconheceu as dificuldades de ambas as atribuições, mas apenas piorou as coisas ao colocar o Louco na posição que costuma ser ocupada pelo Ás de Ouros, como a última de toda a série do Tarô.

6.6 Essa reorganização foi seguida recentemente por Papus em O Tarô Divinatório, no qual a confusão não tem consequências, pois os resultados da leitura da sorte dependem de posições casuais, e não do lugar essencial na sequência geral das cartas.

6.7 Já vi ainda outra colocação do símbolo zero, que sem dúvida se aplica em certos casos, mas falha nos planos mais elevados, e, para nossas necessidades atuais, seria inútil levar o exame adiante.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O LOUCO (0)



1 Com passo leve, como se a terra e suas amarras tivessem pouco poder para contê-lo, um jovem em vestes esplêndidas se detém à beira de um precipício, entre as grandes alturas do mundo; ele contempla a distância azul diante de si — a extensão do céu, mais do que a paisagem abaixo.

1.2 Seu movimento de caminhada ansiosa ainda é perceptível, embora esteja parado naquele momento; seu cão continua saltando. A borda que se abre para o abismo não causa terror; é como se anjos estivessem esperando para ampará-lo, caso ele saltasse daquela altura. Seu semblante está cheio de inteligência e de um sonho de expectativa.

1.3 Ele tem uma rosa em uma das mãos e, na outra, um bastão precioso, do qual pende, sobre seu ombro direito, uma bolsa bordada de maneira singular. É um príncipe do outro mundo em suas viagens por este — em meio a toda a glória da manhã, no ar revigorante. O sol, que brilha atrás dele, sabe de onde ele veio, para onde vai e como retornará por outro caminho depois de muitos dias.

1.4 Ele é o espírito em busca de experiência. Muitos símbolos dos Mistérios Instituídos estão reunidos nesta carta, que desfaz, sob elevada autoridade, todas as confusões que a precederam.

2 Em seu Manual de Cartomancia, Grand Orient faz uma curiosa sugestão sobre a função do Louco Místico como parte de seu processo de adivinhação superior; mas colocá-la em prática poderia exigir dons além dos comuns.

2.2 Veremos como a carta se sai segundo as artes comuns de prever a sorte, e isso será um exemplo, para aqueles que sabem discernir, do fato, de resto tão evidente, de que os Trunfos Maiores originalmente não tinham lugar nas artes do jogo psíquico, em que as cartas são usadas como fichas e pretextos. Das circunstâncias em que essa arte surgiu, contudo, sabemos muito pouco.

2.3 As explicações convencionais dizem que o Louco significa a carne, a vida sensível, e, por uma sátira peculiar, seu nome secundário foi, em certa época, o alquimista, por retratar a loucura em seu estágio mais insensato.

[3] Significados divinatórios: Loucura, mania, extravagância, embriaguez, delírio, frenesi, traição. Invertida: Negligência, ausência, distribuição, descuido, apatia, nulidade, vaidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O MAGO (I)

✦



1 Uma figura jovem com as vestes de um mago, tendo o semblante do divino Apolo, um sorriso de confiança e olhos brilhantes. Acima de sua cabeça está o misterioso sinal do Espírito Santo, o sinal da vida, como um cordão sem fim, formando a figura 8 em posição horizontal 8. Em torno de sua cintura há um cinturão em forma de serpente, que parece devorar a própria cauda.

1.2 A maioria o conhece como um símbolo convencional da eternidade, mas aqui ele indica, mais especialmente, a eternidade da realização no espírito. Na mão direita do Mago há um bastão erguido em direção ao céu, enquanto a mão esquerda aponta para a terra.

1.3 Esse sinal duplo é conhecido nos graus muito elevados dos Mistérios Instituídos; ele mostra a descida da graça, da virtude e da luz, extraídas das coisas do alto e transmitidas às coisas de baixo. A ideia sugerida em toda a carta é, por conseguinte, a posse e a comunicação dos Poderes e Dons do Espírito.

1.4 Sobre a mesa diante do Mago estão os símbolos dos quatro naipes do Tarô, que representam os elementos da vida natural, dispostos como fichas diante do adepto, e ele os adapta conforme sua vontade. Abaixo há rosas e lírios, o flos campi e o lilium convallium, transformados em flores de jardim, para mostrar o cultivo da aspiração.

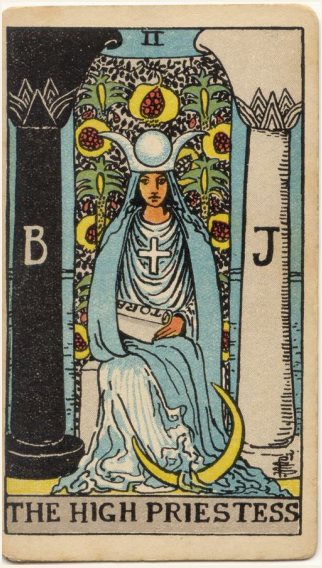
1.5 Esta carta significa o impulso divino no ser humano, refletindo Deus, a vontade na libertação de sua união com aquilo que está acima. É também a unidade do ser individual em todos os planos e, em um sentido muito elevado, é o pensamento em sua fixação.

1.6 Ainda a respeito do que chamei de sinal da vida e de sua ligação com o número 8, pode-se lembrar que o gnosticismo cristão fala do renascimento em Cristo como uma mudança "para a Ogdóade". O número místico é chamado de Jerusalém do alto, Terra onde correm Leite e Mel, Espírito Santo e Terra do Senhor. Segundo o martinismo, 8 é o número de Cristo.

2 Significados divinatórios: Habilidade, diplomacia, destreza, sutileza; doença, dor, perda, desastre, armadilhas de inimigos; autoconfiança, vontade; o Consulente, se for homem. Invertida: Médico, Mago, doença mental, desonra, inquietação.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A SACERDOTISA (II)



1 Ela tem a lua crescente aos pés, um diadema com chifres na cabeça, com um globo no centro, e uma grande cruz solar no peito. No rolo que tem nas mãos está inscrita a palavra Tora, que significa a Lei Maior, a Lei Secreta e o segundo sentido da Palavra. Ele está parcialmente coberto por seu manto, para mostrar que algumas coisas são implícitas e outras são ditas.

1.2 Ela está sentada entre as colunas branca e negra — J. e B. — do Templo místico, e o véu do Templo está atrás dela: é bordado com palmeiras e romãs. As vestes são fluidas e diáfanas, e o manto sugere luz — um esplen-

dor cintilante. Ela tem sido chamada de Ciência Oculta no limiar do Santuário de Ísis, mas é, na verdade, a Igreja Secreta, a Casa que é de Deus e do ser humano.

1.3 Representa também o Segundo Casamento do Príncipe que já não é deste mundo; ela é a Noiva e Mãe espiritual, a filha das estrelas e o Jardim Superior do Éden. É, enfim, a Rainha da luz emprestada, mas essa é a luz de todos. Ela é a Lua nutrida pelo leite da Mãe Suprema.

2 De certo modo, ela é também a própria Mãe Suprema — isto é, ela é seu reflexo luminoso. É nesse sentido de reflexo que seu nome mais verdadeiro e elevado no simbolismo é Shekinah — a glória que habita junto. Segundo a Cabala, há uma Shekinah tanto acima quanto abaixo.

2.2 No mundo superior, ela é chamada de Binah, o Entendimento Supremo que reflete para as emanações que estão abaixo. No mundo inferior, é Malkuth — sendo esse mundo entendido, para esse fim, como um Reino abençoado —, e aquilo que o torna abençoado é a Glória que nele Habita.

2.3 Em termos místicos, a Shekinah é a Noiva Espiritual do homem justo e, quando ele lê a Lei, ela lhe dá o sentido Divino. Há certos aspectos em que esta carta é a mais elevada e a mais santa dos Arcanos Maiores.

3 Significados divinatórios: Segredos, mistério, o futuro ainda não revelado; a mulher que interessa ao Consulente, se for homem; a própria Consulente, se for mulher; silêncio, tenacidade; mistério, sabedoria, ciência. Invertida: Paixão, ardor moral ou físico, presunção, conhecimento superficial.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A IMPERATRIZ (III)

✦



1 Uma figura majestosa, sentada, com vestes ricas e aspecto real, como uma filha do céu e da terra. Seu diadema é formado por doze estrelas, reunidas em um conjunto. O símbolo de Vênus está no escudo que repousa perto dela. Um campo de cereais amadurece à sua frente, e mais adiante há uma queda-d'água. O cetro que ela carrega tem no topo o globo deste mundo.

1.2 Ela é o Jardim inferior do Éden, o Paraíso Terrestre, tudo o que é simbolizado pela casa visível do ser humano. Ela não é Regina coeli, mas ainda é refugium peccatorum, a mãe fecunda de milhares.

1.3 Há também certos aspectos em que ela foi corretamente descrita como o desejo e suas asas, como a mulher vestida de sol, como Gloria Mundi e o véu do Sanctum Sanctorum; mas ela não é, posso acrescentar, a

alma que ganhou asas, a menos que todo o simbolismo seja considerado de outra maneira, incomum. Ela é, acima de tudo, a fecundidade universal e o sentido exterior da Palavra.

1.4 Isso é evidente, porque nenhuma mensagem direta foi dada ao homem como aquela que é trazida pela mulher; mas ela própria não traz sua interpretação.

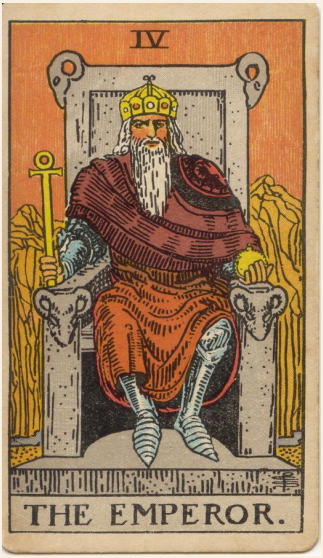
2 Em outra ordem de ideias, a carta da Imperatriz significa a porta ou o portal pelo qual se entra nesta vida, como no Jardim de Vênus; e então o caminho que leva para fora dela, rumo ao que está além, é o segredo conhecido pela Sacerdotisa: ela o comunica aos eleitos. A maioria das antigas atribuições desta carta está inteiramente errada quanto ao simbolismo — como, por exemplo, sua identificação com a Palavra, a Natureza Divina, a Tríade e assim por diante.

3 Significados divinatórios: Fecundidade, ação, iniciativa, longevidade; o desconhecido, o clandestino; também dificuldade, dúvida, ignorância. Invertida: Luz, verdade, o esclarecimento de questões complicadas, festejos públicos; segundo outra leitura, vacilação.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O IMPERADOR (IV)

✦



1 Ele tem como cetro uma forma da Crux ansata e um globo na mão esquerda. É um monarca coroado — imponente, majestoso, sentado em um trono cujos braços têm cabeças de carneiro na parte da frente. Ele é a execução e a realização, o poder deste mundo, aqui revestido de seus mais elevados atributos naturais.

1.2 Às vezes é representado sentado sobre uma pedra cúbica, o que, contudo, confunde algumas das questões. Ele é o poder viril, ao qual a Imperatriz responde, e nesse sentido é aquele que procura retirar o Véu de Ísis; ainda assim, ela permanece virgo intacta.

2 É preciso entender que esta carta e a da Imperatriz não representam exatamente a condição da vida conjugal, embora esse estado esteja implícito. Na superfície, como indiquei, representam a realeza mundana, elevada nos assentos dos poderosos; mas, acima disso, há a sugestão de outra presença.

2.2 Significam também — e especialmente a figura masculina — a realeza superior, que ocupa o trono intelectual. Trata-se aqui do domínio do pensamento, mais do que do mundo animal. Ambas as personalidades, cada uma à sua maneira, estão "cheias de experiências estranhas", mas a sabedoria que possuem não é, de forma consciente, aquela que se nutre de um mundo superior.

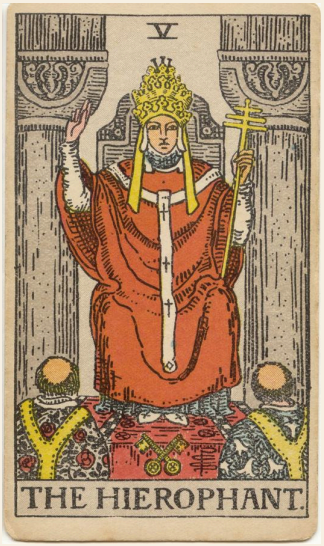
2.3 O Imperador foi descrito como (a) a vontade em sua forma corporificada, mas essa é apenas uma de suas aplicações, e (b) como uma expressão das virtualidades contidas no Ser Absoluto — mas isso é fantasia.

3 Significados divinatórios: Estabilidade, poder, proteção, realização; uma pessoa importante; auxílio, razão, convicção; também autoridade e vontade. Invertida: Benevolência, compaixão, crédito; também confusão para os inimigos, obstrução, imaturidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O HIEROFANTE (V)

✦



1 Ele usa a tríplice coroa e está sentado entre duas colunas, mas elas não são as do Templo guardado pela Sacerdotisa. Na mão esquerda, segura um cetro que termina na cruz tríplice e, com a mão direita, faz o conhecido sinal eclesiástico chamado de sinal do esoterismo, distinguindo entre a parte manifesta e a parte oculta da doutrina.

1.2 É digno de nota, nesse contexto, que a Sacerdotisa não faz sinal algum. A seus pés estão as chaves cruzadas, e dois ministros sacerdotais vestidos de alvas se ajoelham diante dele. Ele costuma ser chamado de Papa, o que é uma aplicação particular do ofício mais geral que simboliza.

1.3 Ele é o poder que rege a religião exterior, assim como a Sacerdotisa é o espírito que preside ao poder esotérico e recolhido. Os significados próprios desta carta sofreram uma lamentável mistura por parte de quase todos.

1.4 Grand Orient diz com razão que o Hierofante é o poder das chaves, a doutrina ortodoxa exotérica e o lado exterior da vida que conduz à doutrina; mas ele certamente não é o príncipe da doutrina oculta, como sugeriu outro comentarista.

2 Ele é, antes, a summa totius theologiæ, quando esta passou à mais extrema rigidez de expressão; mas também simboliza todas as coisas justas e sagradas no lado manifesto. Como tal, ele é o canal da graça que pertence ao mundo das instituições, distinto do mundo da Natureza, e é o guia da salvação para a humanidade em geral.

2.2 Ele é a ordem e o chefe da hierarquia reconhecida, que é o reflexo de outra ordem hierárquica maior; mas pode acontecer que o pontífice esqueça o significado dessa sua condição simbólica e aja como se contivesse, dentro de seus próprios limites, tudo o que seu sinal significa ou seu símbolo procura revelar.

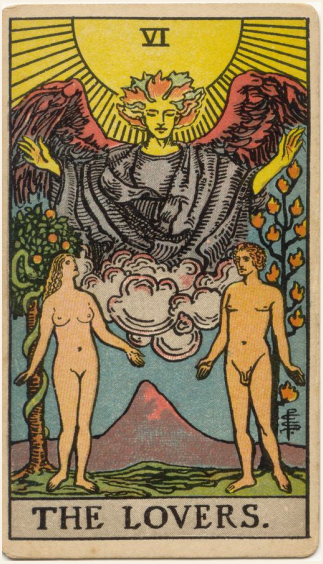
2.3 Ele não é, como se pensou, a filosofia — exceto pelo lado teológico; não é a inspiração; e não é a religião, embora seja uma de suas formas de expressão.

[3] Significados divinatórios: Casamento, aliança, cativeiro, servidão; segundo outra interpretação, misericórdia e bondade; inspiração; o homem a quem o Consulente recorre. Invertida: Sociedade, bom entendimento, concórdia, bondade excessiva, fraqueza.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS ENAMORADOS (VI)

✦



1 O sol brilha no zênite, e abaixo dele está uma grande figura alada com os braços estendidos, derramando influências. Em primeiro plano estão duas figuras humanas, masculina e feminina, sem véus uma diante da outra, como Adão e Eva quando ocuparam pela primeira vez o paraíso do corpo terreno.

1.2 Atrás do homem está a Árvore da Vida, que dá doze frutos, e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal está atrás da mulher; a serpente se enrosca ao redor dela. As figuras sugerem juventude, virgindade, inocência e amor antes de sua contaminação pelo desejo material grosseiro.

1.3 Esta é, com toda a simplicidade, a carta do amor humano, aqui apresentado como parte do caminho, da verdade e da vida. Ela substitui, recorrendo aos princípios fundamentais, a antiga carta do casamento, que descrevi anteriormente, e as tolices posteriores que retratavam o homem entre o vício e a virtude. Em um sentido muito elevado, a carta é um mistério da Aliança e do Sábado.

2 A sugestão a respeito da mulher é que ela representa aquela atração pela vida dos sentidos que traz em si a ideia da Queda do Homem, mas ela é antes a atuação de uma Lei Secreta da Providência do que uma tentadora consciente e voluntária. É por meio da falta que lhe é atribuída que o homem por fim se erguerá, e somente por meio dela poderá completar-se.

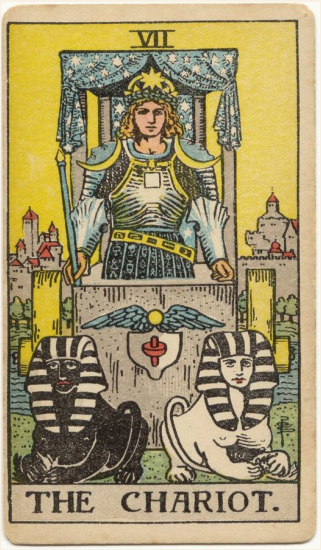
2.2 A carta é, por conseguinte, à sua maneira, outra alusão ao grande mistério da condição feminina. Os antigos significados necessariamente se desfazem com as antigas imagens, mas, mesmo como interpretações destas, alguns eram lugares-comuns e outros eram falsos em seu simbolismo.

3 Significados divinatórios: Atração, amor, beleza, provações superadas. Invertida: Fracasso, planos insensatos. Outra interpretação fala de casamento frustrado e contrariedades de toda espécie.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O CARRO (VII)

✦



1 Uma figura ereta e principesca, portando uma espada desembainhada e correspondendo, em linhas gerais, à descrição tradicional que apresentei na primeira parte. Supõe-se que sobre os ombros do herói vitorioso estejam o Urim e o Tumim. Ele levou cativo o cativeiro; é a conquista em todos os planos — na mente, na ciência, no progresso, em certas provas de iniciação.

1.2 Ele respondeu, assim, à esfinge, e foi por essa razão que aceitei a variante de Éliphas Lévi; duas esfinges puxam, portanto, seu carro. Ele é, acima de tudo, o triunfo na mente.

[2] Por essa razão, deve-se entender (a) que a pergunta da esfinge diz respeito a um Mistério da Natureza, e não ao mundo da Graça, ao qual o condutor do carro não poderia oferecer resposta; (b) que os planos de sua conquista são manifestos ou exteriores, e não estão dentro dele; (c) que a libertação que realiza pode deixá-lo preso ao entendimento lógico; (d) que as provas de iniciação pelas quais passou em triunfo devem ser entendidas física ou racionalmente; e (e) que, se chegasse às colunas daquele Templo entre as quais a Sacerdotisa está sentada, não poderia abrir o rolo chamado Torá, nem poderia responder se ela o interrogasse. Ele não é a realeza hereditária e não é o sacerdócio.

[3] Significados divinatórios: Socorro, providência; também guerra, triunfo, presunção, vingança, dificuldades. Invertida: Tumulto, briga, disputa, litígio, derrota.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A FORÇA (VIII)



1 Uma mulher, sobre cuja cabeça paira o mesmo símbolo da vida que vimos na carta do Hierofante, está fechando as mandíbulas de um leão. O único ponto em que esse desenho difere das representações convencionais é que sua fortaleza benéfica já subjugou o leão, que está sendo conduzido por uma corrente de flores.

1.2 Por razões que considero satisfatórias, esta carta trocou de lugar com a da Justiça, que em geral recebe o número oito. Como a mudança nada traz que tenha importância para o leitor, não há motivo para explicação.

1.3 A fortaleza, em um de seus aspectos mais elevados, está ligada ao Mistério Divino da União; essa virtude, naturalmente, atua em todos os planos e, por isso, recorre a todos em seu simbolismo. Liga-se também à innocentia inviolata e à força que reside na contemplação.

2 Esses significados mais elevados são, contudo, questões de inferência, e não sugiro que sejam evidentes na superfície da carta. Eles são indicados de maneira oculta pela corrente de flores, que significa, entre muitas outras coisas, o jugo suave e o fardo leve da Lei Divina, quando ela foi acolhida no mais íntimo do coração.

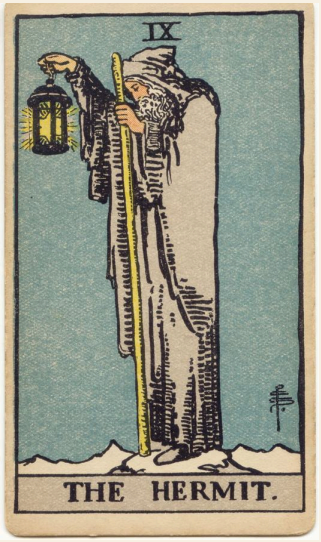
2.2 A carta nada tem a ver com a autoconfiança no sentido comum, embora isso tenha sido sugerido — mas diz respeito à confiança daqueles cuja força é Deus, que encontraram nele seu refúgio. Há um aspecto em que o leão significa as paixões, e aquela que é chamada de Força é a natureza superior em sua libertação. Ela caminhou sobre a áspide e o basilisco e pisou o leão e o dragão.

3 Significados divinatórios: Poder, energia, ação, coragem, magnanimidade; também sucesso completo e honrarias. Invertida: Despotismo, abuso de poder, fraqueza, discórdia, às vezes até desonra.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O EREMITA (IX)

✦



1 A única diferença desta carta em relação aos modelos convencionais é que a lâmpada não está parcialmente envolta no manto de seu portador, que reúne a ideia do Ancião de Dias à da Luz do Mundo. É uma estrela que brilha na lanterna. Eu disse que esta é uma carta de realização e, para ampliar essa concepção, vê-se a figura erguendo seu farol em um lugar elevado.

1.2 Portanto, o Eremita não é, como explicou Court de Gebelin, um sábio em busca da verdade e da justiça; tampouco é, como propõe uma explicação posterior, um exemplo especial de experiência. Seu farol indica que "onde eu estou, vocês também podem estar."

2 Além disso, é uma carta compreendida de maneira bastante incorreta quando associada à ideia de isolamento oculto, como proteção do magnetismo pessoal contra a mistura. Essa é uma das interpretações frívolas que devemos a Éliphas Lévi.

2.2 Ela foi adotada pela Ordem Francesa do Martinismo, e alguns de nós ouvimos falar muito da Filosofia Silenciosa e Desconhecida, envolta por seu manto para ocultá-la do conhecimento dos profanos. No verdadeiro Martinismo, o significado do termo Philosophe inconnu era de outra ordem.

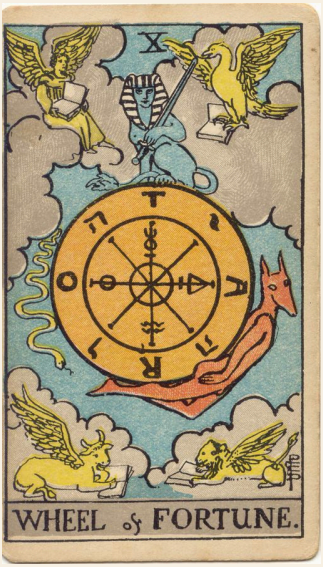
2.3 Ele não se referia à ocultação intencional dos Mistérios Instituídos, muito menos de seus substitutos, mas — como a própria carta — à verdade de que os Mistérios Divinos garantem sua própria proteção contra aqueles que não estão preparados.

3 Significados divinatórios: Prudência, circunspecção; também, e especialmente, traição, dissimulação, velhacaria, corrupção. Invertida: Ocultação, disfarce, astúcia, medo, cautela sem fundamento.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A RODA DA FORTUNA (X)

✦



1 Neste símbolo, segui novamente a reconstrução de Éliphas Lévi, que forneceu diversas variantes. É legítimo — como indiquei — usar o simbolismo egípcio quando ele serve ao nosso propósito, desde que isso não implique nenhuma teoria de origem. Apresentei, contudo, Tífon em sua forma de serpente.

1.2 O simbolismo, naturalmente, não é exclusivamente egípcio, pois as quatro Criaturas Viventes de Ezequiel ocupam os cantos da carta, e a própria roda segue outras indicações de Lévi a respeito da visão de Ezequiel, como ilustração da Chave específica do Tarô.

1.3 Para o ocultista francês, e no próprio desenho, a imagem simbólica representa o movimento perpétuo de um universo fluídico e o fluxo da vida humana. A Esfinge é o equilíbrio nele. A transliteração de Taro como Rota está inscrita na roda, alternada com as letras do Nome Divino — para mostrar que a Providência está presente em tudo.

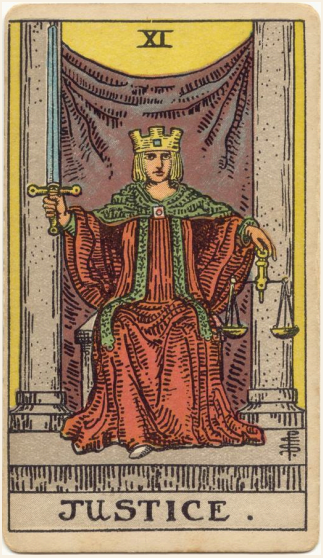
1.4 Mas essa é a intenção Divina no interior, e a intenção semelhante no exterior é exemplificada pelas quatro Criaturas Viventes. Às vezes, a esfinge é representada deitada sobre um pedestal no alto, o que desvirtua o simbolismo ao anular a ideia essencial de estabilidade em meio ao movimento.

2 Por trás da noção geral expressa no símbolo está a negação do acaso e da fatalidade nele implícita. Pode-se acrescentar que, desde os dias de Lévi, as explicações ocultistas desta carta são — mesmo para o próprio ocultismo — de uma espécie singularmente tola. Já se disse que ela significa princípio, fecundidade, honra viril, autoridade governante etc. As conclusões da adivinhação comum são melhores do que isso em seu próprio plano.

3 Significados divinatórios: Destino, fortuna, sucesso, elevação, sorte, felicidade. Invertida: Aumento, abundância, superfluidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A JUSTIÇA (XI)



[1] Como esta carta segue o simbolismo tradicional e traz, acima de tudo, seus significados evidentes, há pouco a dizer a seu respeito além das poucas considerações reunidas na primeira parte, à qual se remete o leitor.

[2] Veremos, contudo, que a figura está sentada entre colunas, como a Sacerdotisa, e por essa razão parece desejável indicar que o princípio moral que dá a cada homem segundo suas obras — embora, naturalmente, esteja em estrita analogia com as coisas superiores — difere em sua essência da justiça espiritual envolvida na ideia de eleição.

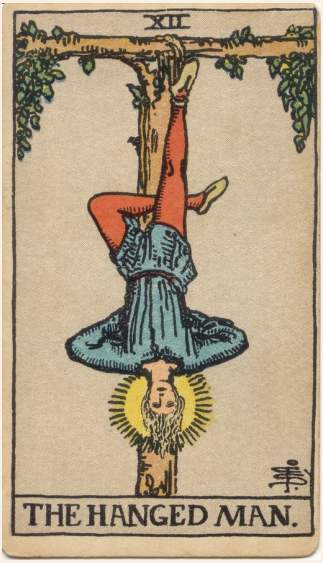
2.2 Esta última pertence a uma ordem misteriosa da Providência, em virtude da qual é possível a certos homens conceber a ideia de dedicação às coisas mais elevadas. Sua atuação é como o sopro do Espírito onde ele quer, e não temos critério de julgamento nem fundamento de explicação a seu respeito.

2.3 É análoga à posse dos dons das fadas, dos dons elevados e dos dons graciosos do poeta: nós os temos ou não, e sua presença é tão misteriosa quanto sua ausência. A lei da Justiça, porém, não está implicada em nenhuma das alternativas. Para concluir, as colunas da Justiça se abrem para um mundo, e as colunas da Sacerdotisa, para outro.

3 Significados divinatórios: Equidade, retidão, probidade, poder executivo; triunfo da parte merecedora na justiça. Invertida: A lei em todos os seus ramos, complicações jurídicas, intolerância, parcialidade, severidade excessiva.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O ENFORCADO (XII)



1 A forca da qual ele está suspenso forma uma cruz Tau, enquanto a figura — pela posição das pernas — forma uma cruz gamada. Há uma auréola em torno da cabeça do aparente mártir.

1.2 Deve-se observar (1) que a árvore do sacrifício é madeira viva, com folhas; (2) que o rosto expressa um profundo estado de êxtase, e não sofrimento; (3) que a figura, como um todo, sugere vida em suspensão, mas vida, e não morte. É uma carta de profundo significado, mas todo esse significado está velado.

1.3 Um de seus editores sugere que Éliphas Lévi não conhecia o significado, o que é indiscutível — nem o próprio editor o conhecia. Ela foi falsamente chamada de carta do martírio, carta da prudência, carta da Grande Obra, carta do dever; mas podemos esgotar todas as interpretações publicadas e encontrar apenas vaidade.

1.4 De minha parte, direi muito simplesmente que ela expressa a relação, em um de seus aspectos, entre o Divino e o Universo.

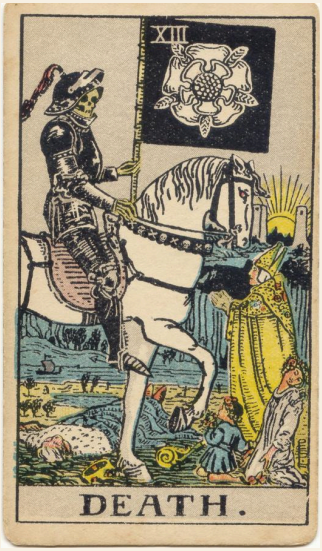
2 Aquele que puder compreender que a história de sua natureza superior está contida nesse simbolismo receberá indícios de um grande despertar que é possível e saberá que, depois do sagrado Mistério da Morte, há um glorioso Mistério da Ressurreição.

3 Significados divinatórios: Sabedoria, circunspecção, discernimento, provações, sacrifício, intuição, adivinhação, profecia. Invertida: Egoísmo, a multidão, o corpo político.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A MORTE (XIII)

✦



1 O véu ou a máscara da vida se perpetua na mudança, na transformação e na passagem do inferior ao superior, e isso é representado de modo mais adequado no Tarô retificado por uma das visões apocalípticas do que pela noção grosseira do esqueleto ceifador. Por trás disso está todo o mundo da ascensão em espírito.

1.2 O misterioso cavaleiro avança lentamente, trazendo um estandarte negro com a Rosa Mística, que significa vida. Entre dois pilares, no limite do horizonte, brilha o sol da imortalidade. O cavaleiro não carrega nenhuma arma visível, mas rei, criança e donzela caem diante dele, enquanto um prelado de mãos unidas aguarda seu fim.

2 Não deveria ser necessário assinalar que a alusão à morte que fiz em relação à carta anterior deve, naturalmente, ser entendida em sentido místico, mas não é esse o caso na presente situação.

2.2 A passagem natural do ser humano para a etapa seguinte de sua existência é ou pode ser uma forma de seu progresso, mas a entrada incomum e quase desconhecida, ainda nesta vida, no estado de morte mística é uma mudança na forma da consciência e a passagem para um estado ao qual a morte comum não serve de caminho nem de porta.

2.3 As explicações ocultistas existentes para a 13ª carta são, no conjunto, melhores do que de costume: renascimento, criação, destino, renovação e assim por diante.

3 Significados divinatórios: Fim, mortalidade, destruição, corrupção; também, para um homem, a perda de um benfeitor; para uma mulher, muitas contrariedades; para uma jovem solteira, fracasso dos planos de casamento. Invertida: Inércia, sono, letargia, petrificação, sonambulismo; esperança destruída.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A TEMPERANÇA (XIV)



1 Um anjo alado, com o sinal do sol na testa e, no peito, o quadrado e o triângulo do setenário. Refiro-me a ele no masculino, mas a figura não é masculina nem feminina. Considera-se que ela esteja vertendo as essências da vida de um cálice para outro. Tem um pé sobre a terra e outro sobre as águas, ilustrando assim a natureza das essências.

1.2 Um caminho direto sobe até certas elevações no limite do horizonte, e acima há uma grande luz, através da qual se vê vagamente uma coroa. Nisso está parte do Segredo da Vida Eterna, tal como ela é possível ao ser humano em sua encarnação. Todos os emblemas convencionais são aqui abandonados.

2 O mesmo ocorre com os significados convencionais, que se referem às mudanças das estações, ao movimento perpétuo da vida e até à combinação de ideias. Ademais, não é verdade que a figura simbolize o gênio do sol, embora seja a analogia da luz solar, realizada na terceira parte de nossa triplicidade humana.

2.2 Ela é chamada de Temperança de maneira fantasiosa porque, quando seu domínio se estabelece em nossa consciência, ela modera, combina e harmoniza as naturezas psíquica e material. Sob esse domínio, conhecemos, em nossa parte racional, algo de onde viemos e para onde vamos.

3 Significados divinatórios: Economia, moderação, frugalidade, administração, acomodação. Invertida: Coisas ligadas a igrejas, religiões, seitas, ao sacerdócio, às vezes até ao sacerdote que celebrará o casamento do Consulente; também desunião, combinações infelizes, interesses concorrentes.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O DIABO (XV)



1 O desenho é uma acomodação, um meio-termo ou uma harmonia entre vários motivos mencionados na primeira parte. O Bode Cornudo de Mendes, com asas como as de um morcego, está de pé sobre um altar. Na boca do estômago está o sinal de Mercúrio. A mão direita está erguida e estendida, sendo o inverso da bênção dada pelo Hierofante na quinta carta.

1.2 Na mão esquerda há uma grande tocha em chamas, voltada para baixo, em direção à terra. Um pentagrama invertido está na testa. Há uma argola na frente do altar, da qual saem duas correntes que vão até o pescoço

de duas figuras, uma masculina e outra feminina. Estas são análogas às da quinta carta, como se fossem Adão e Eva depois da Queda. Nisso estão a corrente e a fatalidade da vida material.

2 As figuras têm caudas, para significar a natureza animal, mas há inteligência humana nos rostos, e aquele que está exaltado acima delas não será seu senhor para sempre. Mesmo agora, ele também é um cativo, sustentado pelo mal que há nele e cego à liberdade de servir.

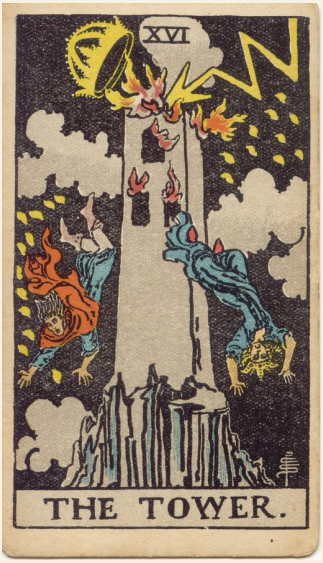
2.2 Com mais do que seu habitual escárnio pelas artes que fingia respeitar e interpretar como mestre nelas, Éliphas Lévi afirma que a figura de Baphomet é a ciência oculta e a magia. Outro comentarista diz que, no mundo Divino, ela significa predestinação, mas não há correspondência nesse mundo com as coisas que, aqui embaixo, pertencem à natureza bruta.

2.3 O que ela de fato significa é o Habitante do Limiar, fora do Jardim Místico, quando dele são expulsos aqueles que comeram o fruto proibido.

3 Significados divinatórios: Devastação, violência, veemência, esforços extraordinários, força, fatalidade; aquilo que está predestinado, mas que nem por isso é mau. Invertida: Fatalidade maligna, fraqueza, mesquinhez, cegueira.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A TORRE (XVI)



1 As explicações ocultistas ligadas a esta carta são escassas e, em sua maioria, desconcertantes. É inútil indicar que ela retrata a ruína em todos os seus aspectos, pois isso está evidente na superfície.

1.2 Diz-se ainda que ela contém a primeira alusão a uma construção material, mas não vejo a Torre como mais ou menos material do que os pilares que encontramos em três casos anteriores.

1.3 Não vejo nada que justifique a suposição de Papus de que ela seja literalmente a queda de Adão, mas há mais a favor de sua alternativa — a de que ela significa a materialização da palavra espiritual. O bibliógrafo Ch-

ristian imagina que seja a derrocada da mente que busca penetrar o mistério de Deus.

1.4 Concordo antes com Grand Orient que se trata da ruína da Casa da Vida, quando o mal prevaleceu nela, e, acima de tudo, da ruptura de uma Casa de Doutrina. Entendo, contudo, que a referência seja a uma Casa de Falsidade. Ela também ilustra, da maneira mais abrangente, a antiga verdade de que "se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem".

2 Há um sentido em que a catástrofe é um reflexo da carta anterior, mas não pelo aspecto do simbolismo que tentei indicar nela. Trata-se, mais precisamente, de uma analogia; uma diz respeito à queda no estado material e animal, enquanto a outra significa destruição no plano intelectual.

2.2 A Torre tem sido descrita como o castigo do orgulho e o intelecto subjugado na tentativa de penetrar o Mistério de Deus; mas, em nenhum dos casos, essas explicações dão conta das duas pessoas que são as vítimas vivas. Uma é a palavra literal tornada vazia e a outra, sua falsa interpretação.

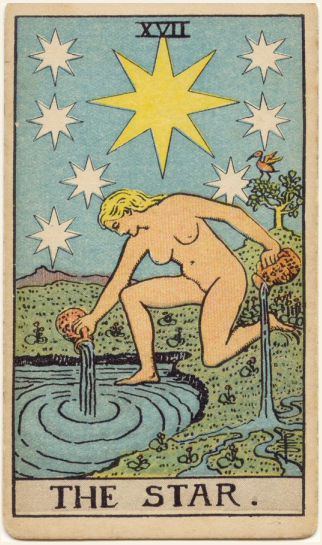
2.3 Em um sentido ainda mais profundo, ela também pode significar o fim de uma dispensação, mas não há espaço aqui para considerar essa questão complexa.

3 Significados divinatórios: Miséria, aflição, indigência, adversidade, calamidade, desgraça, engano, ruína. É uma carta, em particular, de catástrofe imprevista. Invertida: Segundo uma interpretação, o mesmo em menor grau; também opressão, prisão, tirania.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A ESTRELA (XVII)

✦



1 Uma grande estrela radiante de oito raios, cercada por sete estrelas menores — também de oito raios. A figura feminina em primeiro plano está completamente nua. Seu joelho esquerdo está na terra e seu pé direito sobre a água. Ela derrama a Água da Vida de dois grandes jarros, irrigando o mar e a terra.

1.2 Atrás dela, o terreno se eleva e, à direita, há um arbusto ou uma árvore, onde pousa um pássaro. A figura expressa juventude e beleza eternas. A estrela é a estrela flamejante, que aparece no simbolismo maçônico, mas que nele tem sido confundida. O que a figura transmite à cena viva é a substância dos céus e dos elementos.

1.3 Foi dito com razão que os lemas desta carta são "Águas da Vida dadas livremente" e "Dons do Espírito".

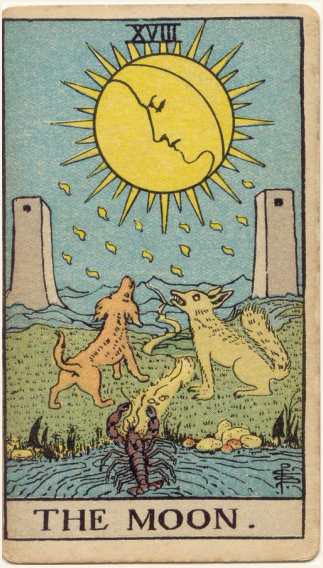
2 O resumo de várias explicações de mau gosto diz que ela é uma carta de esperança. Em outros planos, ela tem sido apresentada como imortalidade e luz interior. Para a maioria das mentes preparadas, a figura aparecerá como a imagem da Verdade desvelada, gloriosa em sua beleza imortal, derramando sobre as águas da alma alguma parte e medida de seu tesouro inestimável.

2.2 Mas ela é, na realidade, a Grande Mãe na Sefirá cabalística Binah, que é o Entendimento supremo, e que se comunica às Sefirot que estão abaixo na medida em que elas podem receber seu influxo.

3 Significados divinatórios: Perda, roubo, privação, abandono; outra leitura diz — esperança e perspectivas promissoras. Invertida: Arrogância, altivez, impotência.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A LUA (XVIII)



[1] A diferença entre esta carta e alguns dos modelos convencionais é que a lua está crescendo no que se chama de lado da misericórdia, à direita do observador. Ela tem dezesseis raios principais e dezesseis secundários. A carta representa a vida da imaginação separada da vida do espírito. O caminho entre as torres é a saída para o desconhecido. O cão e o lobo são os temores da mente natural diante desse lugar de saída, quando há apenas luz refletida para guiá-la.

[2] A última referência é uma chave para outra forma de simbolismo. A luz intelectual é um reflexo, e além dela está o mistério desconhecido que ela não pode revelar. Ela ilumina nossa natureza animal, cujas formas estão re-

presentadas abaixo — o cão, o lobo e aquilo que sobe das profundezas, a tendência sem nome e horrenda que é inferior à fera selvagem.

2.2 Ela se esforça para se manifestar, o que é simbolizado pelo ato de rastejar do abismo de água até a terra, mas, em geral, afunda de volta ao lugar de onde veio.

2.3 O rosto da mente dirige um olhar calmo à agitação abaixo; cai o orvalho do pensamento; a mensagem é: Paz, aquieta-te; e pode ser que a natureza animal se acalme, enquanto o abismo abaixo deixa de fazer emergir uma forma.

3 Significados divinatórios: Inimigos ocultos, perigo, calúnia, escuridão, terror, engano, forças ocultas, erro. Invertida: Instabilidade, inconstância, silêncio, graus menores de engano e erro.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O SOL (XIX)

✦



1 A criança nua montada em um cavalo branco e exibindo um estandarte vermelho já foi mencionada como o melhor simbolismo ligado a esta carta. É o destino do Oriente Sobrenatural e a grande e santa luz que vai à frente da interminável procissão da humanidade, saindo do jardim murado da vida sensível e seguindo na jornada de volta ao lar.

1.2 A carta significa, portanto, a passagem da luz manifesta deste mundo, representada pelo glorioso sol da terra, à luz do mundo por vir, que vai à frente da aspiração e é simbolizada pelo coração de uma criança.

2 Mas a última alusão é, mais uma vez, a chave para uma forma ou aspecto diferente do simbolismo. O sol é o da consciência no espírito — a luz direta como antítese da luz refletida. Nele, o tipo característico da humanidade tornou-se uma criancinha — criança no sentido da simplicidade, e inocente no sentido da sabedoria.

2.2 Nessa simplicidade, ela traz o selo da Natureza e da Arte; nessa inocência, ela significa o mundo restaurado. Quando o espírito que conhece a si mesmo desponta na consciência acima da mente natural, essa mente, em sua renovação, conduz a natureza animal em um estado de perfeita conformidade.

3 Significados divinatórios: Felicidade material, casamento afortunado, contentamento. Invertida: O mesmo em menor grau.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O JULGAMENTO (XX)



1 Eu disse que este símbolo é essencialmente invariável em todos os baralhos de Tarô, ou pelo menos que as variações não alteram seu caráter. O grande anjo está aqui cercado de nuvens, mas sopra sua trombeta com estandarte, e a cruz, como de costume, aparece no estandarte.

1.2 Os mortos se levantam de seus túmulos — uma mulher à direita, um homem à esquerda e, entre eles, seu filho, que está de costas. Mas nesta carta há mais de três que são restaurados, e considerou-se que valia a pena fazer essa variação para ilustrar a insuficiência das explicações correntes.

1.3 Deve-se observar que todas as figuras se unem no assombro, na adoração e no êxtase expressos por suas atitudes. É a carta que registra a realização da grande obra de transformação em resposta ao chamado do Altíssimo — chamado que é ouvido e respondido a partir do interior.

2 Aqui se insinua um significado que não pode ser muito mais desenvolvido neste ponto. O que é aquilo dentro de nós que faz soar uma trombeta, e tudo o que é inferior em nossa natureza se levanta em resposta — quase em um instante, quase em um piscar de olhos?

2.2 Que a carta continue a representar, para aqueles que não conseguem enxergar além, o Juízo Final e a ressurreição no corpo natural; mas que aqueles que têm olhos interiores olhem e descubram por meio deles. Compreenderão que, no passado, ela foi verdadeiramente chamada de carta da vida eterna, e por essa razão pode ser comparada àquela que é conhecida pelo nome de Temperança.

3 Significados divinatórios: Mudança de posição, renovação, desfecho. Outra interpretação especifica perda total por meio de um processo judicial. Invertida: Fraqueza, falta de coragem, simplicidade; também deliberação, decisão, sentença.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O MUNDO (XXI)

✦



1 Como esta mensagem final dos Trunfos Maiores permanece inalterada — e de fato é inalterável — quanto ao seu desenho, ela já foi parcialmente descrita em relação ao seu sentido mais profundo. Representa também a perfeição e o fim do Cosmos, o segredo que está dentro dele, o arrebatamento do universo quando compreende a si mesmo em Deus.

1.2 É ainda o estado da alma na consciência da Visão Divina, refletida pelo espírito que conhece a si mesmo. Mas esses significados não prejudicam o que eu disse a seu respeito no aspecto material.

2 Ela tem mais de uma mensagem no aspecto macrocósmico e é, por exemplo, o estado do mundo restaurado quando a lei da manifestação tiver sido levada ao mais alto grau de perfeição natural.

2.2 Mas talvez seja, mais especialmente, uma história do passado, referindo-se àquele dia em que tudo foi declarado bom, quando as estrelas da manhã cantaram juntas e todos os Filhos de Deus gritaram de alegria.

2.3 Uma das piores explicações a seu respeito é que a figura simboliza o Mago quando ele alcançou o mais alto grau de iniciação; outra interpretação diz que ela representa o absoluto, o que é ridículo. Já se disse que a figura representa a Verdade, que, no entanto, é mais propriamente atribuída à décima sétima carta. Por fim, ela foi chamada de Coroa dos Magos.

3 Significados divinatórios: Sucesso garantido, recompensa, viagem, rota, emigração, fuga, mudança de lugar. Invertida: Inércia, fixidez, estagnação, permanência.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ÁS DE PAUS



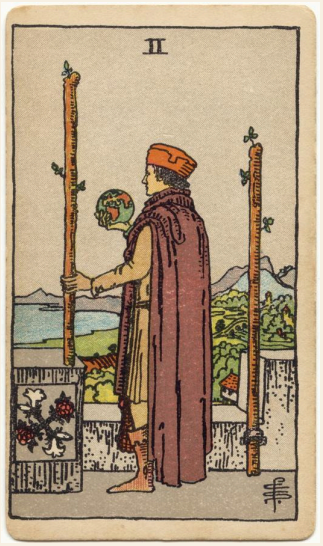
[1] Uma mão que surge de uma nuvem segura um bastão grosso ou uma clava.

[2] Significados divinatórios: Criação, invenção, empreendimento, as forças que resultam nessas coisas; princípio, começo, fonte; nascimento, família, origem e, em certo sentido, a virilidade que está por trás deles; o ponto de partida de empreendimentos; segundo outra interpretação, dinheiro, fortuna, herança. Invertida: Queda, decadência, ruína, perdição, perecer; também uma certa alegria obscurecida.

[3] Significados adicionais: Calamidades de todos os tipos. Invertida: Um sinal de nascimento.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOIS DE PAUS



[1] Um homem alto olha de um terraço com ameias para o mar e a costa; segura um globo na mão direita, enquanto um bastão em sua mão esquerda se apoia na ameia; outro está preso em uma argola. Devem-se observar a Rosa, a Cruz e o Lírio do lado esquerdo.

[2] Significados divinatórios: Não é possível conciliar as interpretações alternativas; de um lado, riquezas, fortuna, magnificência; de outro, sofrimento físico, doença, desgosto, tristeza, mortificação. O desenho oferece uma sugestão; aqui está um senhor olhando sobre seus domínios e, alternada-

mente, contemplando um globo; parece a aflição, a mortificação, a tristeza de Alexandre em meio à grandeza das riquezas deste mundo. Invertida: Surpresa, assombro, encantamento, emoção, perturbação, medo.

[3] Significados adicionais: Uma jovem pode esperar decepções triviais.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TRÊS DE PAUS



[1] Um personagem calmo e imponente, de costas, olhando da beira de um penhasco para navios que passam pelo mar. Três bastões estão fincados no chão, e ele se apoia levemente em um deles.

[2] Significados divinatórios: Ele simboliza força estabelecida, empreendimento, esforço, negócios, comércio, descoberta; aqueles são seus navios, transportando suas mercadorias, que navegam pelo mar. A carta também significa cooperação competente nos negócios, como se o bem-sucedido príncipe mercador estivesse olhando de seu lado para o seu com a intenção de ajudá-lo. Invertida: O fim dos problemas, suspensão ou cessação da adversidade, do trabalho árduo e da decepção.

[3] Significados adicionais: Uma carta muito boa; a colaboração favorecerá o empreendimento.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

QUATRO DE PAUS



[1] Dos quatro grandes bastões fincados em primeiro plano pende uma grande grinalda; duas figuras femininas erguem buquês; ao lado delas há uma ponte sobre um fosso, que leva a uma antiga casa senhorial.

[2] Significados divinatórios: Desta vez, estão quase à vista — vida no campo, porto de refúgio, uma espécie de festa doméstica da colheita, repouso, concórdia, harmonia, prosperidade, paz e a obra aperfeiçoada de tudo isso. Invertida: O significado permanece inalterado; é prosperidade, crescimento, felicidade, beleza, embelezamento.

[3] Significados adicionais: Boa sorte inesperada. Invertida: Uma mulher casada terá filhos belos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CINCO DE PAUS



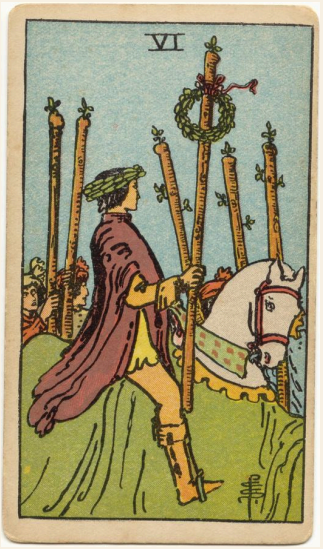
[1] Um grupo de jovens que brandem bastões, como se estivessem brincando ou lutando. É uma guerra simulada, e a isso correspondem os

[2] Significados divinatórios: Imitação, como, por exemplo, uma luta simulada, mas também a intensa competição e a luta na busca de riquezas e fortuna. Nesse sentido, liga-se à batalha da vida. Por isso, algumas atribuições dizem que é uma carta de ouro, ganho, opulência. Invertida: Litígio, disputas, trapaça, contradição.

[3] Significados adicionais: Sucesso na especulação financeira. Invertida: As brigas podem ser transformadas em vantagem.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEIS DE PAUS



[1] Um cavaleiro coroado de louros carrega um bastão adornado com uma coroa de louros; homens a pé com bastões estão ao seu lado.

[2] Significados divinatórios: A carta foi desenhada de modo a abranger vários significados; à primeira vista, é um vencedor em triunfo, mas também representa grandes notícias, como as que poderiam ser levadas com solenidade pelo mensageiro do Rei; é a expectativa coroada pela realização de seu próprio desejo, a coroa da esperança, e assim por diante. Invertida: Apreensão, medo, como diante de um inimigo vitorioso às portas; traição, deslealdade, como quando os portões são abertos ao inimigo; também adiamento indefinido.

[3] Significados adicionais: Os criados podem perder a confiança de seus senhores; uma jovem pode ser traída por um amigo. Invertida: Realização de uma esperança adiada.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SETE DE PAUS



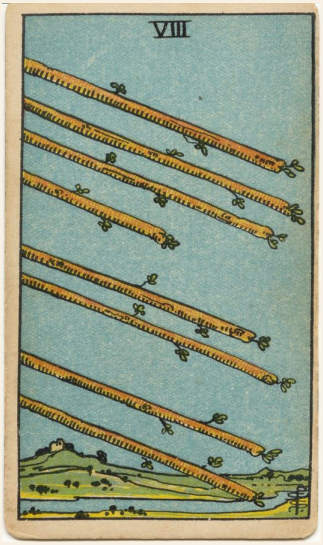
[1] Um jovem em uma elevação rochosa brandindo um bastão; seis outros bastões são erguidos de baixo em sua direção.

[2] Significados divinatórios: É uma carta de coragem, pois, à primeira vista, seis atacam um, que, no entanto, tem a vantagem da posição. No plano intelectual, significa discussão, disputa de palavras; nos negócios — negociações, guerra comercial, troca, competição. É ainda uma carta de sucesso, pois o combatente está no alto e seus inimigos talvez não consigam alcançá-lo. Invertida: Perplexidade, embaraços, ansiedade. É também uma advertência contra a indecisão.

[3] Significados adicionais: Uma criança morena.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OITO DE PAUS



[1] A carta representa o movimento através do imóvel — um voo de bastões por um campo aberto; mas eles se aproximam do fim de seu percurso. Aquilo que significam está próximo; pode até estar à porta.

[2] Significados divinatórios: Atividade nos empreendimentos, o caminho dessa atividade, rapidez, como a de um mensageiro expresso; grande pressa, grande esperança, velocidade rumo a um fim que promete felicidade garantida; em geral, aquilo que está em movimento; também as flechas do amor. Invertida: Flechas do ciúme, disputa interna, dores de consciência, brigas; e disputas domésticas para pessoas casadas.

[3] Significados adicionais: Disputas domésticas para uma pessoa casada.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

NOVE DE PAUS



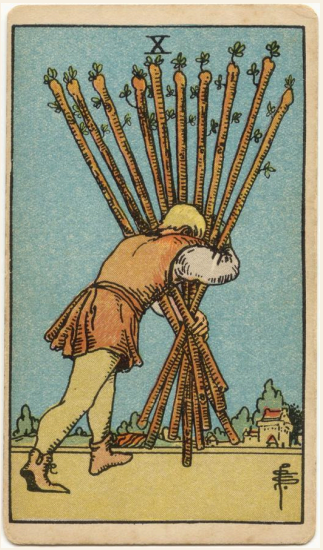
[1] A figura se apoia em seu bastão e tem um olhar de expectativa, como se aguardasse um inimigo. Atrás dela estão outros oito bastões — erguidos, dispostos ordenadamente, como uma paliçada.

[2] Significados divinatórios: A carta significa força diante da oposição. Se for atacada, a pessoa enfrentará a investida com coragem; e sua constituição mostra que ela pode se revelar um adversário formidável. Com esse significado principal vêm todos os seus possíveis complementos — atraso, suspensão, adiamento. Invertida: Obstáculos, adversidade, calamidade.

[3] Significados adicionais: De modo geral, uma carta ruim.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DEZ DE PAUS



1 Um homem oprimido pelo peso dos dez bastões que carrega.

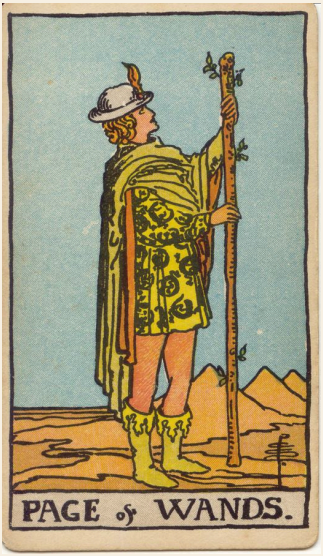
2 Significados divinatórios: Uma carta de muitos significados, e algumas das interpretações não podem ser conciliadas. Deixo de lado aquela que a liga à honra e à boa-fé. O significado principal é simplesmente opressão, mas é também fortuna, ganho, qualquer tipo de sucesso, e então é a opressão dessas coisas. É também uma carta de falsa aparência, disfarce, perfídia.

2.2 O lugar do qual a figura se aproxima pode sofrer com as varas que ela carrega. O sucesso é anulado se o Nove de Espadas vier em seguida, e, se a questão for um processo judicial, haverá perda certa. Invertida: Contrariedades, dificuldades, intrigas e coisas semelhantes.

[3] Significados adicionais: Dificuldades e contradições, se estiver perto de uma carta boa.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VALETE DE PAUS



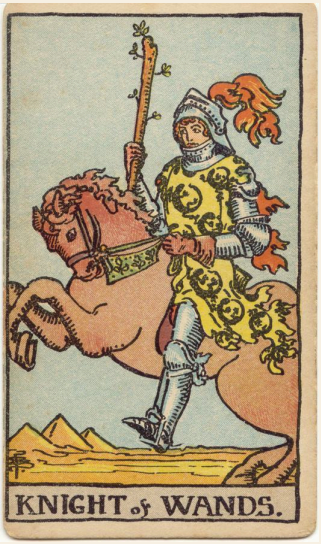
[1] Em uma cena semelhante à anterior, um jovem está de pé, fazendo uma proclamação. Ele é desconhecido, mas fiel, e suas notícias são estranhas.

[2] Significados divinatórios: Jovem moreno, fiel, um amante, um enviado, um carteiro. Ao lado de um homem, dará um testemunho favorável a respeito dele. Um rival perigoso, se vier seguido pelo Valete de Copas. Tem as principais qualidades de seu naipe. Pode significar notícias da família. Invertida: Anedotas, anúncios, más notícias. Também indecisão e a instabilidade que a acompanha.

[3] Significados adicionais: Jovem de família em busca de uma jovem. Invertida: Más notícias.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAVALEIRO DE PAUS



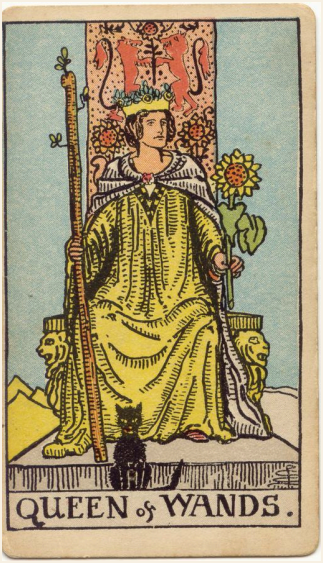
[1] Ele é mostrado como se estivesse em uma viagem, armado com um bastão curto e, embora use uma cota de malha, não está em uma missão de guerra. Passa por montes ou pirâmides. O movimento do cavalo é uma chave para o caráter de seu cavaleiro e sugere um temperamento impetuoso ou coisas relacionadas a ele.

[2] Significados divinatórios: Partida, ausência, fuga, emigração. Um jovem moreno, amigável. Mudança de residência. Invertida: Ruptura, divisão, interrupção, discórdia.

[3] Significados adicionais: Uma carta ruim; segundo algumas interpretações, afastamento. Invertida: Para uma mulher, casamento, mas provavelmente frustrado.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RAINHA DE PAUS



[1] Os bastões de todo este naipe têm sempre folhas, pois é um naipe de vida e animação. Em termos emocionais e em outros aspectos, a personalidade da Rainha corresponde à do Rei, mas é mais magnética.

[2] Significados divinatórios: Uma mulher morena, do campo, amigável, casta, amorosa, honrada. Se a carta ao lado dela representa um homem, ela está bem-disposta em relação a ele; se representa uma mulher, ela está interessada no Consulente. Também amor ao dinheiro ou certo sucesso nos negócios. Invertida: Boa, econômica, prestativa, útil. Significa também — mas em certas posições e perto de outras cartas que apontem nessa direção — oposição, ciúme, até mesmo engano e infidelidade.

[3] Significados adicionais: Uma boa colheita, o que pode ser entendido em vários sentidos. Invertida: Boa vontade para com o Consulente, mas sem oportunidade de colocá-la em prática.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

REI DE PAUS



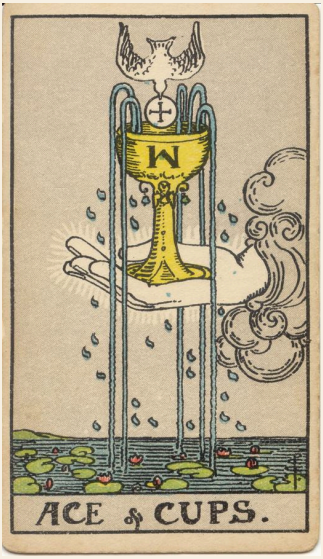
1 A natureza física e emocional atribuída a esta carta é morena, ardente, ágil, animada, apaixonada, nobre. O Rei ergue um bastão florido e usa, como seus três correspondentes nos demais naipes, o que se chama de barrete de honra sob a coroa. Ele se relaciona com o símbolo do leão, que está representado no encosto de seu trono.

2 Significados divinatórios: Homem moreno, amigável, do campo, geralmente casado, honesto e consciencioso. A carta sempre significa honestidade e pode indicar notícias de uma herança inesperada a ser recebida em breve. Invertida: Bom, mas severo; austero, contudo tolerante.

[3] Significados adicionais: Em geral favorável; pode significar um bom casamento. Invertida: Um conselho que deve ser seguido.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ÁS DE COPAS



[1] As águas estão abaixo, e sobre elas há nenúfares; a mão sai da nuvem, segurando na palma a taça, da qual jorram quatro correntes; uma pomba, trazendo no bico uma Hóstia marcada com uma cruz, desce para colocá-la na Taça; o orvalho cai por todos os lados. É um indício daquilo que pode estar por trás dos Arcanos Menores

[2] Significados divinatórios: Casa do coração sincero, alegria, contentamento, morada, alimento, abundância, fertilidade; Mesa Sagrada, felicidade que dela vem. Invertida: Casa do coração falso, mudança, instabilidade, revolução.

[3] Significados adicionais: Vontade inflexível, lei inalterável. Invertida: Mudança inesperada de posição.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOIS DE COPAS



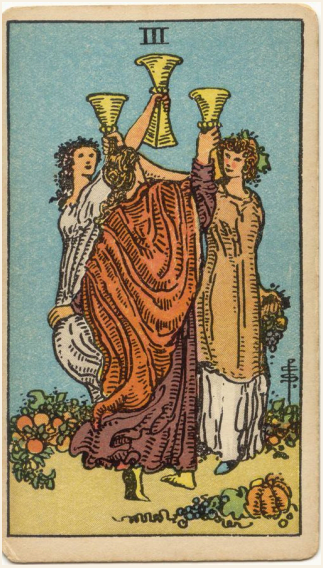
[1] Um jovem e uma moça brindam um ao outro, e acima de suas taças se ergue o Caduceu de Hermes, entre cujas grandes asas aparece uma cabeça de leão. É uma variante de um sinal encontrado em alguns exemplares antigos desta carta. Alguns significados emblemáticos curiosos estão ligados a ele, mas não nos dizem respeito aqui.

[2] Significados divinatórios: Amor, paixão, amizade, afinidade, união, concórdia, simpatia, a relação entre os sexos e — como uma sugestão à parte de todas as funções da adivinhação — aquele desejo que não está na Natureza, mas pelo qual a Natureza é santificada.

[3] Significados adicionais: Favorável em questões de prazer e negócios, assim como no amor; também riqueza e honra. Invertida: Paixão.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TRÊS DE COPAS



[1] Moças em um jardim com as taças erguidas, como se brindassem umas às outras.

[2] Significados divinatórios: A conclusão de qualquer assunto em abundância, perfeição e alegria; desfecho feliz, vitória, realização, consolo, cura. Invertida: Rapidez, presteza, realização, fim. Significa também o lado excessivo do desfrute físico e os prazeres dos sentidos.

[3] Significados adicionais: Promoção inesperada para um militar. Invertida: Consolação, cura. Fim do negócio.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

QUATRO DE COPAS



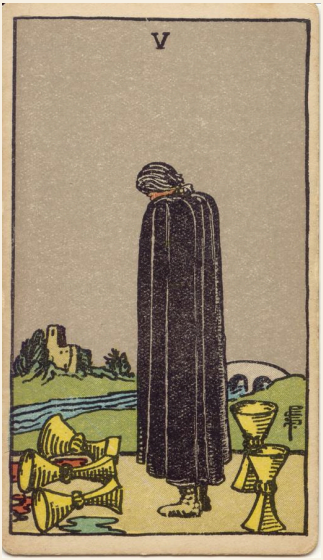
[1] Um jovem está sentado sob uma árvore e contempla três taças dispostas na grama à sua frente; um braço que sai de uma nuvem lhe oferece outra taça. Sua expressão, contudo, é de descontentamento com o que o cerca.

[2] Significados divinatórios: Cansaço, desgosto, aversão, aborrecimentos imaginários, como se o vinho deste mundo tivesse causado apenas saciedade; outro vinho, como uma dádiva das fadas, é agora oferecido ao esbanjador, mas ele não vê consolo nisso. Esta é também uma carta de prazer misturado. Invertida: Novidade, presságio, nova instrução, novas relações.

[3] Significados adicionais: Contrariedades. Invertida: Pressentimento.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CINCO DE COPAS



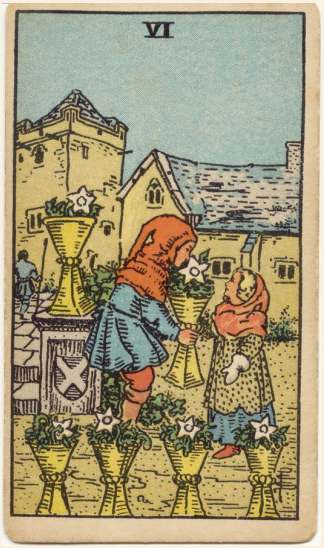
[1] Uma figura sombria, envolta em um manto, olha de lado para três taças caídas; outras duas estão de pé atrás dela; ao fundo há uma ponte que leva a uma pequena fortaleza ou propriedade.

[2] Significados divinatórios: É uma carta de perda, mas algo ainda resta; três foram levadas, mas duas ficaram; é uma carta de herança, patrimônio, transmissão, mas sem corresponder às expectativas; para alguns intérpretes, é uma carta de casamento, mas não sem amargura ou frustração. Invertida: Notícias, alianças, afinidade, consanguinidade, ascendência, retorno, projetos falsos.

[3] Significados adicionais: Geralmente favorável; um casamento feliz; também patrimônio, legados, presentes, sucesso em um empreendimento. Invertida: Retorno de algum parente que não é visto há muito tempo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEIS DE COPAS



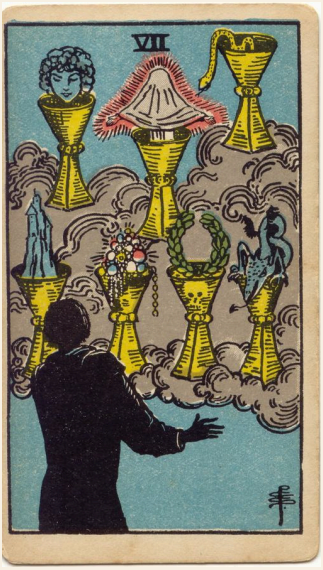
[1] Crianças em um jardim antigo, com suas taças cheias de flores.

[2] Significados divinatórios: Uma carta do passado e das lembranças, de olhar para trás, como — por exemplo — para a infância; felicidade, prazer, mas vindos principalmente do passado; coisas que desapareceram. Outra interpretação inverte isso, indicando novas relações, novos conhecimentos, novo ambiente, e então as crianças estão brincando em um lugar desconhecido. Invertida: O futuro, renovação, aquilo que acontecerá em breve.

[3] Significados adicionais: Lembranças agradáveis. Invertida: Herança a ser recebida em breve.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SETE DE COPAS



[1] Estranhos cálices de uma visão, mas as imagens são sobretudo as do espírito fantasioso.

[2] Significados divinatórios: Favores das fadas, imagens da reflexão, sentimento, imaginação, coisas vistas no espelho da contemplação; alguma realização nesses planos, mas nada permanente ou substancial é sugerido. Invertida: Desejo, vontade, determinação, projeto.

[3] Significados adicionais: Criança loura; ideia, plano, resolução, movimento. Invertida: Sucesso, se acompanhada pelo Três de Copas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OITO DE COPAS



[1] Um homem de aspecto abatido está abandonando as taças de sua felicidade, empreendimento, iniciativa ou preocupação anterior.

[2] Significados divinatórios: A carta fala por si mesma à primeira vista, mas outras interpretações são inteiramente opostas — indicando alegria, brandura, timidez, honra, modéstia. Na prática, costuma-se constatar que a carta mostra o declínio de um assunto, ou que um assunto considerado importante tem, na verdade, pouca consequência — seja para o bem, seja para o mal. Invertida: Grande alegria, felicidade, festejos.

[3] Significados adicionais: Casamento com uma mulher loura. Invertida: Satisfação perfeita.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

NOVE DE COPAS



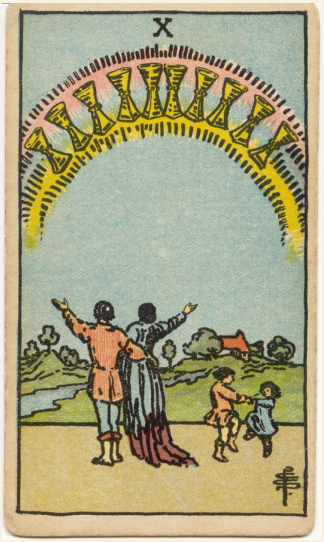
[1] Um personagem de boa aparência comeu e bebeu à vontade, e há vinho em abundância no balcão curvo atrás dele, parecendo indicar que o futuro também está assegurado. A imagem apresenta apenas o lado material, mas há outros aspectos.

[2] Significados divinatórios: Concórdia, contentamento, bem-estar físico; também vitória, sucesso, vantagem; satisfação para o Consulente ou para a pessoa para quem a consulta é feita. Invertida: Verdade, lealdade, liberdade; mas as interpretações variam e incluem erros, imperfeições etc.

[3] Significados adicionais: De bom augúrio para militares. Invertida: Bons negócios.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DEZ DE COPAS



[1] Aparição de Taças em um arco-íris; ele é contemplado com admiração e êxtase por um homem e uma mulher abaixo, evidentemente marido e esposa. O braço direito dele a envolve; o esquerdo está erguido; ela ergue o braço direito. As duas crianças que dançam perto deles não perceberam o prodígio, mas estão felizes à sua maneira. Mais adiante há uma cena de um lar.

[2] Significados divinatórios: Contentamento, repouso de todo o coração; a perfeição desse estado; também a perfeição do amor e da amizade humanos; se acompanhada de várias cartas de figuras, uma pessoa que está cui-

dando dos interesses do Consulente; também a cidade, vila ou país onde o Consulente mora. Invertida: Repouso do coração falso, indignação, violência.

3 Significados adicionais: Para um Consulente homem, um bom casamento, que supera suas expectativas. Invertida: Tristeza; também uma briga séria.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VALETE DE COPAS



1 Um valete louro, agradável, um tanto efeminado, de aspecto estudioso e atento, contempla um peixe que surge de uma taça para olhar para ele. São as imagens da mente tomando forma.

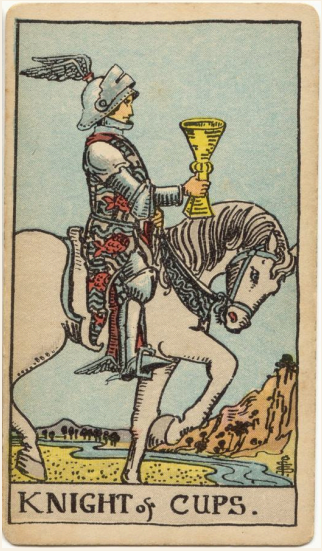
2 Significados divinatórios: Jovem louro, alguém impelido a prestar serviço e com quem o Consulente terá uma ligação; um jovem estudioso; notícia, mensagem; dedicação, reflexão, meditação; também essas coisas voltadas aos negócios. Invertida: Gosto, inclinação, apego, sedução, engano, artifício.

[3] Significados adicionais: Bom augúrio; também um jovem infeliz no amor. Invertida: Obstáculos de todos os tipos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAVALEIRO DE COPAS

✦



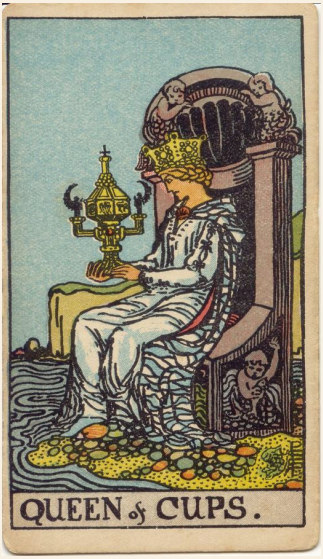
[1] Gracioso, mas não guerreiro; cavalga tranquilamente, usando um elmo alado, em referência àquelas graças mais elevadas da imaginação que às vezes caracterizam esta carta. Ele também é um sonhador, mas as imagens do mundo dos sentidos o assombram em sua visão.

[2] Significados divinatórios: Chegada, aproximação — às vezes a de um mensageiro; avanços, proposta, conduta, convite, incitação. Invertida: Trapaça, artifício, sutileza, burla, duplicidade, fraude.

[3] Significados adicionais: Uma visita de um amigo, que trará dinheiro inesperado ao Consulente. Invertida: Irregularidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RAINHA DE COPAS



1 Bela, loura, sonhadora — como alguém que vê visões em uma taça. Este, porém, é apenas um de seus aspectos; ela vê, mas também age, e sua atividade alimenta seu sonho.

2 Significados divinatórios: Mulher boa e loura; mulher honesta e dedicada, que prestará serviço ao Consulente; inteligência amorosa e, por isso, o dom da visão; sucesso, felicidade, prazer; também sabedoria, virtude; uma esposa perfeita e uma boa mãe. Invertida: As interpretações variam; mulher boa; em outra interpretação, mulher distinta, mas em quem não se deve confiar; mulher perversa; vício, desonra, depravação.

[3] Significados adicionais: Às vezes indica uma mulher de caráter duvidoso. Invertida: Um casamento rico para um homem e um casamento distinto para uma mulher.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

REI DE COPAS



[1] Ele segura um cetro curto na mão esquerda e uma grande taça na direita; seu trono está sobre o mar; de um lado navega um navio e, do outro, salta um golfinho. O que está implícito é que o símbolo da Taça se refere naturalmente à água, que aparece em todas as cartas da corte.

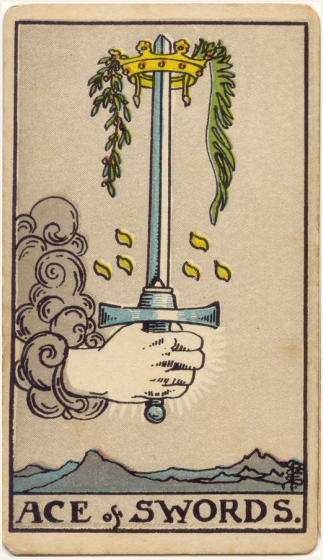
[2] Significados divinatórios: Homem louro, homem de negócios, do direito ou da teologia; responsável, disposto a atender ao Consulente; também equidade, arte e ciência, incluindo aqueles que exercem a ciência, o direito e a arte; inteligência criativa. Invertida: Homem desonesto, de duas caras; velhacaria, cobrança abusiva, injustiça, vício, escândalo, pilhagem, perda considerável.

[3] Significados adicionais: Cuidado com a má vontade de um homem de posição e com a hipocrisia que finge ajudar. Invertida: Perda.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ÁS DE ESPADAS

✦



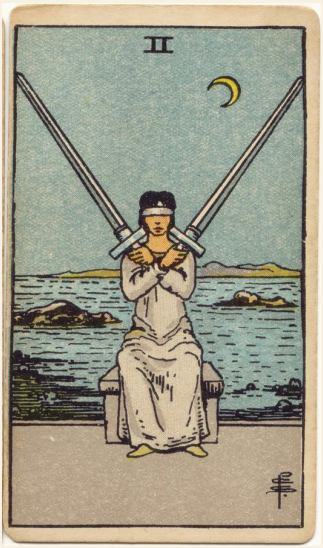
[1] Uma mão sai de uma nuvem, segurando uma espada cuja ponta é circundada por uma coroa.

[2] Significados divinatórios: Triunfo, o grau excessivo em tudo, conquista, triunfo da força. É uma carta de grande força, tanto no amor quanto no ódio. A coroa pode ter um significado muito mais elevado do que aquele que costuma estar no âmbito da adivinhação. Invertida: O mesmo, mas os resultados são desastrosos; outra interpretação diz — concepção, parto, aumento, multiplicidade.

[3] Significados adicionais: Grande prosperidade ou grande miséria. Invertida: Para uma mulher, casamento desfeito por sua própria imprudência.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOIS DE ESPADAS



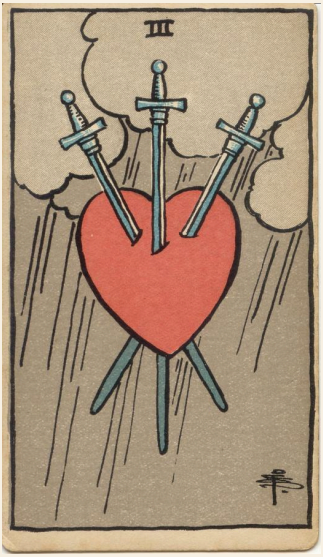
[1] Uma figura feminina de olhos vendados equilibra duas espadas sobre os ombros.

[2] Significados divinatórios: Conformidade e o equilíbrio que ela sugere, coragem, amizade, concórdia em estado de armas; outra interpretação indica ternura, afeto, intimidade. A sugestão de harmonia e outras interpretações favoráveis devem ser consideradas com ressalvas, pois as Espadas geralmente não simbolizam forças benéficas nos assuntos humanos. Invertida: Impostura, falsidade, duplicidade, deslealdade.

[3] Significados adicionais: Presentes para uma dama, proteção influente para um homem em busca de ajuda. Invertida: Negócios com patifes.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TRÊS DE ESPADAS



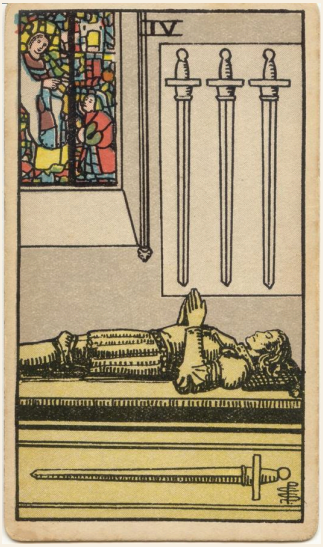
[1] Três espadas atravessando um coração; nuvem e chuva ao fundo.

[2] Significados divinatórios: Afastamento, ausência, atraso, divisão, ruptura, dispersão e tudo o que a imagem significa naturalmente, sendo simples e óbvia demais para exigir uma enumeração específica. Invertida: Alienação mental, erro, perda, distração, desordem, confusão.

[3] Significados adicionais: Para uma mulher, a fuga de seu amante. Invertida: Um encontro com alguém que o consulente comprometeu; também uma freira.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

QUATRO DE ESPADAS



[1] A efígie de um cavaleiro em atitude de oração, deitado de corpo inteiro sobre seu túmulo.

[2] Significados divinatórios: Vigilância, retiro, solidão, repouso de eremita, exílio, túmulo e caixão. Foram estes últimos que inspiraram a imagem. Invertida: Administração sábia, circunspecção, economia, avareza, precaução, testamento.

[3] Significados adicionais: Uma carta ruim, mas, se estiver invertida, pode-se esperar um sucesso com ressalvas por meio de uma administração sábia dos assuntos. Invertida: Um sucesso certo após uma administração sábia.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CINCO DE ESPADAS



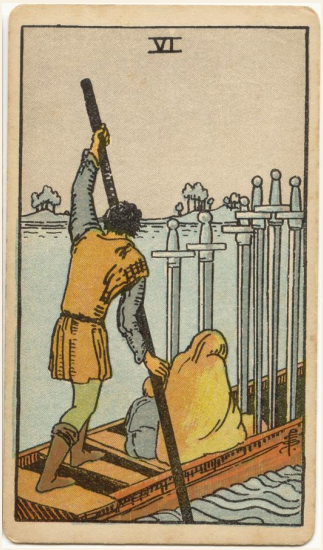
[1] Um homem desdenhoso observa duas figuras abatidas que se retiram. As espadas delas estão no chão. Ele carrega outras duas sobre o ombro esquerdo, e uma terceira espada está em sua mão direita, com a ponta voltada para a terra. Ele é o senhor que detém o campo.

[2] Significados divinatórios: Degradação, destruição, revogação, infâmia, desonra, perda, com suas variantes e analogias. Invertida: O mesmo; sepultamento e cerimônias fúnebres.

[3] Significados adicionais: Um ataque à fortuna do consulente. Invertida: Um sinal de tristeza e luto.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEIS DE ESPADAS



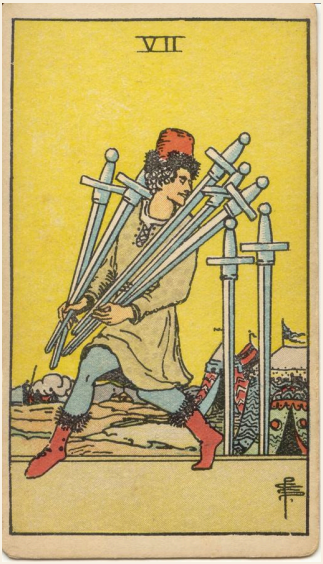
1 Um barqueiro transporta passageiros em seu barco de fundo chato até a outra margem. O percurso é tranquilo e, como a carga é leve, pode-se observar que o trabalho não está além de suas forças.

2 Significados divinatórios: Viagem por água, rota, caminho, enviado, comissário, expediente. Invertida: Declaração, confissão, publicidade; uma interpretação diz que se trata de uma proposta de amor.

3 Significados adicionais: A viagem será agradável. Invertida: Desfecho desfavorável de um processo judicial.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SETE DE ESPADAS



[1] Um homem no ato de levar rapidamente cinco espadas; as outras duas da carta permanecem fincadas no chão. Há um acampamento por perto.

[2] Significados divinatórios: Projeto, tentativa, desejo, esperança, confiança; também briga, um plano que pode falhar, aborrecimento. A imagem tem sentido incerto, pois os significados divergem muito entre si. Invertida: Bons conselhos, orientação, instrução, difamação, tagarelice.

[3] Significados adicionais: Moça morena; uma boa carta; promete uma vida no campo depois de garantidos recursos suficientes para viver. Invertida: Bons conselhos, provavelmente ignorados.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OITO DE ESPADAS



[1] Uma mulher, amarrada e de olhos vendados, com as espadas da carta ao seu redor. Ainda assim, é mais uma carta de prisão temporária do que de cativeiro sem saída.

[2] Significados divinatórios: Más notícias, profundo desgosto, crise, censura, poder cerceado, conflito, calúnia; também doença. Invertida: Inquietação, dificuldade, oposição, acidente, traição; o imprevisto; fatalidade.

[3] Significados adicionais: Para uma mulher, escândalo divulgado a seu respeito. Invertida: Partida de um parente.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

NOVE DE ESPADAS



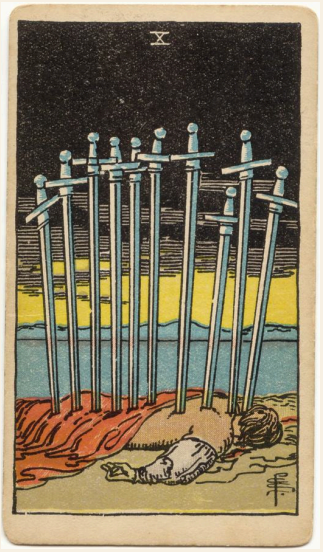
[1] Uma mulher sentada em sua cama, lamentando-se, com as espadas acima dela. Ela é como alguém que não conhece tristeza comparável à sua. É uma carta de desolação completa.

[2] Significados divinatórios: Morte, fracasso, aborto, atraso, engano, decepção, desespero. Invertida: Aprisionamento, suspeita, dúvida, medo justificado, vergonha.

[3] Significados adicionais: Um eclesiástico, um sacerdote; em geral, uma carta de mau presságio. Invertida: Bons motivos para suspeitar de uma pessoa duvidosa.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DEZ DE ESPADAS



[1] Uma figura prostrada, atravessada por todas as espadas que pertencem à carta.

[2] Significados divinatórios: Tudo o que a imagem sugere; também dor, aflição, lágrimas, tristeza, desolação. Não é especialmente uma carta de morte violenta. Invertida: Vantagem, lucro, sucesso, favor, mas nenhum deles é permanente; também poder e autoridade.

[3] Significados adicionais: Seguida pelo Ás e pelo Rei, aprisionamento; para uma moça ou esposa, traição por parte de amigos. Invertida: Vitória e consequente fortuna para um soldado em guerra.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VALETE DE ESPADAS



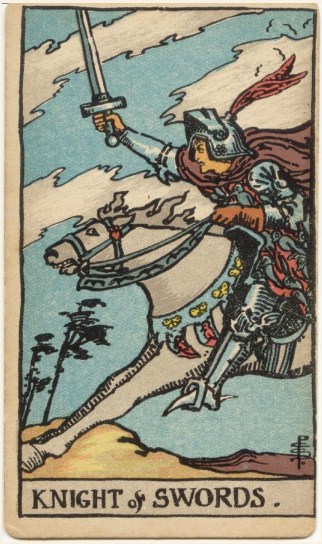
1 Uma figura ágil e ativa segura uma espada erguida com as duas mãos enquanto caminha depressa. Ele atravessa um terreno acidentado, e as nuvens ao redor de seu caminho se dispõem de forma tumultuosa. Está alerta e ágil, olhando de um lado para o outro, como se um inimigo esperado pudesse aparecer a qualquer momento.

2 Significados divinatórios: Autoridade, supervisão, serviço secreto, vigilância, espionagem, exame e as qualidades correspondentes. Invertida: O lado mais maléfico dessas qualidades; o imprevisto, falta de preparo; também se sugere doença.

[3] Significados adicionais: Uma pessoa indiscreta vai bisbilhotar os segredos do consulente. Invertida: Notícias surpreendentes.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAVALEIRO DE ESPADAS



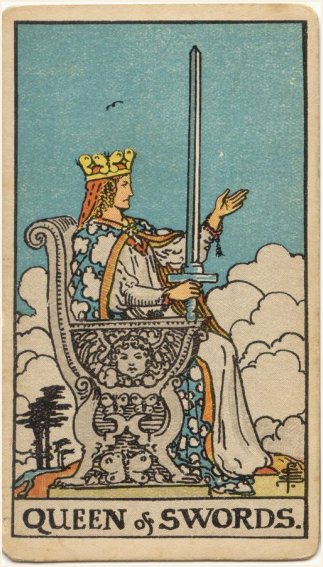
1 Ele cavalga a toda velocidade, como se dispersasse seus inimigos. Na imagem, é de fato um herói típico da cavalaria dos romances. Quase poderia ser Galahad, cuja espada é rápida e certeira porque ele tem o coração puro.

2 Significados divinatórios: Habilidade, bravura, capacidade, defesa, destreza, inimizade, ira, guerra, destruição, oposição, resistência, ruína. Há, por conseguinte, um sentido em que a carta significa morte, mas ela só traz esse significado quando está próxima de outras cartas de fatalidade. Invertida: Imprudência, incapacidade, extravagância.

[3] Significados adicionais: Um soldado, homem de armas, seguidor, mercenário; prevê-se uma ação heroica para um soldado. Invertida: Disputa com uma pessoa imbecil; para uma mulher, luta com uma rival, que será vencida.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RAINHA DE ESPADAS



[1] Sua mão direita ergue a arma na vertical, e o punho da espada repousa sobre um dos braços de sua cadeira real; a mão esquerda está estendida, com o braço erguido; seu semblante é severo, mas abrandado pelo sofrimento; sugere familiaridade com a tristeza. Não representa a misericórdia e, apesar de sua espada, dificilmente é um símbolo de poder.

[2] Significados divinatórios: Viuvez, tristeza e constrangimento femininos, ausência, esterilidade, luto, privação, separação. Invertida: Malícia, intolerância, artifício, falso pudor, desgraça, engano.

[3] Significados adicionais: Uma viúva. Invertida: Uma mulher má, com má vontade para com o consulente.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

REI DE ESPADAS



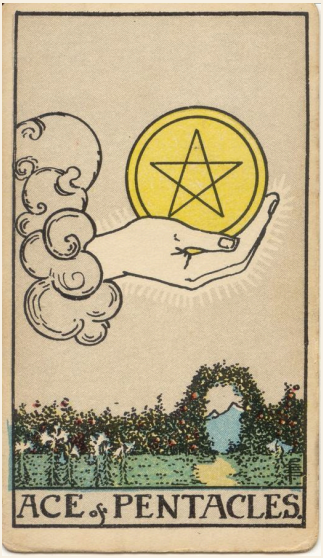
[1] Ele está sentado em julgamento, segurando o símbolo desembainhado de seu naipe. Lembra, naturalmente, o símbolo convencional da Justiça nos Arcanos Maiores e pode representar essa virtude, mas é antes o poder sobre a vida e a morte, em virtude de seu cargo.

[2] Significados divinatórios: Tudo o que decorre da ideia de julgamento e de todas as suas conexões — poder, comando, autoridade, inteligência militante, lei, cargos da coroa e assim por diante. Invertida: Crueldade, perversidade, barbárie, perfídia, má intenção.

[3] Significados adicionais: Um advogado, senador, médico. Invertida: Um homem mau; também um alerta para pôr fim a um processo judicial ruinoso.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ÁS DE OUROS



[1] Uma mão — que surge, como de costume, de uma nuvem — ergue um pentáculo.

[2] Significados divinatórios: Contentamento perfeito, felicidade, êxtase; também notícias rápidas; ouro. Invertida: O lado maléfico da riqueza, más notícias; também grandes riquezas. Em qualquer caso, mostra prosperidade, condições materiais confortáveis, mas se elas são vantajosas para quem as possui dependerá de a carta estar invertida ou não.

[3] Significados adicionais: A mais favorável de todas as cartas. Invertida: Uma parte na descoberta de um tesouro.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOIS DE OUROS



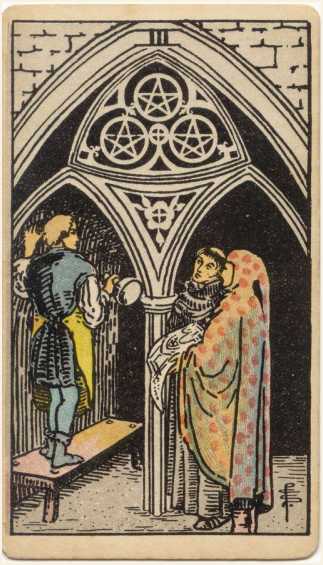
[1] Um jovem, no ato de dançar, tem um pentáculo em cada mão, e eles estão unidos por aquele cordão sem fim que se parece com o número 8 deitado.

[2] Significados divinatórios: Por um lado, é apresentada como uma carta de alegria, recreação e assuntos relacionados, que são o tema da imagem; mas também é interpretada como notícias e mensagens por escrito, como obstáculos, agitação, problemas, envolvimento em confusões. Invertida: Alegria forçada, prazer simulado, sentido literal, escrita à mão, composição, letras de câmbio.

[3] Significados adicionais: Os problemas são mais imaginários do que reais. Invertida: Mau presságio, ignorância, injustiça.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TRÊS DE OUROS



[1] Um escultor trabalhando em um mosteiro. Compare com a imagem que ilustra o Oito de Ouros. O aprendiz ou amador ali representado recebeu sua recompensa e agora trabalha a sério.

[2] Significados divinatórios: Ofício, profissão, trabalho especializado; em geral, contudo, é considerada uma carta de nobreza, aristocracia, renome, glória. Invertida: Mediocridade, no trabalho e em outros aspectos, puerilidade, mesquinhez, fraqueza.

[3] Significados adicionais: Se for para um homem, celebridade para seu filho mais velho. Invertida: Depende das cartas vizinhas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

QUATRO DE OUROS



[1] Uma figura coroada, com um pentáculo acima da coroa, abraça outro com as mãos e os braços; dois pentáculos estão sob seus pés. Ele se apega ao que possui.

[2] Significados divinatórios: Segurança das posses, apego ao que se possui, presente, legado, herança. Invertida; Suspense, atraso, oposição.

[3] Significados adicionais: Para um solteiro, notícias agradáveis de uma dama. Invertida: Observação, impedimentos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CINCO DE OUROS



[1] Dois mendigos, em uma tempestade de neve, passam por uma janela iluminada.

[2] Significados divinatórios: A carta prediz sobretudo dificuldades materiais, seja na forma ilustrada — isto é, miséria — ou de outra maneira. Para alguns cartomantes, é uma carta de amor e de amantes — esposa, marido, amigo, amante; também concordância, afinidades. Essas alternativas não podem ser harmonizadas. Invertida: Desordem, caos, ruína, discórdia, devassidão.

[3] Significados adicionais: Conquista da fortuna pela razão. Invertida: Problemas no amor.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEIS DE OUROS



[1] Uma pessoa com aparência de comerciante pesa dinheiro em uma balança e o distribui aos necessitados e aflitos. É um testemunho de seu próprio sucesso na vida, bem como da bondade de seu coração.

[2] Significados divinatórios: Presentes, dádivas, gratificação; outra interpretação diz atenção, vigilância; agora é o momento propício, prosperidade presente etc. Invertida: Desejo, cobiça, inveja, ciúme, ilusão.

[3] Significados adicionais: Não se deve confiar no presente. Invertida: Um freio à ambição do consulente.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SETE DE OUROS



1 Um jovem, apoiado em seu bastão, olha atentamente para sete pentáculos presos a uma moita à sua direita; diria-se que esses eram seus tesouros e que seu coração estava ali.

2 Significados divinatórios: São extremamente contraditórios; em geral, é uma carta de dinheiro, negócios, troca; mas uma interpretação indica discussão, briga — e outra, inocência, engenhosidade, purificação. Invertida: Motivo de ansiedade em relação a dinheiro que se pretende emprestar.

[3] Significados adicionais: Melhora da posição do futuro marido de uma dama. Invertida: Impaciência, apreensão, suspeita.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OITO DE OUROS



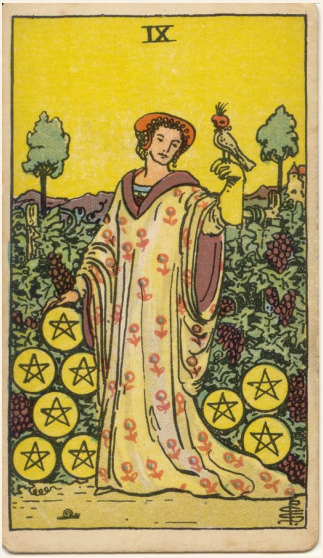
[1] Um artista em pedra trabalhando em suas obras, que exibe na forma de troféus.

[2] Significados divinatórios: Trabalho, emprego, encomenda, artesanato, habilidade no ofício e nos negócios, talvez na fase preparatória. Invertida: Ambição frustrada, vaidade, cobiça, cobrança abusiva, usura. Também pode significar a posse de habilidade, no sentido de uma mente engenhosa voltada para a astúcia e a intriga.

[3] Significados adicionais: Um jovem de negócios que tem relações com o consulente; uma moça morena. Invertida: O consulente ficará comprometido em uma questão de empréstimo de dinheiro.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

NOVE DE OUROS



1 Uma mulher, com um pássaro no pulso, está em meio a uma grande abundância de videiras no jardim de uma casa senhorial. É uma vasta propriedade, que sugere fartura em todas as coisas. Possivelmente é sua própria propriedade e testemunha seu bem-estar material.

2 Significados divinatórios: Prudência, segurança, sucesso, realização, certeza, discernimento. Invertida: Patifaria, engano, projeto frustrado, má-fé.

3 Significados adicionais: Cumprimento rápido do que é pressagiado pelas cartas vizinhas. Invertida: Esperanças vãs.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DEZ DE OUROS



[1] Um homem e uma mulher sob um arco que dá entrada a uma casa e uma propriedade. Eles estão acompanhados de uma criança, que olha com curiosidade para dois cães que se aproximam de uma figura idosa sentada em primeiro plano. A mão da criança está sobre um deles.

[2] Significados divinatórios: Ganho, riquezas; assuntos de família, arquivos, linhagem, a morada de uma família. Invertida: Acaso, fatalidade, perda, roubo, jogos de azar; às vezes presente, dote, pensão.

[3] Significados adicionais: Representa casa ou moradia, e seu valor depende de outras cartas. Invertida: Uma ocasião que pode ser afortunada ou não.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VALETE DE OUROS



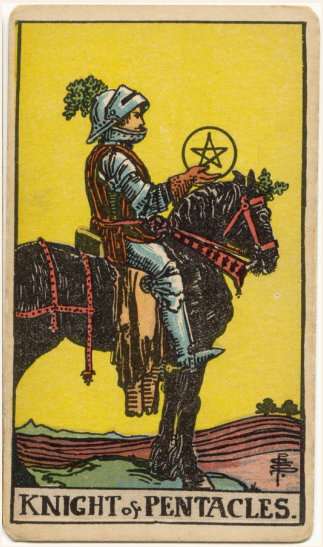
1 Uma figura jovem, olhando atentamente para o pentáculo que paira sobre suas mãos erguidas. Move-se devagar, alheio ao que está ao seu redor.

2 Significados divinatórios: Dedicação, estudo, erudição, reflexão; outra leitura indica notícias, mensagens e aquele que as traz; também governo, administração. Invertida: Prodigalidade, dissipação, liberalidade. Luxo; notícias desfavoráveis.

3 Significados adicionais: Um jovem moreno; um jovem oficial ou soldado; uma criança. Invertida: Às vezes degradação e às vezes pilhagem.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAVALEIRO DE OUROS



1 Ele monta um cavalo lento, resistente e pesado, ao qual corresponde seu próprio aspecto. Exibe seu símbolo, mas não olha para ele.

2 Significados divinatórios: Utilidade, disposição para servir, interesse, responsabilidade, retidão — tudo no plano normal e externo. Invertida: Inércia, ociosidade, repouso dessa natureza, estagnação; também placidez, desânimo, descuido.

3 Significados adicionais: Um homem útil; descobertas úteis. Invertida: Um homem valente sem emprego.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RAINHA DE OUROS



[1] O rosto sugere o de uma mulher morena, cujas qualidades poderiam ser resumidas na ideia de grandeza de alma; ela também tem a expressão séria da inteligência; contempla seu símbolo e pode ver mundos nele.

[2] Significados divinatórios: Opulência, generosidade, magnificência, segurança, liberdade. Invertida: Mal, suspeita, incerteza, medo, desconfiança.

[3] Significados adicionais: Mulher morena; presentes de um parente rico; casamento rico e feliz para um jovem. Invertida: Uma doença.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

REI DE OUROS



1 A figura não exige descrição especial; o rosto é um tanto moreno, sugerindo também coragem, mas com certa tendência à letargia. Deve-se observar a cabeça de touro como um símbolo recorrente no trono.

1.2 O sinal deste naipe é representado em todas as cartas como gravado ou adornado com o pentagrama, simbolizando a correspondência dos quatro elementos na natureza humana e aquilo pelo qual podem ser governados. Em muitos baralhos antigos de Tarô, este naipe representava moeda corrente, dinheiro, denários.

1.3 Não fui eu quem inventou a substituição por pentáculos e não tenho nenhuma causa especial a defender a respeito dessa alternativa. Mas o consenso dos significados divinatórios favorece alguma mudança, porque

as cartas não tratam especialmente de questões de dinheiro.

[2] Significados divinatórios: Valor, inteligência realizadora, aptidão para os negócios e aptidão intelectual normal, às vezes dons matemáticos e realizações dessa natureza; sucesso nesses caminhos. Invertida: Vício, fraqueza, feiura, perversidade, corrupção, perigo.

[3] Significados adicionais: Um homem um tanto moreno, um comerciante, mestre, professor. Invertida: Um homem velho e vicioso.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, § 3 — CONCLUSÃO SOBRE AS CHAVES MAIORES

✦

1 Na exposição anterior, não houve tentativa de apresentar o simbolismo naquilo que se chama de três mundos — o da Divindade, o do Macrocosmo e o do Microcosmo. Um grande volume seria necessário para desenvolvimentos dessa natureza. Considerei as cartas no plano elevado de seu significado mais direto para o ser humano, que — na vida material — está em busca das coisas eternas.

1.2 O compilador do Manual de Cartomancia as tratou sob três categorias: o Mundo da Prudência Humana, que não difere da adivinhação em seu aspecto mais sério; o Mundo da Conformidade, que é a vida de devoção religiosa; e o Mundo da Realização, que é o do "progresso da alma em direção ao termo de sua busca".

1.3 Ele também apresenta um processo triplo de consulta, de acordo com essas divisões, ao qual remeto o leitor. Não tenho tal processo a oferecer, pois penso que se pode ganhar mais com a reflexão individual sobre cada um dos Trunfos Maiores.

1.4 Também não adotei a atribuição predominante das cartas ao alfabeto hebraico — primeiro, porque não teria utilidade em um manual elementar; segundo, porque quase todas as atribuições estão erradas.

1.5 Por fim, não tentei corrigir a posição das cartas em sua relação umas com as outras; o Zero, por conseguinte, aparece depois do nº 20, mas tive o cuidado de não numerar o Mundo ou Universo de outra forma que não

como 21. Onde quer que deva ser colocado, o Zero é uma carta sem número.

2 Para concluir esta parte, darei estas indicações adicionais a respeito do Louco, que é o mais expressivo de todos os símbolos. Ele significa a jornada para fora, o estado da primeira emanação, as graças e a passividade do espírito. Sua bolsa traz sinais pouco nítidos, para mostrar que muitas lembranças subconscientes estão guardadas na alma.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, § 1 — ARCANOS MAIORES E MENORES

✦

1 Em sua apresentação habitual, a ponte entre os Arcanos Maiores e Menores é fornecida pelas cartas da corte — Rei, Rainha, Cavaleiro e Escudeiro ou Valete; mas seu caráter convencional mostra como são completamente distintas dos Trunfos Maiores.

1.2 Que o leitor as compare com símbolos como o Louco, a Sacerdotisa, o Hierofante ou — quase sem exceção — com qualquer um da sequência anterior, e compreenderá o que quero dizer.

1.3 Não há nenhuma ideia especial ligada, à primeira vista, às cartas comuns da corte; elas são uma ponte de convenções, que fazem a transição para os simples pretextos das peças de contagem e das séries de dez dos números que se seguem. Parece que deixamos inteiramente para trás a região dos significados superiores ilustrados por imagens vivas.

1.4 Houve um período, porém, em que as cartas numeradas também eram imagens, mas esses recursos eram invenções esporádicas de determinados artistas e eram ou desenhos convencionais de natureza típica ou alegórica, distintos do que se entende por simbolismo, ou ilustrações — digamos assim — de modos, costumes e épocas.

1.5 Eram, em uma palavra, adornos, e, como tais, nada faziam para elevar o significado dos Arcanos Menores ao plano dos Trunfos Maiores; além disso, essas variações são extremamente poucas.

1.6 Apesar disso, há rumores vagos a respeito de um significado superior nas cartas menores, mas até agora nada veio à tona, mesmo dentro da esfera de prudência própria dos círculos mais ocultos; estes, é verdade, têm certas variantes quanto aos valores divinatórios, mas não ouvi dizer que, na prática, ofereçam resultados melhores.

1.7 Esforços como os de Papus em O Tarô dos Boêmios são vigorosos e meritórios à sua maneira; ele, em particular, reconhece os elementos da Imanência Divina nos Trunfos Maiores e procura acompanhá-los ao longo da extensa série das cartas menores, como se estas representassem filtrações do Mundo da Graça através do Mundo da Fortuna; mas só produz um esquema arbitrário de divisão que não consegue levar adiante e, por necessidade, acaba recorrendo a um esquema comum de adivinhação como substituto de uma justificativa para a existência dos Arcanos Menores.

1.8 Ora, estou praticamente na mesma posição; mas não farei aqui nenhuma tentativa de salvar a situação recorrendo às propriedades místicas dos números, como ele e outros tentaram.

1.9 Reconhecerei desde logo que os Trunfos Maiores pertencem às relações divinas da filosofia, mas tudo o que se segue pertence à leitura da sorte, pois nunca foi traduzido para outra linguagem; o caminho assim adotado dará à adivinhação, e se necessário até aos jogos de azar, as coisas que pertencem a esse mundo particular de habilidade, e reservará às suas funções próprias os assuntos que são de outra ordem.

1.10 Nesta introdução livre ao assunto em questão, só é necessário acrescentar que a diferença entre os cinquenta e seis Arcanos Menores e as cartas comuns de jogar é, em essência, pequena, não apenas porque a substituição de Copas por Corações, e assim por diante, constitui uma variação

acidental, mas também porque a presença de um Cavaleiro em cada um dos quatro naipes foi, em certa época, característica de muitos baralhos comuns, nos quais essa figura geralmente substituía a Rainha.

1.11 No Tarô retificado que ilustra este manual, todas as cartas numeradas dos Arcanos Menores — com exceção apenas dos Ases — são dotadas de figuras ou imagens para ilustrar — mas sem esgotar — os significados divinatórios a elas associados.

2 Algumas pessoas dotadas de faculdades de reflexão e discernimento acima do comum — não estou falando de clarividência — podem observar que, em muitos dos Arcanos Menores, os desenhos transmitem sugestões vagas que parecem ultrapassar os valores divinatórios declarados.

2.2 Convém evitar equívocos, esclarecendo de modo definitivo que, salvo em raros casos, e mesmo então apenas por acaso, as variações não devem ser consideradas sugestões de um simbolismo superior e além da adivinhação. Eu disse que esses Arcanos Menores não foram traduzidos para uma linguagem que transcenda a da leitura da sorte.

2.3 De fato, eu não estaria inclinado a considerá-los, em suas formas existentes, como pertencentes a outro domínio além desse; isso eu já disse; mas o campo das possibilidades divinatórias é inesgotável, segundo a hipótese dessa arte, e os sistemas de cartomancia em conjunto indicaram apenas os tópicos mais básicos dos significados associados aos emblemas em uso.

2.4 Quando as imagens, neste caso, vão além dos significados convencionais, devem ser tomadas como indícios de possíveis desenvolvimentos na mesma direção; e essa é uma das razões pelas quais os recursos pictóricos aqui associados às quatro séries de dez serão de grande ajuda à intuição.

2.5 Os meros poderes numéricos e as palavras isoladas dos significados são insuficientes por si sós; mas as imagens são como portas que se abrem para aposentos inesperados, ou como uma curva na estrada aberta, com uma ampla vista adiante.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, §§ 2–4 — SOBRE OS SIGNIFICADOS

✦

1 Os Arcanos Menores, também chamados de Quatro Naipes das Cartas de Tarô, serão agora descritos segundo suas respectivas classes, pelas imagens pertencentes a cada uma, e seus significados serão harmonizados a partir de todas as fontes.

2 Essas são as indicações dos Arcanos Menores no que diz respeito à arte divinatória, cuja natureza verídica parece depender de uma alternativa que pode ser útil expressar brevemente.

2.2 Os registros dessa arte são, por hipótese, os registros de descobertas feitas no passado com base na experiência; como tais, servem de guia à memória, e aqueles que conseguem dominar seus elementos podem — ainda por hipótese — dar interpretações com base neles. É um procedimento formal e automático.

2.3 Por outro lado, aqueles que têm dons de intuição, de segunda visão, de clarividência — chamemos como quisermos e pudermos — complementarão a experiência do passado com as descobertas de sua própria faculdade e falarão daquilo que viram nos pretextos dos oráculos. Resta apresentar, também brevemente, o significado divinatório atribuído pela mesma arte aos Trunfos Maiores.

3 Veremos que, exceto quando há uma sugestão irresistível transmitida pelo significado aparente, aquilo que a arte divinatória extrai dos Trunfos Maiores é, a meu ver, ao mesmo tempo artificial e arbitrário no mais alto

grau. Mas os mistérios da luz são de uma ordem, e os da fantasia, de outra. A atribuição de um aspecto de adivinhação da sorte a essas cartas é a história de uma impertinência prolongada.

4 Observaremos (1) que esses acréscimos têm pouca ligação com os desenhos das cartas a que se referem, pois estes correspondem aos valores especulativos mais importantes; (2) e, além disso, que os significados adicionais muitas vezes estão em desacordo com os apresentados anteriormente.

4.2 Todos os significados são, em grande parte, independentes uns dos outros, e todos são reduzidos, acentuados ou sujeitos a modificações e, às vezes, quase à inversão, conforme seu lugar em uma sequência. Quase não há critérios de avaliação em assuntos dessa natureza.

4.3 Suponho que, à medida que qualquer sistema desce das generalidades aos detalhes, ele naturalmente se torna mais precário; e, nos registros da adivinhação profissional, apresenta mais dos resíduos e da borra do assunto.

4.4 Ao mesmo tempo, as adivinhações baseadas na intuição e na segunda visão têm pouco valor prático, a menos que desçam da região dos universais à dos particulares; mas, na medida em que esse dom está presente em um caso específico, os significados particulares registrados pelos cartomantes do passado serão desconsiderados em favor da apreciação pessoal dos valores das cartas.

5 Isso já foi indicado. Parece necessário acrescentar as seguintes interpretações especulativas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, § 5 — CARTAS REPETIDAS NA TIRAGEM

✦

[1] Na Posição Natural

[2] 4 Reis = grande honra; 3 Reis = consulta; 2 Reis = conselho de menor importância.

[3] 4 Rainhas = grande debate; 3 Rainhas = engano por parte de mulheres; 2 Rainhas = amigos sinceros.

[4] 4 Cavaleiros = assuntos sérios; 3 Cavaleiros = debate animado; 2 Cavaleiros = intimidade.

[5] 4 Valetes = doença perigosa; 3 Valetes = disputa; 2 Valetes = inquietação.

[6] 4 Dezes = condenação; 3 Dezes = nova condição; 2 Dezes = mudança.

[7] 4 Noves = um bom amigo; 3 Noves = sucesso; 2 Noves = recebimento.

[8] 4 Oitos = revés; 3 Oitos = casamento; 2 Oitos = novo conhecimento.

[9] 4 Setes = intriga; 3 Setes = enfermidade; 2 Setes = notícias.

[10] 4 Seis = abundância; 3 Seis = sucesso; 2 Seis = irritabilidade.

[11] 4 Cincos = regularidade; 3 Cincos = determinação; 2 Cincos = vigílias.

[12] 4 Quatros = viagem próxima; 3 Quatros = um assunto para reflexão; 2 Quatros = insônia.

[13] 4 Três = progresso; 3 Três = unidade; 2 Três = calma.

[14] 4 Dois = contenda; 3 Dois = segurança; 2 Dois = acordo.

[15] 4 Ases = oportunidade favorável; 3 Ases = pequeno sucesso; 2 Ases = trapaça.

[16] Invertidas

[17] 4 Reis = rapidez; 3 Reis = comércio; 2 Reis = projetos.

[18] 4 Rainhas = má companhia; 3 Rainhas = gula; 2 Rainhas = trabalho.

[19] 4 Cavaleiros = aliança; 3 Cavaleiros = um duelo, ou confronto pessoal; 2 Cavaleiros = suscetibilidade.

[20] 4 Valetes = privação; 3 Valetes = ociosidade; 2 Valetes = sociedade.

[21] 4 Dezes = evento, acontecimento; 3 Dezes = decepção; 2 Dezes = expectativa justificada.

[22] 4 Noves = usura; 3 Noves = imprudência; 2 Noves = um pequeno lucro.

[23] 4 Oitos = erro; 3 Oitos = um espetáculo; 2 Oitos = infortúnio.

[24] 4 Setes = pessoas briguentas; 3 Setes = alegria; 2 Setes = mulheres de má reputação.

[25] 4 Seis = cuidado; 3 Seis = satisfação; 2 Seis = queda.

[26] 4 Cincos = ordem; 3 Cincos = hesitação; 2 Cincos = revés.

[27] 4 Quatros = passeios fora de casa; 3 Quatros = inquietação; 2 Quatros = disputa.

[28] 4 Três = grande sucesso; 3 Três = serenidade; 2 Três = segurança.

[29] 4 Dois = reconciliação; 3 Dois = apreensão; 2 Dois = desconfiança.

30 4 Ases = desonra; 3 Ases = devassidão; 2 Ases = inimigos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, § 6 — A ARTE DA ADIVINHAÇÃO PELO TARÔ

✦

1 Chegamos agora à parte final e prática desta divisão de nosso assunto: a maneira de consultar e obter oráculos por meio das cartas de Tarô. Os modos de proceder são bastante numerosos, e alguns deles são extremamente complexos. Deixo de lado estes últimos, porque as pessoas versadas nessas questões acreditam que o caminho da simplicidade é o caminho da verdade.

1.2 Deixo de lado também os procedimentos que foram republicados recentemente naquela seção de O Tarô dos Boêmios intitulada "O Tarô Divinatório"; ela pode ser recomendada, por seu devido valor, aos leitores que desejam ir além dos limites deste manual.

1.3 Apresento, em primeiro lugar, um processo breve que tem sido usado em particular há muitos anos na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda. Não creio que tenha sido publicado — certamente não em relação às cartas de Tarô; acredito que servirá a todos os propósitos, mas acrescentarei — como variação —, em segundo lugar, aquilo que costumava ser conhecido na França como os Oráculos de Julia Orsini.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, § 7 — UM ANTIGO MÉTODO CELTA

✦

1 Este modo de adivinhação é o mais adequado para obter uma resposta a uma pergunta específica. O Adivinho primeiro escolhe uma carta para representar a pessoa ou o assunto sobre o qual se faz a consulta. Essa carta é chamada de Significador. Se desejar descobrir algo relacionado a si mesmo, ele escolhe a que corresponde à sua descrição pessoal.

1.2 Deve-se escolher um Cavaleiro como Significador se o objeto da consulta for um homem de quarenta anos ou mais; um Rei deve ser escolhido para qualquer homem abaixo dessa idade; uma Rainha para uma mulher com mais de quarenta anos; e um Valete para qualquer mulher de idade inferior.

2 As quatro Cartas da Corte de Paus representam pessoas muito claras, com cabelos loiros ou castanho-avermelhados, pele clara e olhos azuis. As Cartas da Corte de Copas representam pessoas com cabelos castanho-claros ou loiros sem brilho e olhos cinzentos ou azuis. As de Espadas representam pessoas de olhos cor de avelã ou cinzentos, cabelos castanho-escuros e pele sem viço.

2.2 Por fim, as Cartas da Corte de Ouros correspondem a pessoas de cabelos castanho muito escuros ou pretos, olhos escuros e pele amarelada ou morena. Essas correspondências estão sujeitas, porém, à seguinte ressalva, que impedirá que sejam tomadas de maneira excessivamente convencional.

2.3 Em certas ocasiões, você pode se orientar pelo temperamento conhecido de uma pessoa; alguém de aparência muito escura pode ser muito enérgico e seria mais bem representado por uma carta de Espadas do que por uma de Ouros. Por outro lado, uma pessoa muito clara que seja indolente e letárgica deve corresponder a Copas, em vez de Paus.

3 Se for mais conveniente para a finalidade de uma adivinhação tomar como Significador o assunto sobre o qual se fará a consulta, deve-se escolher o Trunfo ou a carta menor cujo significado corresponda ao assunto. Suponhamos que a pergunta seja: Será necessário um processo judicial? Nesse caso, tome o Trunfo nº 11, ou a Justiça, como Significador.

3.2 Ele se refere a questões jurídicas. Mas, se a pergunta for: Terei sucesso em meu processo judicial?, uma das Cartas da Corte deverá ser escolhida como Significador. Depois, podem ser feitas adivinhações consecutivas para descobrir o andamento do próprio processo e seu resultado para cada uma das partes envolvidas.

4 Depois de escolher o Significador, coloque-o sobre a mesa, com a face para cima. Em seguida, embaralhe e corte o restante do baralho três vezes, mantendo as faces das cartas para baixo.

5 Vire a carta de cima, ou Primeira Carta do baralho; cubra o Significador com ela e diga: Isto o cobre. Essa carta mostra a influência que afeta de modo geral a pessoa ou o assunto da consulta, a atmosfera em que atuam as outras correntes.

6 Vire a Segunda Carta e coloque-a atravessada sobre a Primeira, dizendo: Isto o cruza. Ela mostra a natureza dos obstáculos na questão. Se for uma carta favorável, as forças contrárias não serão grandes, ou ela pode indicar

que algo bom em si não produzirá bons resultados nessa situação específica.

7 Vire a Terceira Carta; coloque-a acima do Significador e diga: Isto o coroa. Ela representa (a) o objetivo ou ideal do Consulente na questão; (b) o melhor que se pode alcançar nas circunstâncias, mas que ainda não se concretizou.

8 Vire a Quarta Carta; coloque-a abaixo do Significador e diga: Isto está abaixo dele. Ela mostra o fundamento ou a base da questão, aquilo que já se tornou realidade e que o Significador tomou para si.

9 Vire a Quinta Carta; coloque-a do lado do Significador de onde parte seu olhar e diga: Isto está atrás dele. Ela mostra a influência que acabou de passar ou que agora está desaparecendo.

10 N.B.—Se o Significador for um Trunfo ou qualquer carta menor da qual não se possa dizer que está voltada para um lado ou para o outro, o Adivinho deverá decidir, antes de começar a operação, para qual lado a considerará voltada.

11 Vire a Sexta Carta; coloque-a do lado para o qual o Significador está voltado e diga: Isto está diante dele. Ela mostra a influência que está entrando em ação e atuará no futuro próximo.

12 As cartas estão agora dispostas em forma de cruz, com o Significador — coberto pela Primeira Carta — no centro.

13 As quatro cartas seguintes são viradas em sequência e colocadas uma acima da outra, em uma linha, à direita da cruz.

14 A primeira delas, ou a Sétima Carta da operação, representa ele próprio — isto é, o Significador, seja pessoa ou coisa — e mostra sua posição ou atitude nas circunstâncias.

15 A Oitava Carta representa sua casa, isto é, seu ambiente e as tendências que nele atuam e afetam a questão — por exemplo, sua posição na vida, a influência dos amigos mais próximos e assim por diante.

16 A Nona Carta mostra suas esperanças ou seus temores em relação à questão.

17 A Décima é o que virá, o resultado final, o desfecho produzido pelas influências mostradas pelas outras cartas que foram viradas na adivinhação.

18 É nessa carta que o Adivinho deve concentrar especialmente suas faculdades intuitivas e sua memória dos significados divinatórios oficiais a ela atribuídos. Ela deve incorporar tudo o que você possa ter adivinhado a partir das outras cartas sobre a mesa, incluindo o próprio Significador e o que diz respeito à pessoa ou à coisa que ele representa, sem excluir os esclarecimentos sobre um significado mais elevado que possam cair como centelhas do céu, caso a carta que serve de oráculo, a carta a ser lida, seja um Trunfo Maior.

19 A operação está agora concluída; mas, se a última carta for de natureza duvidosa, da qual não se possa tirar uma decisão final, ou se não parecer indicar a conclusão definitiva da questão, pode ser conveniente repetir a operação, tomando, nesse caso, a Décima Carta como Significador, em lugar da que foi usada antes. O baralho deve ser novamente embaralhado e cortado três vezes, e as primeiras dez cartas devem ser dispostas como antes. Assim, pode-se obter uma descrição mais detalhada de "O que virá".

20 Se, em qualquer adivinhação, a Décima Carta for uma Carta da Corte, isso mostra que o assunto da adivinhação acaba nas mãos de uma pessoa representada por essa carta, e seu desfecho depende sobretudo dela. Nesse caso, também é útil tomar a Carta da Corte em questão como Significador em uma nova operação e descobrir qual é a natureza de sua influência na questão e a que resultado essa pessoa a conduzirá.

21 Pode-se adquirir grande facilidade com esse método em um tempo relativamente curto, levando sempre em conta os dons de quem o pratica — isto é, sua capacidade de percepção, latente ou desenvolvida —, e ele tem a vantagem especial de ser livre de qualquer complicação.

22 Acrescento aqui um diagrama das cartas dispostas nesse modo de adivinhação. Aqui, o Significador está voltado para a esquerda.

23 O Significador.
1. O que o cobre.
2. O que o cruza.
3. O que o coroa.
4. O que está abaixo dele.
5. O que está atrás dele.
6. O que está diante dele.
7. Ele próprio.
8. Sua casa.
9. Suas esperanças ou seus temores.
10. O que virá.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, § 8 — UM MÉTODO ALTERNATIVO

✦

1 Embaralhe todo o baralho e gire algumas das cartas, de modo que fiquem de cabeça para baixo.

2 Peça ao Consulente que corte o baralho com a mão esquerda.

3 Distribua as primeiras quarenta e duas cartas em seis montes de sete cartas cada, com a face para cima, de modo que as primeiras sete cartas formem o primeiro monte, as sete seguintes o segundo, e assim por diante — como no diagrama a seguir:—

4 6º monte | 5º monte | 4º monte | 3º monte | 2º monte | 1º monte

5 Pegue o primeiro monte; disponha as cartas sobre a mesa em uma fileira, da direita para a esquerda; coloque as cartas do segundo monte sobre elas e depois as dos montes restantes. Você terá, assim, sete novos montes de seis cartas cada, dispostos da seguinte forma—

6 7º monte | 6º monte | 5º monte | 4º monte | 3º monte | 2º monte | 1º monte

7 Pegue a carta de cima de cada monte, embaralhe essas cartas e disponha-as da direita para a esquerda, formando uma linha de sete cartas.

8 Depois, pegue as duas cartas seguintes de cada monte, embaralhe-as e disponha-as em duas linhas abaixo da primeira.

9 Pegue as vinte e uma cartas restantes dos montes, embaralhe-as e disponha-as em três linhas abaixo das outras.

10 Você terá, assim, seis linhas horizontais de sete cartas cada, dispostas da seguinte maneira.

11 1ª linha
7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1
2ª linha
7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1
3ª linha
7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1
4ª linha
7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1
5ª linha
7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1
6ª linha
7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1

12 Neste método, o Consulente — se for do sexo masculino — é representado pelo Mago, e, se for do sexo feminino, pela Sacerdotisa; mas a carta, em ambos os casos, só é retirada do baralho depois que as quarenta e duas cartas tiverem sido dispostas conforme as instruções acima.

12.2 Se a carta necessária não estiver entre as que foram colocadas sobre a mesa, deve ser procurada entre as trinta e seis cartas restantes, que não foram distribuídas, e colocada a uma pequena distância à direita da primeira linha horizontal.

12.3 Por outro lado, se estiver entre elas, também será retirada e colocada como indicado, e uma carta será tirada ao acaso das trinta e seis cartas não distribuídas para preencher o lugar vazio, de modo que continuem dispostas sobre a mesa quarenta e duas cartas.

13 As cartas são então lidas em sequência, sempre da direita para a esquerda, começando pela carta nº 1 da linha superior, sendo a última a ser lida a que está na extremidade esquerda, ou nº 7, da linha inferior.

14 Este método é recomendado quando não se faz nenhuma pergunta definida — isto é, quando o Consulente deseja saber, de modo geral, sobre o curso de sua vida e de seu destino. Se ele deseja saber o que poderá acontecer dentro de determinado período, esse período deve ser claramente especificado antes de se embaralharem as cartas.

15 Ainda quanto à leitura, deve-se lembrar que as cartas precisam ser interpretadas em relação ao assunto, o que significa que todos os significados oficiais e convencionais das cartas podem e devem ser adaptados para se harmonizar com as condições do caso específico em questão — a posição, a fase da vida e o sexo do Consulente, ou da pessoa para quem se faz a consulta.

16 Assim, o Louco pode indicar toda a gama de estados mentais entre a simples excitação e a loucura, mas o estado específico em cada adivinhação deve ser julgado considerando-se a tendência geral das cartas, e nisso, naturalmente, a faculdade intuitiva desempenha um papel importante.

17 É bom, no início de uma leitura, percorrer depressa as cartas, para que a mente receba uma impressão geral do assunto — a tendência do destino — e depois recomeçar, lendo-as uma a uma e interpretando-as em detalhe.

18 Deve-se lembrar que os Trunfos representam forças mais poderosas e imperiosas — segundo a hipótese do Tarô — do que as que podem ser atribuídas às cartas menores.

19 O valor das faculdades intuitivas e de clarividência é, naturalmente, pressuposto na adivinhação. Quando essas faculdades estão naturalmente presentes ou foram desenvolvidas pelo Adivinho, a disposição fortuita das cartas forma um elo entre sua mente e a atmosfera do objeto da adivinhação, e então o resto é simples.

19.2 Quando a intuição falha ou está ausente, a concentração, a observação intelectual e a dedução devem ser usadas ao máximo para obter um resultado satisfatório. Mas a intuição, mesmo que aparentemente adormecida, pode ser cultivada pela prática desses processos de adivinhação.

19.3 Em caso de dúvida quanto ao significado exato de uma carta em determinado contexto, aqueles que conhecem bem o assunto recomendam ao Adivinho que coloque a mão sobre ela, tente evitar pensar no que ela deveria significar e observe as impressões que surgem em sua mente.

19.4 No início, isso provavelmente se reduzirá a meros palpites e poderá mostrar-se incorreto, mas, com a prática, torna-se possível distinguir entre um palpite da mente consciente e uma impressão que surge da mente subconsciente.

20 Não me cabe oferecer sugestões teóricas ou práticas sobre este assunto, no qual não tenho participação, mas os acréscimos a seguir foram contribuídos por alguém que tem mais autoridade para falar do que todos os cartomantes da Europa, se pudessem embaralhar com um único par de mãos e adivinhar com uma só língua.

21 Notas sobre a prática da adivinhação

22 1. Antes de começar a operação, formule sua pergunta de maneira definida e repita-a em voz alta.

23 2. Deixe sua mente o mais vazia possível enquanto embaralha as cartas.

24 3. Afaste da mente, tanto quanto possível, as inclinações pessoais e as ideias preconcebidas, ou seu julgamento será influenciado por elas.

25 4. Por esse motivo, é mais fácil adivinhar corretamente para um desconhecido do que para si mesmo ou para um amigo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE III, § 9 — O MÉTODO DAS 35 CARTAS

✦

1 Quando a leitura termina, segundo o esquema apresentado no último método, pode acontecer — como no caso anterior — que algo permaneça duvidoso, ou pode haver o desejo de aprofundar a questão, o que se faz da seguinte maneira.

2 Pegue as cartas não distribuídas que sobraram, por não terem sido usadas na primeira operação com 42 cartas. Estas últimas são postas de lado em uma pilha, com a carta do Consulente no topo, com a face para cima. As trinta e cinco cartas, depois de embaralhadas e cortadas como antes, são distribuídas em seis montes da seguinte maneira:—

3 O Monte I consiste nas primeiras Sete Cartas; o Monte II consiste nas Seis Cartas seguintes, em ordem; o Monte III consiste nas Cinco Cartas seguintes; o Monte IV contém as próximas Quatro Cartas; o Monte V contém Duas Cartas; e o Monte VI contém as últimas Onze Cartas. A disposição será então a seguinte:—

4

Monte VI.	Monte V.	Monte IV.	Monte III.	Monte II.	Monte I.
11 cartas	2 cartas	4 cartas	5 cartas	6 cartas	7 cartas

5 Pegue esses montes sucessivamente; distribua as cartas que eles contêm em seis linhas, que serão necessariamente de comprimentos desiguais.

6 A Primeira Linha representa a casa, o ambiente e assim por diante.

7 A Segunda Linha representa a pessoa ou o assunto da adivinhação.

8 A Terceira Linha representa o que está acontecendo fora, acontecimentos, pessoas etc.

9 A Quarta Linha representa uma surpresa, o inesperado etc.

10 A Quinta Linha representa consolo e pode atenuar tudo o que houver de desfavorável nas linhas anteriores.

11 A Sexta Linha é a que deve ser consultada para esclarecer os oráculos enigmáticos das outras; separada delas, não tem importância.

12 Todas essas cartas devem ser lidas da esquerda para a direita, começando pela linha superior.

13 Para concluir esta parte sobre adivinhação, deve-se dizer que não há método de interpretação das cartas do Tarô que não seja aplicável às cartas comuns de baralho, mas considera-se que as figuras adicionais da corte, e sobretudo os Trunfos Maiores, aumentam os elementos e os valores dos oráculos.

14 E agora, para concluir todo o assunto, deixei para estas últimas palavras — como uma espécie de epílogo — mais um ponto, o último. Trata-se do sentido em que considero os Trunfos Maiores como portadores de uma Doutrina Secreta. Não quero dizer aqui que conheço ordens e fraternidades nas quais tal doutrina está guardada e ali constitui parte de um conhecimento superior do Tarô.

14.2 Não quero dizer que tal doutrina, assim preservada e transmitida, possa ser concebida como contida de forma independente nos Trunfos Maiores. Não quero dizer que seja algo separado do Tarô. Existem associa-

ções que possuem conhecimentos especiais de ambos os tipos; parte deles é deduzida do Tarô e parte é independente dele; em ambos os casos, a essência é a mesma.

14.3 Mas também há coisas mantidas em reserva que não se encontram em ordens ou sociedades, e que são transmitidas de outra maneira. Independentemente de qualquer herança desse tipo, que qualquer pessoa que seja mística considere, separadamente e em conjunto, o Mago, o Louco, a Sacerdotisa, o Hierofante, a Imperatriz, o Imperador, o Enforcado e a Torre.

14.4 Que considere então a carta chamada Juízo Final. Elas contêm a lenda da alma. Os outros Trunfos Maiores são os detalhes e — como se poderia dizer — os acidentes. Talvez essa pessoa comece a compreender o que está muito além desses símbolos, sejam quais forem seus primeiros criadores e a maneira como foram preservados.

14.5 Se isso acontecer, ela também verá por que me ocupei do assunto, mesmo correndo o risco de escrever sobre adivinhação pelas cartas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0